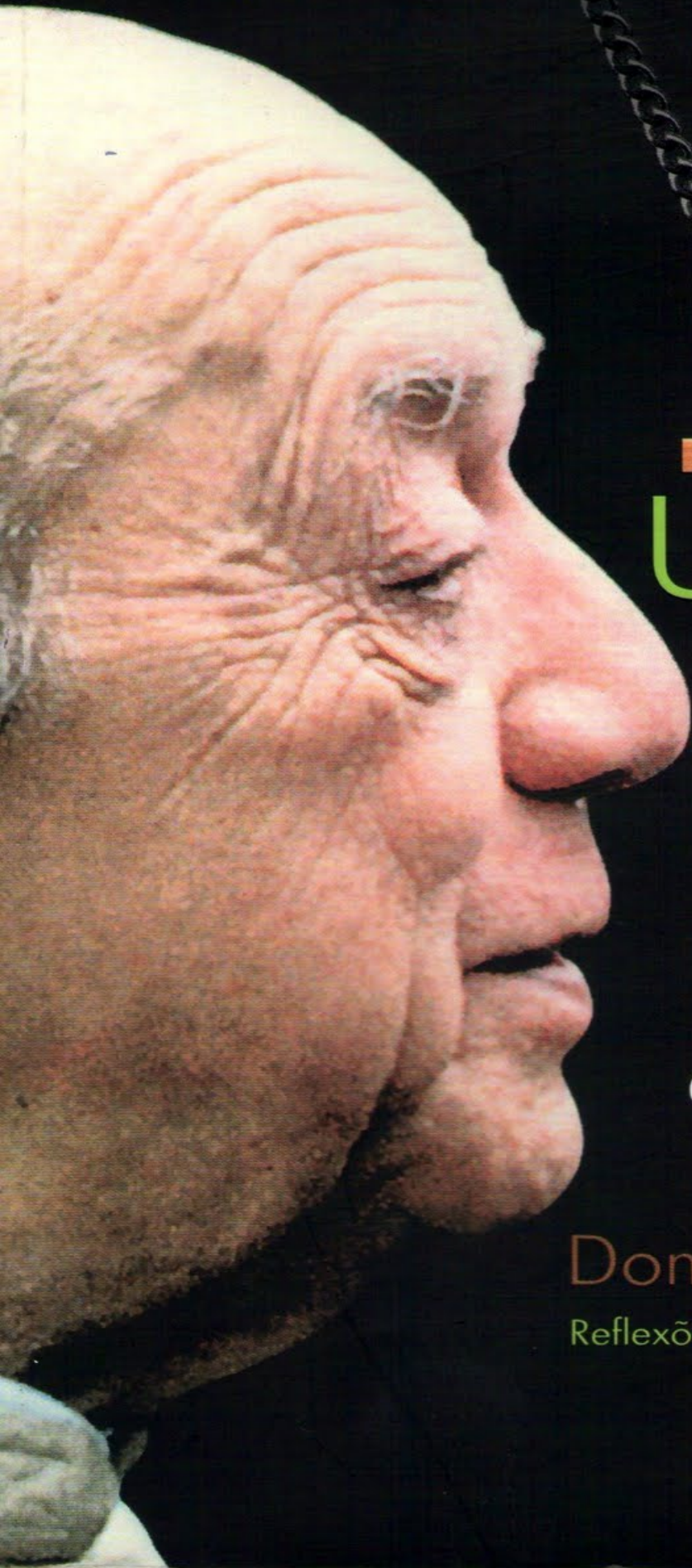


# NOVAS



# UTOPIAS

Carlos Pereira

Espírito  
Dom Helder Câmara  
Reflexões de um padre depois da morte

 LUMINUS

# NOVAS UTOPIAS

CARLOS PEREIRA

Espírito

DOM HELDER CAMARA

Reflexões de um padre depois da  
morte

Novas Utopias traz de volta a figura notável de Dom Hélder Camara, agora na condição espiritual. E a coletânea de 52 textos ditados pela psicografia de Carlos Pereira. Os textos revelam as reflexões de um religioso que mesmo depois da morte não aposentou sua luta em defesa da causa dos mais humildes e contra as injustiças sociais, além de avaliar as principais ansiedades humanas, tendo sempre como referência sua profunda religiosidade e sua coerência com os ensinamentos cristãos.

Nos textos, Dom Hélder Camara revela-se, como era habitual, urna alma inquieta; questionador dos paradoxos do dia-a-dia; inconformado com o status quo; e provocante, no sentido de suscitar no leitor uma atitude de mudança.

Novas Utopias é um livro instigante porque traz ao debate a temática da imortalidade do ser, da dimensão transcendental e da relação intermundos, a espiritual e a física, independentemente da crença religiosa.

"Por acreditar firmemente numa vida nova, numa vida

diferente, achavam-me alguns um lunático. Outros, mais condescendentes, um visionário. Nem uma coisa nem outra, apenas trabalhava com a realidade divina nas nossas vidas. (...) se a isso alguns gostariam de denominar, a minha enorme crença em Deus e num futuro diferente do que vivia, de utopia, pode crer que sim. A utopia é a essência da crença divina em nossas vidas. Sem a utopia, os homens já teriam deixado de existir há muito tempo."

Dom Hélder Camara, em *Novas Utopias*.

Dom Hélder Pessoa Camara nasceu em 07 de fevereiro de 1909, em Fortaleza, no Ceará, de uma família de treze irmãos. Ordenou-se padre aos 22 anos de idade. Em 1936 vai para o Rio de Janeiro, onde se torna Bispo-auxiliar em 1952, ano em que cria a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da qual é seu Secretário-Geral por doze anos. Em 1964 é nomeado Arcebispo de Olinda e Recife.

Durante o período do regime militar, Dom Hélder Camara foi perseguido e, inclusive, proibido de ter seu nome citado na imprensa brasileira durante sete anos. Defensor dos direitos humanos e com repercussão internacional, Dom Hélder teve seu nome cogitado para o Prêmio Nobel d Paz em 1970.

Autor de diversos livros, a maioria ensaios e reflexões sobre a Igreja e o Terceiro Mundo, Dom Hélder Camara também recebeu 32 títulos de Doctor Honoris Causa de universidades de todo o mundo, além de diversos prêmios e distinções.

Desencarnou em 27 de agosto de 1999, aos 90 anos, no Recife. Seu corpo está enterrado na Igreja da Sé, em Olinda.

# Novas Utopias

Reflexões de um padre após a morte.

Carlos Pereira

*pelo Espírito Dom Hélder Câmara.*



LUMINUS.  
ILUMINANDO  
CORAÇÕES



*Aos meus irmãos de todas as crenças e culturas, aos meus companheiros de lide da Igreja que abraçamos, aos meus amigos do coração, aos meus ouvintes que acompanharam os nossos relatos matinais, a todos que estiveram próximos de mim e de meus pensamentos e escritos, convido a todos para se juntarem a grande cruzada da esperança. A cruzada que é liderada pelo Cristo, mas que abraça, de igual para igual, a todos e a todas as fés. Abracem comigo esta nova causa que, a bem da verdade, não é tão nova assim, porque é aquela que foi levantada há mais de dois mil anos: a cruzada pelo amor.*

## ***Sumário***

***Prefácio - Inácio Strieder***

*Apresentação - A luz que vem do outro - Marcelo Barros*

*Novas utopias, o mesmo Dom Hélder - Jordana Gonçalves  
Leão*

*Muitas razões para escrever - Carlos Pereira*

*Entrevista com Dom Hélder - Realizada pelos Editores*

### *1. Ação de amor*

Quando nos dedicamos ao outro, despojadamente, fazendo o melhor de nós, estamos construindo o amor de Deus na Terra

### *2. Diante das adversidades*

Se imaginas que atirando uma bala nos miolos desaparecerão os seus problemas, isto é um ledo engano.

### *3. Os construtores da Nova Era*

O homem fala que está tudo errado, mas se nega a ver os próprios erros

### *4. A verdadeira natureza humana*

Até quando viveremos a perguntar aos homens por que ele insiste tanto em algo que já se demonstrou, por experiência do dia-a-dia, que não lhe levará a nada?

### *5. Confiança em Deus*

Tudo, sem exceção, tem um encaixe perfeito no plano de Deus. Se não há harmonia no construir das coisas então isto não vem de Deus

### *6. A harmonia nas diferenças*

Tenha consciência de que você não possui a fé verdadeira unicamente

### ***7. O valor do dinheiro***

Um homem que crê, tão-somente, nos valores materiais, é pobre

### ***8. Deus é implacável?***

Deus age certo, sempre age certo no seu senso de justiça e sabedoria, mas a nossa condição de entendimento ainda é muito limitada

### ***9. Desesperança***

Se os políticos soubessem a dimensão que alcança as suas palavras pensariam duas vezes antes de pronunciá-las, mas a sede de poder, de mandar, faz muita gente cometer impropérios com a língua

### ***10. O valor do tempo***

Não adianta fugir a estas máximas divinas, meus caros, tempo é ouro sim e dos bons

### ***11. Destino***

Quando procuramos a Deus procuramos, no fundo, a nós mesmos, porque a nossa essência, sendo divina, possibilita um desabrochar de oportunidades nas nossas vidas.

### ***12. A paciência***

Quem está atento à vida, ao que ela ensina diariamente, não tem pressa

### ***13. O sonho da eternidade***

Eu que sempre preguei a vida depois da vida, agora tenho a possibilidade de dizê-la claramente: ela existe sim. Não é uma fábula, é uma realidade concreta, impressionável.

### ***14. A busca da verdade***

A verdade ainda é fugaz ao domínio humano

### ***15. A necessidade do perdão***

O caminho do perdão não é tão difícil se entendemos, ou procurarmos entender, as razões pelas quais alguém nos cometeu um crime moral

### ***16. O grito dos excluídos***

O ser humano foi criado para a felicidade. A felicidade é um direito de todos e não apenas de alguns. Mas hoje, infelizmente, excluímos irmãos do seu direito sagrado de ser feliz

### ***17. A força do perdão***

Somente o bem pode vencer o mal

### ***18. Desarme-se, irmão!***

Penso que o homem tem medo de outro homem porque tem medo de si mesmo

### ***19. Diante da morte***

Para aquele que não teme a morte, que confia sinceramente, o que reza as Escrituras Sagradas, a morte não deve causar qualquer tipo de medo

### ***20. Após a morte***

Por mais que alguém esteja razoavelmente bem informado das coisas espirituais haverá sempre de aprender algo mais.

### ***21. O prazer de servir***

Só vive realmente bem aquele que se deixa impressionar pela dor do outro, como se ela fosse a sua própria dor.

### ***22. Presença de Deus***

Escrever onde escrevia. Meditar onde elucubrava pensamentos para o amanhã e agora refazê-lo noutra condição. Somente os mistérios dos desígnios do Pai para isso

### ***23. Dia negro***

Diante desta realidade pós-vida física, diante da multiplicidade de experiências que obtemos, como ainda pensar em supremacia racial?

#### ***24. Consciência Social***

Enquanto os homens não se enxergarem como uma grande rede divina não conseguirão ser felizes na vida social.

#### ***25. Onde está Deus?***

A identidade de Deus, que nos é inerente, se revela nas pequenas como nas grandes coisas

#### ***26. A grandeza do amor***

É o amor que move o mundo, não tenham a menor dúvida disso

#### ***21. A humanização do mercado***

O homem precisa urgentemente, sob pena de ver crescer a violência e os distúrbios de toda ordem, humanizar o mercado

#### ***28. Receita da felicidade***

(...) a verdadeira felicidade não pertence a este mundo, deveríamos, cada vez mais, nos esforçar em conquistar aquilo que nos traga a satisfação espiritual

#### ***29. Bendita oração***

O homem precisa calar a alma para deixar que o Pai fale mais alto dentro de si

#### ***30. Confiança no amanhã***

Não há aquele, por mais simples que pareça ser, que não seja coberto pelo olhar de Deus

#### ***31. Outra realidade é possível***

Porque acreditamos num Pai Amantíssimo não podemos acreditar nunca que a realidade que vivemos é definitiva e pronto

### ***32. Solidariedade planetária***

A presença do Cristo nas relações internacionais se dará quando enxergarmos no ambiente das negociações o traço insofismável da solidariedade

### ***33. A conquista da paz***

Não há como conseguir a paz sem o exercício do amor. 189

### ***34. Nossa Senhora***

Minha querida Mãe de Jesus, teus ombros suportam a dor do mundo

### ***35. Verbos divinos***

Ah! Quantos homens são vítimas do verbo explorar. Aliás, este tem sido o verbo conjugado por excelência ultimamente

### ***36. Menino Jesus***

Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de transformação da sociedade

### ***37. O papel do Papa***

E daquele, muitas vezes, que pouco se espera, que Deus escolhe para fazer a sua obra redentora

### ***38. Amor Fraternal***

Não há exemplo mais claro de amor fraternal do que o amor que Jesus, o Nosso Senhor, dedicou a toda a humanidade.

### ***39. Confissões de Padre José***

Considero que sou bem pouco do que deveria ser, mas como estou contigo, sei que me agigantarei porque contigo ampliam-me grandemente todas as possibilidades do existir.

### ***40. Pela paz ambiental***

Não nos acostumemos com aquilo que pode ser cómodo, mas não nos é saudável

#### ***41. Coragem***

A coragem primeira é enfrentar os nossos anseios, os nossos vícios, a nossa dissensão com o bem, os nossos males morais

#### ***42. O mundo das drogas***

As drogas representam, em última análise, uma ausência de Deus

#### ***43. Conversão***

Conversão é, acima de tudo, consciência e transformação.

#### ***44. Comunhão***

Nos dias corridos da atualidade, se ouve mais uma televisão do que um ser humano

#### ***45. Sensibilidade***

Sem a sensibilidade aguçada passamos pelo mundo e não vemos o mundo

#### ***46. Revolução espiritual***

Se percebermos direito, de todas as direções, seja da nossa Santa Igreja, seja do Budismo ou mesmo do Espiritismo, de todos os lados, o clamor pelo espiritual é cada vez mais crescente, e que assim seja

#### ***47. Estado de paz***

Quando os homens descobrirem o sentido real da vida estarão dando passos significativos para a conquista da paz.

#### ***48. Verdades inadiáveis***

Não é fácil admitir um erro, muito difícil é, porém, sair dele depois que se sustenta, de toda forma, uma mentira ou engano

#### ***49. Santa Missa***

Ah! Se as pessoas soubessem o que se dá numa Santa Missa na perspectiva da espiritualidade

### ***50. Terra da promessa***

Não deixemos a oportunidade que agora o Pai nos concede de reverter as nossas vidas em sua direção

### ***51. Dias melhores***

Acerca do regime militar que enfrentei em meus dias de Arcebispo, digo que foram os dias mais gloriosos da minha existência

### ***52. Agradecimento***

Agradeço, emocionado, a Nosso Senhor Jesus Cristo que do lado de cá continua o seu trabalho incansável pela regeneração de todos os homens e mulheres da Terra.

## ***Prefácio***

O livro em suas mãos, caro leitor, se apresenta como tendo dois autores: um material e outro espiritual. Como autor material, Carlos Pereira mediunicamente objetivou o texto; como autor espiritual, as mensagens brotam do espírito de Dom Hélder Camara que, de 1964-1985, foi arcebispo de Olinda e Recife/Pernambuco.

Vejo este livro como um fenômeno, que manifesta um dos mistérios da existência do ser humano, inserido neste maravilhoso mundo, expressão de nosso Deus, Pai e Criador Universal. Em relação a estes mistérios, dizia o filósofo Blaise Pascal: *"Há mais mistérios no céu e na terra do que imagina nossa vã filosofia"*.

Em suas meditações, Dom Hélder, não poucas vezes, reflete sobre o sentido da morte como uma passagem para um mundo de Deus mais amplo, mais maravilhoso, mais

espiritual. Como lhe ensinara a teologia, a vida continua após a vida terrena. Mas a teologia não tem o poder de nos comunicar os detalhes desta nova vida que nos aguarda após nosso estágio neste mundo. Enquanto aqui estamos, aguardamos uma grande surpresa ao passarmos para o mundo espiritual. Como o ser humano, por essência, é um ser curioso, acreditando, desde tempos remotos, na existência deste mundo espiritual, ele não se contenta em passivamente esperar por ele. Quer, já agora, participar desta realidade que o espera. Mas, como este mundo não lhe é acessível diretamente pelos sentidos, busca contactá-lo através de sua dimensão espiritual, que constitui a profundidade de seu ser. Neste esforço, o imaginário do homem não tem limites em construir representações de como seria o mundo espiritual, no qual habitará quando seu espírito se desligar do corpo material.

Tanto as mitologias, como as religiões históricas falam deste mundo do além.

Muitas doutrinas ensinam que do mundo espiritual se tornarão transparentes as obscuridades do nosso mundo material. Lá não existiriam mais injustiças, desigualdades e opressões. Lá seríamos o que somos, sem falsidades e hipocrisias. A vida terrena seria uma preparação para a vida no mundo espiritual; por isto, lá viveríamos em continuidade de nossa vida, de nossas obras deste mundo terreno. Dali surgem descrições de dimensões e níveis diferenciados de vida espiritual.

Para descrever isto, os judeus falam na existência do *sheol*, os gregos no *hades*, os cristãos no *céu* e no *inferno*. Mas, como estes "lugares" não satisfazem o imaginário de todos os curiosos em relação à vida no além, há os que insistem também na existência do *purgatório*, do *limbo* e "n" subcompartimentos nestes lugares. Além disso, o homem sempre manifestou a curiosidade em relação aos habitantes

do mundo espiritual, eles continuariam a se interessar por nosso mundo material, ou, na passagem deste para o outro, aconteceria uma ruptura total!

Nesta polêmica, há posicionamentos radicais que proíbem qualquer tentativa de contato com o mundo dos "mortos". Outros sugerem que nosso mundo terreno é governado pelos "mortos", sem que isto, no entanto, possa ser identificado claramente por nossa razão.

Já que este livro propõe como autor espiritual um representante da Igreja Católica, interessa aqui, de modo particular, o que a Teologia Católica propõe em relação a esta questão.

Embora a doutrina católica ensine que exista uma diferença essencial entre a vida terrena e a vida "pós-morte", contudo descreve a totalidade da Igreja como sendo composta pelos cristãos militantes (os que ainda vivem na terra); pelos cristãos triunfantes (os que partiram desta vida, e são os justos junto de Deus); e pelos cristãos padecentes (que já partiram desta terra, mas ainda estão se purificando). A relação entre estes cristãos se denomina "comunhão dos santos". Mas como "igreja" significa comunidade, há uma intercomunicação entre os membros da "igreja terrena" e a "igreja celeste". Os denominados "santos" (os que viveram nesta terra e vivem junto a Deus) se manifestam, agem "milagrosamente" neste mundo, nos protegem e nos inspiram. Claro, há uma diferença de compreensão entre as manifestações mediúnicas no espiritismo e as manifestações de Deus e dos santos no catolicismo. Mas a distância de compreensão não é abissal. Embora a presença espiritual entre nós, daqueles que nos precederam, permaneça um mistério, contudo, no meu entender, como cristão, de tradição católica, vejo com muito respeito o fenômeno mediúnico. É um fenômeno real, mas enigmático. Ele se

manifesta em arte, em literatura, em gestos humanos de vida caridosa e espiritual.

Como interpretá-lo?

Com certeza é um fenômeno edificante, não redutível a uma lógica racionalista cartesiana. Psicologicamente seria a manifestação de conteúdos do nosso inconsciente profundo.

Para os espíritas, as mensagens mediúnicas são manifestações de espíritos desencarnados, que, no lado de lá, se preocupam com o mundo de cá, e nos enviam ensinamentos, recados, advertências e orientações.

Seja como for a interpretação, o fato é que a literatura mediúnica, com autores espirituais e médiuns, deve ser dimensionada pela profundidade e pureza das mensagens que nos comunica. Neste sentido, vejo este livro do médium Carlos Pereira, que nos comunica mensagens de Dom Hélder Camara, que de seu plano espiritual vem ao nosso mundo terreno, como algo muito precioso, digno de ser lido por qualquer um que queira progredir em sua espiritualidade.

Dom Hélder, com certeza, durante a sua vida terrena, cumpriu a missão que Deus dele esperava, quando lhe concedeu a vida. Viveu como profeta, anunciando a Boa Nova de Deus, e denunciando o que afasta os homens do reto caminho. Preocupou-se com tudo o que diminui o ser humano como "imagem e semelhança de Deus" e incentivou a todos a viverem de acordo com os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo. Neste sentido, Dom Hélder demonstrou uma força espiritual muito grande. Viajou pelo mundo inteiro, dialogando com os homens das mais diversas filosofias. Encontrou-se com budistas, protestantes, cristãos de diversas denominações, ateus e agnósticos. Falou com reis e rainhas, com clérigos e leigos, com os representantes das Nações Unidas. Foi premiado, homenageado, mas também perseguido. No tempo da

Ditadura militar, no Brasil, a sua residência, na Igreja das Fronteiras, no Recife, foi metralhada. Auxiliares seus foram presos; seu auxiliar, Pe. Henrique, foi torturado, morto e jogado no Campus da Universidade Federal de Pernambuco. Mesmo assim, Dom Hélder persistiu em sua missão de pregar a justiça, a paz, a dignidade de todos os seres humanos, a fraternidade universal, a tolerância religiosa e étnica, denunciando as torturas, as explorações, os gastos fabulosos com armamentos, a exploração dos países pobres pelos países ricos, as desigualdades entre os homens, o absurdo das guerras.

Finalmente, a sua grande utopia era o sonho de um mundo sem miséria. Que nem lhe parecia tão utópico, pois a terra oferece alimentos suficientes para todos os homens, mas a ganância dos donos das economias não permite uma distribuição adequada destes bens com que Deus beneficia o nosso planeta. A força desta mensagem profética de Dom Hélder já demonstrou, mesmo durante a sua vida terrena, que ele não era apenas um sacerdote da Igreja Católica. Na verdade, ele sempre se demonstrou um sacerdote da humanidade. Por isto mesmo, agora no mundo espiritual, Dom Hélder não é propriedade de ninguém. Assim como o espírito de Deus, "ele sopra onde quer". Melhor dito, ele se manifesta para além de qualquer religião, lá onde estiverem homens de boa vontade, com os corações abertos para acolherem sua mensagem espiritual.

Caro leitor, o livro que está em suas mãos, não me parece ter a finalidade de lhe comunicar ensinamentos novos ou verdades definitivas. Ele se propõe a reforçar, agora com uma linguagem espiritualizada, a mensagem que Dom Hélder viveu e pregou no decorrer de sua vida terrena. Muito interessante seria, para quem quisesse conhecer melhor a vida e a obra de Dom Hélder e quisesse testar a proximidade das mensagens deste livro com o que Dom

Hélder escreveu em suas múltiplas poesias, discursos, palestras, meditações e livros, que entrasse em contato com o CEDoCH (Centro de Documentação Hélder Camara), no Recife/PE-Brasil, que conserva todos os escritos e memória da vida terrena de Dom Hélder Camara. Durante a pesquisa pode-se absorver mais profundamente a sua espiritualidade.

Conforme declaração do médium Carlos Pereira, este escrito não se dirige especificamente a leitores espíritas, mas a todos que queiram comungar com o mundo espiritual de Dom Hélder, um verdadeiro profeta do século XX e um sacerdote da humanidade.

Que todos se identifiquem espiritualmente com as mensagens espirituais deste livro.

Que Deus nos abençoe.

*Inácio Strieder.  
Filósofo e Teólogo.*

## *Apresentação*

### A luz que vem do outro

Todo livro é um diálogo entre quem escreve e quem lê. Entretanto, este que, agora, você tem nas mãos é, especialmente, um exercício espiritual de diálogo, porque se apresenta como um livro psicografado. Tem um autor espiritual que é Dom Hélder Camara que o ditou ao irmão Carlos Pereira, fiel intérprete e obediente escrivão destas sábias páginas.

Prefaciando um livro é referendá-lo e aceitar ser para o autor como um paraninfo que o introduz em um novo círculo de relações. Normalmente quem faz o prefácio é sempre um autor mais famoso e consagrado que apresenta aos leitores um outro que precisa ser apresentado. Ao pensar que o autor deste livro é meu mestre e pastor Dom Hélder Camara, senti-me incapacitado de escrever um prefácio para esta obra. Entretanto, o irmão Carlos Pereira me pediu e ele deve saber o que está fazendo. Quando o mistério é grande demais, o jeito é deixar-se envolver por seu encanto e buscar espiritualmente a lição que Deus nos dá através do desconhecido. A realidade tem sempre diversas faces e epifanias. O mesmo fato pode ser visto e interpretado, ao menos, por dois ou mais lados. O Judaísmo acredita que tudo na Bíblia, até a lei divina, é passível de interpretações divergentes. Conforme a tradição judaica, um dia, um discípulo perguntou a um santo rabino porque, no monte Sinai, para escrever sua lei, Deus precisou de duas tábuas de pedra e não só de uma única. O rabino respondeu: - Para que se saiba que há, ao menos, duas interpretações válidas para cada lei.

Quem, em sua fé, aceita o fenômeno da psicografia, não procura provas nem busca semelhanças entre este escrito e as muitas obras que, no tempo em que estava conosco, o Dom nos deixou. Acolhe na fé esta obra e aproveita as lições espirituais aqui contidas. Quem rejeita tal interpretação, pode, assim mesmo, ler este livro como herança espiritual de Dom Hélder, pois se situa na mesma tradição da espiritualidade da paz, da não violência e da solidariedade que o Dom sempre nos ensinou.

Em 1994, Dom Hélder escrevia a amigos da Itália, reunidos no movimento *Mani Tese* ("Mãos estendidas"): "...Não estamos sós. Por isso, não **aceito a resignação** e o desespero. A fome será vencida. No final, haverá paz para todos. Neste universo, a última palavra nunca poderá ser a morte e sim a vida! Não poderá ser o ódio, mas o amor! Não

*poderá ser o desespero, mas a esperança. Nunca as mãos enrijecidas, fechadas no ódio. Mãos estendidas e unidas na solidariedade e no amor para com todos”.*

Aqui, nestas páginas, o estilo e o conteúdo mais expresso podem parecer diferentes, assim como os destinatários desta obra não são mais apenas os que o escutavam em sua peregrinação terrena. Dom Hélder sempre insistiu que a unidade não só respeita as diferenças, mas pode delas nutrir-se. O amor pode transformar as diferenças em complementaridade. Para ele, o Diálogo é elemento intrínseco e essencial a toda religião e nos faz repensar nossa idéia de Deus e de espiritualidade. Por isso, ser solidário é o modo normal da pessoa viver no mundo e ser feliz, como já dizia o monge Thomas Merton: *“Nenhum ser humano é uma ilha”*. É a base mais viável para construirmos sociedades firmadas sobre a defesa intransigente e permanente dos Direitos Humanos. Somos felizes por viver em um mundo, no qual estes caminhos nos são abertos.

Para mim que quero consagrar-me e doar a minha vida a esta causa do diálogo e da unidade entre os diferentes, este livro me apaixona porque lendo além das linhas e entrelinhas, sinto como se a sabedoria aqui transcrita, não vem apenas de Dom Hélder e menos ainda do amigo Carlos Pereira. São inspirações do Espírito Divino, energia de paz, que "sopra onde quer, ouve-se a sua voz, mas não sabe para onde vai nem para onde vem" (Jo 3, 7ss). A mim, cristão, cada página, aqui transcrita por Carlos, sussurra um nome que me leva ao Infinito: Jesus de Nazaré. Mas, me leva também a outros nomes que são sinônimos de amor e de paz, nas mais diferentes religiões e nas mais diversas culturas: Confúcio, Buda, Maomé, Zumbi dos Palmares, Maíra. Que riqueza! Nenhum mortal pode amordaçar a ventania. O mistério é nossa Paz e os caminhos religiosos, se conseguem sê-lo, podem apenas ser nossas parábolas de amor. Como, no século IV, escreveu Agostinho: "Apontem-

me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Dêem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspira pela fonte da vida. Mostre-me esta pessoa e ela saberá o que quero dizer".<sup>1</sup>

Marcelo Barros<sup>2</sup>

## *Novas Utopias, o mesmo Helder*

Quando recebi das mãos do médium Carlos Pereira esse livro, confesso que senti um misto de surpresa e imensa felicidade. Por alguns instantes, meu olhar foi de inquietação, de dúvidas e de esperanças.

1 - AGOSTINHO, Tratado sobre o Evangelho de João 26,4. Cit. por *Connaissance des Pères de l'Église* 32- dez. 1988, capa.

2 - Marcelo Barros, natural de Camaragibe, é monge beneditino e teólogo. Durante nove anos (de 1966 a 1975) foi secretário de Dom Helder para a relação ecumênica com as Igrejas cristãs e as outras religiões. É escritor e tem 30 livros publicados.

Historiadora, estudei sobre a vida e a obra de Helder Pessoa Camara, durante anos. Minha pesquisa teve início em 2001, quando fui convidada pelo Instituto Dom Helder Camara (IDeHC)<sup>1</sup> a participar do Projeto *Obras Completas*. Naquela ocasião, foi-me permitido trabalhar com séries documentais

vindas do Rio de Janeiro, onde Dom Hélder habitava com sua família antes de ser nomeado a arcebispo de Olinda e Recife, em 1964. Especializei-me em um conjunto de cartas pessoais escritas diariamente por duas décadas. No decorrer dos anos, tive a oportunidade de ler seus livros, seus discursos e suas cartas com bastante atenção, conhecer seus ideais e sua trajetória de vida, conviver em sua casa e com seus amigos mais íntimos. Mas uma psicografia mediúnica? Por essa eu não podia esperar. Em meio aos questionamentos, lembrei-me então da reflexão de Dom Hélder acerca do olhar: *O que é um olhar?*

Indaga-nos Hélder Camara em *Um Olhar Sobre a Cidade*. Em seguida elucida:

*Quando, depois de 10 ou 15 dias de chuva, começa uma estiagem que passa de uma semana, de duas, o nordestino olha o céu... Olhar de inquietação, mais ainda de esperança e até de prece! E quando o céu está nublado, escuro, ameaçando chuva, quem é do Sul é capaz de achar o tempo feio: o nordestino acha o tempo bonito, porque, quem sabe, vai trazer a esperada chuva...*

*Quando uma mãe se vê diante do primeiro sorriso do filhinho, o olhar que lhe lança é quase um canto de alegria, a ) felicidade e de ação de graças...*

*Quem levanta o lenço que cobre o rosto muito querido de uma pessoa muito sua, rosto que só será visto de novo no céu, o olhar é de dor, de despedida dolorosa, de quem fica de coração partido...*

1- O Instituto Dom Hélder Camara (IDHeC) é localizado no Recife - Pernambuco, ao lado da Igreja das Fronteiras, onde Dom Hélder morou por mais de trinta anos.

*Quando dois jovens estão sentindo o amor despertar entre eles, e se entreolham, o olhar canta, baila, dança!*

*Olhar que é uma delícia é o da criança que está descobrindo, vendo tudo como se nunca ninguém tivesse visto e exclama a cada instante: Olha lá! Olha lá!*<sup>2</sup>

O olhar pode se constituir o ponto de partida para as variáveis construções de mundo, na busca de interpretações e, sobretudo, na tentativa de se extrair das coisas um sentido para o nosso viver, estando claro que *não basta abrir os olhos para olhar*. Através da capacidade do olhar, Dom Hélder Camara, em seu ensaio escrito em 1982, para o programa da Rádio Olinda de Pernambuco intitulado "Um olhar sobre a cidade", soube conferir, ao céu nublado dos anos da ditadura militar, a beleza da esperança. O que a repressão tentou impor-lhe foi a ausência de palavras, mas não pôde impor a ausência do olhar, cujo legado à humanidade fora a idéia de que é possível fertilizar o deserto.

Foi através da inspiração nas palavras de Dom Hélder Camara que me propus a explorar um pouco as múltiplas capacidades do olhar, sobretudo, no que confere a vida. Vida que, nesse contexto, reveste-se de inúmeros significados, que permitem os mais variados sentidos e interpretações, uma porta aberta para uma ou muitas reflexões sobre a realidade. Quando me questionava se o arcebispo emérito de Olinda e Recife, um homem da Igreja Católica, teria realmente psicografado aquelas páginas, recordava a suavidade com que Dom Hélder falava acerca do olhar e a fortaleza dos seus atos. Todos aqueles que conviveram de perto com dom Hélder sabem que faz parte da sua personalidade a timidez e o silêncio, mas também a astúcia e a coragem para se pronunciar nos momentos que julga necessário.

<sup>2</sup> CAMARA, Hélder. Um Olhar sobre a cidade. São Paulo: Paulus, 1995.

Novas Utopias... Permitti-me ler esse livro ao menos umas três vezes. A primeira, mais curiosa, queria saber com tamanha imediaticidade o que o teria motivado a realização de tamanho feito. Anos se passaram desde as Utopias Peregrinas<sup>3</sup>, que Novas Utopias serão essas? Queria, de fato, saber "até onde iria esta aventura de um padre depois da morte"<sup>4</sup>. Logo em suas primeiras palavras, antevendo a inquietação dos seus futuros leitores, o autor discorre:

*Para mim, a morte é o começo da verdadeira vida. Quando começa a verdadeira vida, a vida sem fim, a vida imortal, nós a chamamos de morte. Mas, para quem tem a felicidade de ter fé, a morte é o começo da verdadeira vida.*<sup>5</sup>

A imortalidade: a "nova utopia" trazida por Hélder Camara. Com tamanha confiança na Providência Divina, Dom Hélder elucida-nos acerca da realidade da vida depois da vida. No texto intitulado *O sonho da imortalidade*, Hélder faz a seguinte reflexão:

*Vejam vocês o que é a vida. Muito interessante, é bem verdade. Estive aqui por diversas vezes, a dizer da minha satisfação em falar da 'morte' com os vivos. E agora faço uma reflexão da minha própria morte. Eu que sempre pregueia vida depois da vida, agora tenho a possibilidade de dizê-la claramente: ela existe sim. Não é uma fábula, é uma realidade concreta, impressionável.*<sup>6</sup>

*O sonho da imortalidade, Diante da morte, Após a morte* e tantos outros. Textos e textos se seguem e o autor volta ao seu ponto de partida:

<sup>3</sup> CAMARA, Hélder. Utopias Peregrinas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1993.

<sup>4</sup> CAMARA, Hélder. Agradecimentos. In. Novas Utopias.

<sup>5</sup> CAMARA, Hélder. O sonho da eternidade. In. Novas Utopias.

<sup>6</sup>CAMARA, Hélder. O sonho da eternidade. In. Novas Utopias.

a vida. Em alguns instantes, Dom Hélder narra experiências vividas após a morte do seu corpo físico: o velório, o cortejo que conduzia seu antigo corpo até o momento do sepultamento, a recepção de seus entes queridos, seus primeiros dias na nova realidade e seu trabalho, agora, do outro lado da vida.

*Dois papas vieram me ter no meu lato de recuperação: João XXIII e Paulo VI Foram amigos carinhosos que vieram me dar seus conselhos de boa vivência no novo plano que estava, me encorajando diante das novas lutas que haveríamos de assumir no campo da fraternidade irrestrita junto aos homens, porque a luta, o bom combate continua. Não haveríamos de ficar a contemplar a vida em 'berço esplêndido \ na inércia. Se isso acontecesse, seria uma chatice sem tamanho. Ainda bem que o trabalho continua, cada um do seu jeito, cada um com suas atividades corriqueiras que desempenhava antes.*<sup>7</sup>

O trabalho continua. Foi pensando nisso que me propus a segunda leitura, mais comedida. Buscava analisar, com o olhar atento dos historiadores, o desenvolvimento de suas idéias. Tendo atuado ativamente no Brasil e no exterior, Dom Hélder Camara fora um homem que ficou marcado por suas ações conscientes e corajosas em prol de um mundo 'mais justo e mais fraterno', um homem que

fez todos os governos brasileiros, civis ou militares, democráticos ou ditatoriais, levá-lo em consideração, um homem ouvido e reverenciado pelo mundo por força de suas palavras e de suas idéias. Em Novas Utopias, não poderia ser diferente.

Dom Hélder reafirma suas visões do mundo, que incomodaram poderes estabelecidos e que chegam a nós,

hoje. Revelando o quanto certas idéias podem ser um instrumento forte para se pensar e

<sup>7</sup>CAMARA, Hélder. O sonho da eternidade. In. Novas Utopias.

transformar a realidade. Motivando a opinião pública para refletir não só sobre a questão da miséria social que ainda hoje é, como já dizia nos anos de 1980, *uma guerra tão grave como a guerra nuclear e a guerra bioquímica*. Assim, de texto em texto, Dom Hélder dá continuidade ao trabalho iniciado entre nós, abordando temas como a miséria - *a violência-mãe*, a justiça social e a paz mundial - com suas menções a Martin Luther King e Mahatma Gandhi, o amor, o perdão, a oração e a sua confiança em Deus e na Providência Divina. Novas Utopias é uma obra repleta de seu pensamento de ética e sua crença na força das idéias, como base fundamental para a construção de um mundo mais respirável.

A medida que lia o livro e conversava com seu co-autor, o médium Carlos Pereira, surpreendia-me com tamanhas similaridades. Um dia, questionei o médium sobre como se dera o primeiro contato entre ele e Dom Hélder e como esse havia solicitado a psicografia do livro. Carlos respondeu-me dizendo que se assustou no início, pois até então não tivera nenhum contato com o arcebispo e que alegara a ele falta de tempo para a psicografia dos textos. Não demorou para que Dom Hélder apresentasse uma solução: todos os dias, às quatro horas da manhã. Parti daí para minha terceira leitura com um olhar de esperança.

Em um antigo livro de salmos utilizado ainda nos tempos do Seminário, o jovem Hélder deixa registrada a seguinte passagem: *eu velo a invocar-vos desde o alvorecer. Minha alma está sequiosa por vós*. A leitura dos versículos, que chamaram a atenção do jovem seminarista, surpreende pela coerência com a biografia sucessiva. Durante toda a sua vida, Hélder

dedicou, cada madrugada, cerca de três horas para mergulhar na intimidade de Deus. Chamava este tempo de *vigília*.

Durante o período em que se mantinha em estado de vigília, Hélder lia o Breviário, respondia às correspondências recebidas, reavaliava suas atuações nos incontáveis compromissos de que participava diariamente e escrevia. Escrevia muito, quase que incansavelmente. Redigiu, durante esses momentos, alguns dos seus escritos mais importantes suas conferências, seus projetos de vida, suas meditações e suas correspondências. Uma coleção de mais de 10.000 cartas pessoais e 2.122 Cartas Circulares. Cartas escritas todos os dias, ou melhor, todas as noites - como bem assinala José de Broucker<sup>8</sup>, quase sempre às quatro horas da manhã, horário escolhido por Hélder para seus momentos mais profundos de orações. Esteja onde estivesse não poderia ser diferente.

Resultado de suas vigílias, os ensaios escritos por Dom Hélder Camara para *Novas Utopias* encaixam-se, em todos os aspectos, com as formas de pensar e viver do autor. É impressionante a maneira cuidadosa com que Dom Helder escreve seus textos: sempre atento à forma e com uma divisão didática dos assuntos, o autor procura estabelecer padrões, tanto na seqüência dos temas abordados, quanto na quantidade de páginas de cada ensaio. A linguagem dos textos é um ponto a ser observado, tanto no que se refere à sua forma material, quanto à sua dimensão subjetiva. Obedecendo a suas regras, assim como ocorrera nas correspondências pessoais das décadas de 1940 e 1950 e nas Cartas Circulares (1962-1982), ao lado dos relatos e dos acontecimentos importantes, Helder Camara narra o cotidiano. Algumas das vezes os textos ganham valor de uma confissão por trazerem assuntos muito íntimos. Para além desses instantes, os exercícios espirituais terminam sempre com uma menção ao sagrado. Na grande maioria

das vezes, uma oração, uma referência a Jesus, o Cristo, ou ao Pai, o Criador. Padrões de escrita estabelecidos por Helder Camara desde os anos 1940.

<sup>8</sup>BROUCKER, José de. Les nuits d'un prophète. Dom Helder Camara à Vatican II. Lecture des Circulares Conciliares de Dom Helder Camara (1962-1965). Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.

*O que é um olhar?* Um ponto de partida para novas e variáveis construções de mundo. As Utopias podem ser novas em alguns instantes, mas o Helder, definitivamente, é o mesmo. O mesmo Helder Camara em um ato de confiança, proporcionando-nos a leitura do invisível da vida e do mundo que apenas os olhos do coração são capazes de perceber.

Hoje, posso dizer com convicção que conhecer Helder Pessoa Camara foi um dos acontecimentos mais importantes da minha vida.

Jordana Gonçalves Leão.  
Historiadora e Pesquisadora.

## *Muitas razões para escrever*

Aos leitores desta obra cabe uma pergunta inicial e pertinente: foi realmente Dom Helder Camara quem escreveu esse livro? Afinal, ele morreu. A mesma pergunta

eu faço com outros livros mediúnicos que me chegam às mãos. E natural e racional. Faz parte da análise criteriosa recomendada pelo bom senso e princípio de investigação da Ciência Espírita. Não negar, mas também não aceitar imediatamente. Examinar. Este é o pedido que faço aos leitores de todas as crenças e mesmo ao incrédulo.

Leiam atentamente cada texto sob a ótica do escritor da obra. Para os que conheceram Dom Helder Camara no corpo físico será mais fácil. Quem leu seus livros, ouviu seus programas de rádio matinais, suas prédicas nas missas ou em conferências, ficará mais à vontade. Sei que a tendência imediata para aquele que não admite a comunicação dos "mortos" é a rejeição, a inadmissibilidade do fenômeno e mesmo um pré-julgamento como se fosse uma farsa ou um desequilíbrio psíquico daquele que se intitula médium. Mais uma vez não lhes tiraria a razão. Do seu lugar, igualmente, levantaria estas hipóteses antes de crer na relação interexistencial entre a dimensão física e a espiritual. Creiam, no entanto, que a manifestação de pensamentos e sentimentos que recebi foi sincera e para quem as viveu, extremamente verdadeira.

Para ampliar a análise da obra, solicitei a três pessoas próximas ao pensamento de Dom Helder Camara que avaliassem o conteúdo.

A novidade do relato mediúnico de Dom Helder causou-me também surpresa, até porque é minha primeira publicação mediúnica e começar logo com Dom Helder Camara não é simples. Primeiro por se tratar de uma referência internacional, depois porque é uma personalidade pertencente aos quadros de uma religião que discorda do procedimento mediúnico e, principalmente, dos enunciados que virão do próprio autor sobre a vida pós-morte. Não há qualquer intenção da minha parte de provocação, sobretudo pelo respeito que nutro por todas as religiões como expressões legítimas da busca de Deus e da felicidade entre

os homens. Não poderia, porém, me furtar de levar a público aquilo que espontaneamente chegou até a mim. Antes de começar a receber os textos foi perguntado ao próprio Dom e ele generosamente respondeu: *"Quem quiser seguir a Jesus deve estar preparado para carregar a sua cruz. Foi assim quando estava "vivo" e não será diferente agora que estou "morto". Você, também, meu filho"*.

Desta forma, estou consciente das críticas que receberei e tentarei compreendê-las, pois as reações serão as mais diversas.

Conviver com Dom Helder, para quem não possuía qualquer aproximação com ele quando estava entre nós fisicamente, é por demais prazeroso. Para conhecê-lo melhor, tive que pesquisar suas falas, seus escritos, seu habitat e ouvir seus amigos. Se o admirava à distância, passei a entender melhor as suas bandeiras de luta, que não cessaram por ter apenas perdido a roupa de carne que o vestia. Sua inquietação e inconformismo são os mesmos, como também não alteraram a sua ternura e afetividade com todos.

Alguns textos foram produzidos nos dias em que fatos predominavam na manchete da mídia ou cujas datas comemorativas ele escrevia como a repetir seus comentários no programa de rádio que apresentava na Rádio Olinda.

Como o livro demorou em ser publicado houve, por parte do editor, a idéia de promover uma entrevista com Dom Helder. Assim a fizemos, e creio que o resultado foi positivo e proveitoso, esclarecendo nuances não escritas inicialmente.

Há um propósito maior desta obra, como invariavelmente todas as obras mediúnicas, que é declarar firmemente a nossa imortalidade. Não morremos. Continuamos a existir de outra forma e não perdemos o patrimônio moral e intelectual que adquirimos. Eis o propósito do Dom do Amor e da Paz neste livro. Eis as novas profecias que ele

vem anunciar em coerência de atitude como sempre fez quando circulava entre seus irmãos. Anuncia as novas utopias de um novo mundo que está por vir, utopias que representam as verdadeiras razões para viver.

Carlos Pereira  
Agosto de 2007.

## *Entrevista com Dom Helder Camara realizada pelos editores*

### Vida espiritual

1. *Dom Helder, mesmo na vida espiritual, o senhor se sente um padre?*

Não poderia deixar de me sentir padre, porque minha alma, mesmo antes de voltar, já se sentia padre. Ao deixar a existência no corpo físico, continuo como padre porque penso e ajo como padre. Minha convicção à Igreja Católica permanece a mesma, ampliada, é claro, com os ensinamentos que aqui recebo, mas continuo firme junto aos meus irmãos de Clero a contribuir, naquilo que me seja possível, para o bem da humanidade.

2. *Do outro lado da vida, o senhor tem alguma facilidade a mais para realizar seu trabalho e exprimir seu pensamento ou*

*ainda encontra muitas barreiras com o preconceito religioso?*

Encontramos muitas barreiras. As pessoas que estão do lado de cá reproduzem o que existe na Terra. Os mesmos agrupamentos que se formam aqui se reproduzem na Terra. Nós temos as mesmas dificuldades de relacionamento, porque os pensamentos continuam firmados, cristalizados, em determinados pontos que não levam a nada. Mas, a grande diferença é que por estarmos com a vestimenta do espírito, tendo uma consciência mais ampliada das coisas, podemos dirigir os nossos pensamentos de outra maneira e assim influenciar aqueles que estão na Terra e que vibram na mesma sintonia.

*3. Como o senhor está auxiliando nossa sociedade na condição de desencarnado?*

Do mesmo jeito. Nós temos as mesmas preocupações com aqueles que passam fome, que estão nos hospitais, que são injustiçados pelo sistema que subtrai liberdades, enriquece a poucos e coloca na pobreza e na miséria muitos; todos aqueles desvalidos pela sorte. Nós nos juntamos a todos que pensam semelhantemente a nós, em tarefas enobrecedoras, tentando colaborar para o melhoramento da humanidade.

*4. Como é a sua rotina de trabalho ?*

A minha rotina de trabalho é, mais ou menos, a mesma. Levanto-me, porque aqui também se descansa um pouco, e vamos desenvolver atividades para as quais nos colocamos à disposição. Há grupos que trabalham e que são organizados para o meio católico, para aqueles que precisam de alguma colaboração. Dividimo-nos em grupos e me enquadro em algumas atividades que faço com muito prazer.

*5. Qual foi a sua maior tristeza depois de desencarnado ? E qual foi a sua maior alegria?*

Eu já tinha a convicção de que estaria no seio do Senhor e que não deixaria de existir. Poder reencontrar os amigos, os parentes, aqueles aos quais devotamos o máximo de nosso apreço e consideração e continuar a trabalhar, é uma grande alegria. A alegria do trabalho para o Nosso Senhor Jesus Cristo.

*6. O senhor, depois de desencarnado, tem estado com freqüência nos centros espíritas?*

Não. Os lugares mais comuns que visito no plano físico são os hospitais, as casas de saúde, são lugares onde o sofrimento humano se faz mais presente. Naturalmente vou à igreja, a conventos, a seminários, reencontro com amigos, principalmente em sonhos, mas minha permanência mais constante não é na casa espírita.

*7. O senhor já era reencarnacionista antes de morrer?*

Nunca fui reencarnacionista, diga-se de passagem.

Não tenho sobre este ponto um trabalho mais desenvolvido porque esse é um assunto delicado, tanto é que o pontuei bem pouco no livro. O que posso dizer é que Deus age conforme a sua sabedoria sobre nossas vidas e que o nosso grande objetivo é buscarmos a felicidade mediante a prática do amor. Se for preciso voltar a ter novas experiências, isso será um processo natural.

## **Mediunidade**

*8. Qual é o seu objetivo em escrever mediunicamente?*

Mudar, ou pelo menos contribuir para mudar, a visão que as pessoas têm da vida, para que elas percebam que continuamos a existir e que essa nova visão possa mudar profundamente a nossa maneira de viver.

9. *Qual foi a sensação com a experiência da escrita mediúnica?*

Minha tentativa de adaptação a essa nova forma de escrever foi muito interessante, porque, de início, não sabia exatamente como me adaptar ao médium para poder escrever. É necessário que haja uma aproximação muito grande entre o pensamento que nós temos com o pensamento do médium. E esse o grande desafio de todos nós porque o médium precisa expressar aquilo que estamos intuindo a ele. No início foi difícil, mas aos poucos começamos a criar uma mesma forma de expressão e de pensamento, aí as coisas melhoraram. Outros (médiuns) pelos quais tento me comunicar enfrentam problemas semelhantes.

10. *Foi uma surpresa saber que poderia se comunicar pela escrita mediúnica?*

Não. Porque eu já sabia que muitas pessoas portadoras da mediunidade faziam isso. Eu apenas não me especializei, não procurei mais detalhes, deixei isso para depois, quando houvesse tempo e oportunidade.

11. *Imaginamos que haja outros padres que também queiram escrever mediunicamente, relatar suas impressões da vida espiritual. Por que Dom Helder é quem está escrevendo?*

Porque eu pedi. Via-me com a necessidade de expressar aos meus irmãos da Terra que a vida continua e que não paramos simplesmente quando nos colocam dentro de um caixão e nos dizem "acabou-se". Eu já pensava que continuaria a existir, sabia que haveria algo depois da vida física. Falei isso muitas vezes. Então, senti a necessidade de me expressar por um médium, quando estivesse em condições e me fossem dadas as possibilidades. E isto que eu estou fazendo.

12. *Outros padres, então, querem escrever mediunicamente em nosso país?*  
Sim. E não são poucos. São muitos aqueles que querem usar a pena mediúnica para poder expressar a sobrevivência após a vida física. Não o fazem por puro preconceito de serem ridicularizados, de não serem aceitos, e resguardam as suas sensibilidades espirituais para não serem colocados numa situação de desconforto. Muitos padres, cardeais até, sentem a proteção espiritual nas suas reflexões, nas suas prédicas, que acreditam ser o Espírito Santo, que na verdade são os irmãos que têm com eles algum tipo de apreço e colaboram nas suas atividades.

13. *Como o senhor se sentiu em interação com o médium Carlos Pereira?*  
Muito à vontade, pois havia afinidade, e porque ele se colocou à disposição para o trabalho. No princípio foi difícil juntar-me a ele por conta de seus interesses e de seu trabalho. Quando acertamos a forma de atuar foi muito fácil, até porque, num outro momento, ele começou a pesquisar mais sobre a minha última vida física. Então ficou mais fácil transmitir-lhe as informações que fizeram o livro.

14. *O senhor acredita que a Igreja Católica irá aceitar suas palavras pela mediunidade?*

Não tenho esta pretensão. Sabemos que tudo vai evoluir e que um dia, inevitavelmente, todos aceitarão a imortalidade com naturalidade, mas é demais imaginar que um livro possa revolucionar o pensamento da nossa Igreja. Acho que teremos críticas, veementes até, mas outros mais sensíveis admitirão as comunicações. Este é o nosso propósito.

15. *É verdade que o senhor já tinha alguns pensamentos espíritas quando na vida física?*

Eu não diria espíritas. Diria espiritualistas, pois a nossa Igreja, por si só, já prega a sobrevivência após a morte. Logo, fazermos contato com o plano físico depois da morte seria uma conseqüência natural. Pensamentos espíritas não eram, porque não sou espírita. Sem nenhum tipo de constrangimento em ter negado *alguns* pensamentos espíritas, digo que cheguei a ter, de vez em quando, experiências íntimas espirituais.

## Igreja

*16. Há as mesmas hierarquias no mundo espiritual?*

Não exatamente, mas nós reconhecemos os nossos irmãos que tiveram responsabilidades maiores e que notoriamente tem um grau evolutivo moral muito grande. Seres do lado de cá se reconhecem rapidamente pela sua hombridade, pela sua lucidez, pela sua moralidade. Não quero dizer que na Terra isto não ocorra, mas do lado de cá da vida isto é tudo mais transparente, nós captamos a realidade com mais intensidade. Autoridade aqui não se faz somente com um cargo transitório que se teve na vida terrena, mas, sobretudo, pelo avanço moral.

*17. Qual seu pensamento sobre o papado na atualidade?*

Muito controverso esse assunto. Estar na cadeira de Pedro, representando o pensamento maior de Nosso Senhor Jesus Cristo, é uma responsabilidade enorme para qualquer ser humano. Então fica muito fácil, para nós que estamos de fora, atribuímos para quem está ali sentado, algum tipo de consideração. Não é fácil. Quem está ali tem inúmeras responsabilidades, não apenas materiais, mas descobri que as espirituais ainda em maior grau. Eu posso ter uma visão ideológica de como poderia ser a organização da Igreja, defendi isto durante minha vida. Mas tenho que admitir,

embora acredite nesta visão ideal da Santa Igreja, que as transformações pelas quais devemos passar merecem cuidado, porque não podemos dar sobressaltos na evolução. Queira Deus que o atual Papa Ratzinger<sup>9</sup> possa ter a lucidez necessária para poder conduzir a Igreja ao destino que ela merece.

*18. O senhor teria alguma sugestão a fazer para que a Igreja cumpra seu papel?*

Não preciso dizer mais nada. O que disse em vida física, reforço. Quero apenas dizer que quando estamos do lado de cá da vida, possuímos uma visão mais ampliada das coisas. Determinados posicionamentos que tomamos, podem não estar em seu melhor momento de implantação, principalmente por uma conjuntura de

<sup>9</sup>Papa Bento XVI, nascido Joseph. Alois Ratzinger, eleito Papa. desde de 19 de abril de 2005.

fatores que daqui percebemos. Isto não quer dizer que não devamos ter como referência os nossos principais ideais e, sempre que possível, colocá-los em prática.

*19 . O senhor acredita que a Igreja vai admitir os princípios espíritas no futuro?*

Não tenho a menor dúvida. Não pertencem estes ensinamentos a nossa Igreja, pertencem à natureza, pertencem a todos. Não são propriedade dos espíritas ou de outros que professam estes ensinamentos espirituais. Portanto, mais cedo ou mais tarde, a nossa Igreja terá que admitir a existência espiritual, a vida depois da morte, a

comunicação entre os dois mundos e todos os outros princípios que naturalmente decorrem da vida espiritual.

*20. Quais são os nomes mais conhecidos da Igreja que estão cooperando com o progresso do Brasil no mundo espiritual?*

Enumerá-los seria uma injustiça, pois há base em todas as localidades. Então, dizer um nome ou de outro seria uma referência pontual porque há muitos, que são pouco conhecidos, mas que desenvolvem do lado de cá da vida um trabalho fenomenal e nós nos engajamos nestas iniciativas de amor ao próximo.

## **Amor**

*21. Que mensagem o senhor daria especificamente aos católicos agora depois da morte?*

Que amem, amem muito, porque somente através do amor vai ser possível trazer um pouco mais de tranqüilidade à alma. Se nós não tentarmos amar do fundo dos nossos corações, tudo se transformará numa angústia profunda. O amor, conforme nos ensinou o Nosso Senhor Jesus Cristo, é a grande mola salvadora da humanidade.

*22. Que mensagem o senhor deixaria para nós espíritas?*

Que amem também, porque não há divisão entre espíritas e católicos ou qualquer outra crença no seio do Senhor. Não há. Essa divisão é feita por nós não pelo Criador. São aceitáveis porque demonstram diferenças de pontos de vista, no entanto, a convergência é única, aqui simbolizada pela prática do amor, pois devemos unir os nossos esforços.

*23. Que mensagem o senhor deixaria para os religiosos de uma maneira geral?*

Que amem. Não há outra mensagem senão a mensagem do amor. Ela é a única e principal mensagem que se pode deixar.

## *Capítulo 1*

### *Ação de amor*

A proposta do Nosso Senhor Jesus Cristo nunca mudou, nem vai mudar, nem aqui nem alhures: é a prática do amor.

As criaturas de Deus, todos nós possuímos uma incrível propensão ao trabalho do bem. Elogiamos aqueles que se dedicam ao bem do próximo, aqueles que deixam de se preocupar, muitas vezes, com a própria família, consigo próprio, para se dedicarem ao mais necessitados do que ele. Que belíssimo exemplo este!

Por que ainda não agimos assim? Por que ainda somos tão preguiçosos para nos deprendermos das nossas tarefas individuais e ir à busca do irmão que sofre?

Quando procedemos desta maneira, fazemos a vontade do Pai que está nos Céus, porque exercitamos aquilo que há de mais precioso dentro de nós: o amor verdadeiro.

O nosso Pai, que tudo vê e tudo sabe, espera que seus filhos ajudem aos seus irmãos. Todo Pai deseja que a felicidade aconteça no seio de sua família. A família de Deus, no entanto, é enorme. A família de Deus é todo ser que povoa este universo.

O Nosso Senhor Jesus Cristo muito bem lembrou esta nossa responsabilidade individual quando nos alertou que quando

fôssemos ver alguém doente ou encarcerado, por exemplo, era a ele que estávamos visitando.

Quando nos dedicamos ao outro, despojadamente, fazemos o melhor de nós, estamos construindo o amor de Deus na Terra. E isso que Ele quer de nós, que nos despojemos de tudo aquilo que não constrói em prol daquele irmão necessitado de ajuda, de um abraço amigo, de um consolo fraternal, de um aperto de mãos, de um sorriso, de um pouco de paz.

Meus irmãos, estas oportunidades nós as temos quase que diariamente. Deus nos oferece inúmeras oportunidades de trabalho, de redenção interior pelo trabalho de cooperação com o próximo.

Por que então ficamos de braços cruzados quando estes momentos felizes batem à nossa porta?

Por que deixamos de lado o momento sacrossanto de fazer o bem ao próximo?

Deus, na realidade, quer tão pouco de todos nós. Ele apenas nos pede ação. Ação de amor. Este é o desafio que nos espera.

Concordamos que muitas vezes ficamos sem saber o que fazer diante de uma situação não esperada, é bem verdade, mas se possuímos fé em Deus, verdadeiramente, haveremos de encontrar as ferramentas adequadas para ajudar o irmão que nos procura.

Caminhemos ao encontro de Jesus, Nosso Senhor e Amigo Maior. Ele está a nossa espera para o trabalho diuturno de fazer o bem e assim aprender a amar.

Entreguem a sua vida ao beneplácito de colaborar com o próximo e você perceberá que a vida se tornará mais bela e útil, e assim haveremos de, finalmente, construirmos o reino de Deus na Terra.

Fiquemos na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo!

## *Capítulo 2*

### *Diante das adversidades*

A palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo opera milagres na nossa vida. Ela é uma fleuma que invade o nosso ser e transforma radicalmente a nossa existência. Quando você pensa em suicidar-se, em deixar a vida, em se ausentar, você está pensando inutilmente, pois a vida é concessão de Deus Pai, Todo Poderoso, e ninguém pode tirar aquilo que não lhe pertence. Somente Deus pode fazê-lo e não faz. Portanto, não se engane. Pense bastante antes de fazer uma besteira destas. Se imagina que atirando uma bala nos miolos desaparecerão os seus problemas, isto é um ledo engano. Não é assim que resolvemos os problemas da vida. Somos todos testados, todos os dias, em cada coisa que fazemos. Quando as adversidades batem à nossa porta, devemos estar preparados para enfrentá-las de cabeça erguida. Olhando para frente e nunca nos lamentando de que não podemos superá-las. Acredite em você e nas imensas potencialidades que Deus lhe reservou, afinal, você é filho Dele. Pense nisso! Se Ele te deixou passar por essa experiência é porque necessita de você. Ele está lhe testando as suas fibras interiores. Nunca se abata. Jesus, o nosso irmão maior, nunca se abateu diante das injustiças e dos destemperos que o mundo lhe impingiu. Faça o mesmo. Mire-se na figura do Excelso que a todo instante, mesmo quando você lhe vira a face, benfazeja um sol radiante, todos

os dias, para dizer que acredita em você, mesmo o renegando.

Todas as criaturas são filhas de Deus. E Ele é amor, não vai desamparar ninguém. Guarde no seu coração as palavras de Jesus, quando disse que nada acontecerá sem o consentimento do Pai. Acredite nestas palavras. Seus sofrimentos são frutos de seus atos. Deus é amor e como amor não gostaria de prejudicar ninguém. Jesus, seu filho amado, poderia se insurgir diante de tudo que passou, mas não o fez, pelo contrário, agradeceu ao Pai Amantíssimo pelas oportunidades de servi-lo. Por isso que dizia que Ele e o Pai eram um só. Por que você não tenta o mesmo? Pare e reflita sobre estas palavras. Não são conselhos tão-somente. São reflexões que servem para falar a alma e deixá-la penitente a Deus. Deixe que Deus fale a sua alma. Deixe-se levar pela gloriosa vontade do Altíssimo na sua vida. Ele quer que você participe com Ele da enorme criação que todos os dias Ele faz: recomeçar no coração dos homens. Do seu coração, também.

Aos homens de boa fé, aqueles que acreditam no amor de Jesus, eu vos deixo esta palavra. Não de um sacerdote que continuo sendo do lado de cá, mas de um homem, que temente a Deus, não pelo temor, não pelo medo, mas consciente de que suas obras são inadiáveis, deseja que você pare e pense sobre sua razão de ser. Como irmão, mais um irmão, que tenta cumprir humildemente a sua parte na construção do reino de Deus na Terra.

Aos homens de boa vontade, disse o mestre de todos nós, sigam-me. E podemos dizer, do fundo dos nossos corações, até o fim dos dias: Meu Senhor.

Ficai na paz de Jesus!

## *Capítulo 3*

### *Os construtores da Nova Era*

Os antagonismos que existem na Terra são conseqüências diretas da ação do homem ainda imperfeito.

Ele clama por liberdade, mas não consegue libertar-se de si mesmo.

Ele fala da insegurança dos nossos dias, mas não se permite diminuir as agressões que comete a si próprio através das drogas, do excesso de álcool e de outros exageros diários que lhe violentam o ser.

O homem fala que está tudo errado, mas se nega a ver os próprios erros.

O homem critica os governos, mas não consegue governar a sua vida.

O homem reclama da poluição ambiental, que o impede de viver saudavelmente, mas não consegue sequer limpar os seus próprios pensamentos das maledicências.

O homem critica os outros por não fazer a sua parte no conjunto social, mas ele mesmo não dá o exemplo dentro da sua própria casa.

Por que lhe falta a coerência? Por que o discurso não corresponde às suas ações? Por que este hiato entre o que pensa e o que faz?

Há uma ordem de coisas que necessita ser alterada no planeta. Uma delas é o comportamento humano, sem o qual deverá ocorrer alguma mudança nas estruturas sociais. Como fazê-lo, então? Pelo caminho moral, sem dúvida.

As casas de recuperação humana, sejam elas espíritas, católicas ou de qualquer outra denominação, têm o compromisso de aproximar o homem para mais perto de Deus. Se não o fazem é porque há algo de errado. Claro que o esforço é válido, mas o esforço tem que ser sincero, não apenas da boca para fora.

O homem, que verdadeiramente proclama ser como as estrelas, precisa descobrir seu brilho próprio. Não pode, apenas, ficar se alimentando da luz do outro. Cada qual tem a sua fonte luminosa e deve encontrá-la no imo do seu ser, como alqueire sobre a mesa que o Mestre Jesus nos recomendou outrora.

Há muito por fazer no plano de Deus que se constrói a cada dia no coração dos homens. Quando o coração humano conseguir falar mais alto do que a ética racional-materialista, o mundo começará a se modificar, enquanto isto, deve considerar a superficialidade do progresso que ocorre, porque as aparências não se constituem elementos verdadeiros de avanço para a condição humana.

Do que adiantarão as belas construções erguidas monumentalmente, se ainda se mora em casebres de taipa e pau-a-pique uma enormidade de seres humanos?

Que dizer da tecnologia de ponta que impressiona pela sua rapidez e sofisticação, se o coração do homem ainda está arraigado ao atraso pelo egoísmo e pelo orgulho?

Por que tanta preocupação com o luxo dos shopping centers e do mundo irreal que se mostra nas telas televisivas, se muitos não têm ainda o que calçar e vestir?

Por que a necessidade de se demonstrar receitas de guloseimas deliciosas, se boa parte da humanidade ainda se sucumbe por não conseguir um prato de comida?

Por que tantos valores invertidos? Por que ainda não priorizamos aquilo que de fato nos interessa

verdadeiramente o coração? Por quê? Por quê?

Porque ainda não nos descobrimos como filhos de Deus. Porque ainda predomina a visão materialista da vida. Porque ainda insistimos em não nos enxergarmos como realmente somos.

Tudo isso um dia passará inevitavelmente. Um choque de novos valores que já começa a se impor na Terra haverá de predominar, pouco a pouco, sobretudo trazido por uma nova legião de espíritos que já renasce com o compromisso de trazer os novos paradigmas da imortalidade do ser para os homens.

Gradualmente um mundo novo se forma. Haveremos de povoar a Terra com os homens de boa vontade que Jesus proclamou. A Terra será sim dos pacíficos e dos puros de coração, dos ordeiros e dos defensores da justiça social.

Todos os aspectos da vida humana sofrerão transformações irreversíveis. Tudo isso já está acontecendo, basta abrir os olhos da sensibilidade para perceber esta nova realidade em construção.

Busque dentro de si a alvorada destes novos dias. Faça por merecer o novo éden que te espera bem perto de ti. Conclame aos céus a nova era e tome a decisão de fazer a sua parte.

Eis o novo mundo que nasce aos nossos olhos. Façamos por merecê-lo e vivê-lo finalmente na glória do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Paz aos irmãos de boa vontade!

## *Capítulo 4*

### *A verdadeira natureza humana*

Por que os homens se entregam tanto ao dinheiro? Por que os homens esquecem tanto da sua condição humana? E esta materialização da existência, o limiar das coisas sobre o espírito que espezinha o homem e sua condição maior que é a espiritual.

O homem se vê apenas pelo que enxerga, é muito pouco. Pensa que o que está a suas vistas é o suficiente para entender a sua natureza, não é verdade. O homem precisa se ver além do espelho, além de sua própria vaidade. O homem procura coisas que o limitarão no entendimento das suas próprias verdades.

Sejamos fiéis ao pensamento divino que num sopro nos fez. O sopro divino é uma questão de imaginação, não de confusão. A imaginação pode servir para o ser se sobressair da sua condição imediatista e palpável para uma outra, mais voltada para a sua transcendência. Mas, por que os homens se limitam tanto no aqui e no agora? Por que teimam em repetir uma condição que somente o frustra? Esta questão tem sido o objeto de estudo de muitos pensadores durante os tempos imemoriais. A eterna confusão entre o ser e o ter, entre o tangível e o intangível, entre o querer e o poder. A insistente predominância das coisas terrenas sobre as espirituais tem feito o homem sofrer e, desta forma, não evolui verdadeiramente. Pelo contrário, vive em círculos viciosos, pois a felicidade que imagina conseguir é temporária, é vazia, não tem continuidade. E inócua.

Pensamos que a obtenção de coisas materiais é suficiente para nossa felicidade, ledo engano. Procuramos na saciedade

das nossas vontades físicas, conseguir o êxito necessário das nossas satisfações, e o que percebemos? Que ela atinge o seu clímax num momento, e no momento seguinte, já se pede a satisfação de outras necessidades que não termina nunca.

Até quando viveremos a perguntar aos homens porque ele insiste tanto em algo que já se demonstrou, por experiência do dia-a-dia, que não lhe levará a nada? Penso que um dia, exausto de suas tentativas infrutíferas, o homem vai finalmente cair em si e desejar algo mais do que está a sua frente a procura tão-somente de sua aceitação.

Não quero dizer que isto já não exista em larga escala. Claro que existe. Mas os homens insistem em querer ignorar aquilo que lhes é mais real: a sua natureza espiritual. Esta teimosia ainda lhe levará a grandes sofrimentos. O sofrimento da sua não aceitação. E é assim que o homem aprenderá, pelo sofrimento, pela dor, pela sua teimosia.

Queridos irmãos, o homem pensa que sabe mais que Deus. Que blasfêmia! Imagina-se maior que o Criador. Não é possível. Ser mais que Deus é uma pretensão sem fim. Esbarra-se em si mesmo, porque se frustra quando não consegue realizar-se mais que Ele. E claro que os avanços da medicina, da tecnologia, da ciência, darão aos homens esta falsa pretensão. *"Para que Deus, se estou criando a própria vida?"* Imaginarão alguns. E verdade. O homem está sendo co-participe na criação da vida, mas é porque Deus permite. Deus administra tudo, inclusive os avanços do homem que precisa, ao ser co-criador, pensar como Deus, isto é, perguntando-se: Por que Deus criaria isso? Com que finalidade Deus faria isso? E assim proceder igualmente. Sem esta premissa ética, o homem será um subvertido à vontade de Deus. Como co-criador, o homem deve estar sintonizado com a divindade, aí tudo ocorrerá em harmonia. Harmonia celestial. Por isto, meus irmãos, devemos ver o progresso como algo positivo ao ser humano, mas quando

condicionado à vontade de Deus Pai, Todo Poderoso, caso contrário, repito, toda criação humana não terá valia.

Aqueles que teimam também em não aceitar o avanço dos homens, peço que orem por aqueles que detêm de inteligência para criar coisas novas. Para que Deus possa iluminá-los em direcionar as "suas invenções" para o bem de todos os homens e não apenas para alguns deles ou para satisfazer a ganância de um grupo que vê, no progresso científico, uma forma de conseguir auferir mais dinheiro, na sua sanha insaciável por poder.

Meus queridos irmãos, estejamos alertas quanto a estas novidades. Não vamos entrar de "cabeça" em qualquer coisa que esteja aparecendo. É preciso analisar quais são os verdadeiros benefícios dos novos inventos humanos. É preciso questionar qual a sua serventia, afinal, os modismos, já se tem provado por aí, são danosos e ridículos quando não são usados com consciência.

Estejamos alertas também para o uso dos bens materiais. Eles têm os seus limites. Eles têm a sua necessidade específica. Estejamos alertas para aquilo que verdadeiramente importa. Para aquilo que sobrevive a tudo e a todos: as coisas espirituais. São elas, não outras, que devem nortear os nossos pensamentos e decisões. Pensem nisto com carinho diante das novidades, que serão cada vez mais freqüentes no mundo dos homens.

Que Deus, nosso Pai, nos oriente nesta infindável e comovente história que está apenas no seu limiar. Que Ele nos proporcione entendimento diante do inolvidável que apenas começa na história da humanidade. Sejam firmes nas nossas convicções de elucidamento da verdade, confiando que Ele aparecerá nas nossas consciências a dizer o que seja melhor para a nossa condição.



Tudo, sem exceção, tem um encaixe perfeito no plano de Deus. Se não há harmonia no construir das coisas então elas não vêm de Deus.

## *Capítulo 5*

### *Confiança em Deus*

A perspectiva do Cristo em nossas vidas modifica completamente o nosso existir na Terra, porque ela rejubila o nosso ser trazendo-nos novos horizontes e resplandecendo um novo alento.

Queira o Nosso Senhor Jesus Cristo que tenhamos a lucidez necessária para distinguir o certo do errado. Não é sem demora separar o joio do trigo em nossas vidas. Digo isto porque muitos podem parecer aquilo que não são e com muita sabedoria. A inteligência é prodigiosa e pode conseguir produzir muitos feitos, por isso todo cuidado é

pouco, sobretudo nos dias de hoje em que o aparecimento de falsos Cristos e falsos profetas serão mais constantes.

Tudo que existe na vida tem uma razão de ser. Nada acontece por acaso. Tudo tem a sua razão de existir. Sabendo disto, não podemos nos demorar em encontrar nexos nas coisas que acontecem nas nossas vidas. Tudo, sem exceção, tem um encaixe perfeito no plano de Deus. Se não há harmonia no construir das coisas, então isto não vem de Deus. Pergunte-se sempre: por que isto não está acontecendo na minha vida? Por que estou passando por esta situação aflitante?

Se confiamos em Deus, se colocamos, de fato, e não apenas da boca para fora, o verbo de Deus, então confiaremos que a situação presente tem uma explicação divina nas nossas vidas. Confiança em Deus, portanto, é fundamental. Sem ela, perderíamos a esperança e a vida ficaria sem sentido.

O amor de Deus é tamanho que Ele não deixa nenhum dos seus filhos sem amparo. Ele provê a todas as nossas necessidades. Do seu jeito, é bem verdade, mas provê, porque Ele sabe, mais do que ninguém, o que é importante para as nossas vidas.

Confiar é fundamental, mas confiar de verdade. Deixar que a vida nos leve para onde deve nos levar, mesmo que não entendamos de início até onde vai dar aquela situação toda.

Permaneça sempre nos seus pensamentos confiantes que o amanhã será um novo dia de oportunidades. Deus provê e tudo dará certo. Basta confiar. O problema é que nossa fé ainda é diminuta, é muito pequena. Se pelo menos tivéssemos a fé do tamanho de um grão de mostarda já era grande coisa, mas nem isso possuímos.

Jogar a nossa vida nas mãos de Deus é atitude de sabedoria e não é apenas um comportamento de fé. Ciente da onisciência e onipresença do Altíssimo, devemos confiar que

Ele saiba o que seja melhor para nós. *"Ah, homens de pouca fé, até quando estarei entre vós?"*<sup>1</sup>, alertava o Mestre Galileu quando estava conosco. Jesus sabia da pequenez da nossa fé, mas acreditou nos homens depositando um desafio, o desafio de superar a nossa incredulidade.

Se tivéssemos essa fé do tamanho de um grão de mostarda, quantos prodígios poderíamos produzir... Mas Deus confia no homem. Ele sabe que o homem pode alcançar alturas que ele sequer imagina por enquanto. Temos medo de nos assumir na nossa grandeza divina, nos acanhamos diante da imensidão de possibilidades que somos detentores.

Façamos a nossa parte enquanto estivermos a caminho, asseverava o Nosso Senhor, e um destes compromissos maiores é o desenvolvimento da nossa fé, desta confiança inquebrantável de que Deus protege as nossas vidas e, por esta razão, nada nos faltará.

Carregamos em nós o gérmen do bem e do amor, o que, por si só, já nos garante um futuro grandioso. Sendo assim, sejamos, conforme Jesus o foi, um intermediário de Deus na Terra, fazendo das nossas vidas um depoimento vivo de suas verdades e de sua fé.

Imaginemos o Nosso Senhor no momento mais difícil do Calvário, fruto das maiores injustiças e da cobiça dogmática dos fariseus e, mesmo assim, torturado, manteve-se inalterado no seu comportamento e sereno no seu semblante, porque tinha fé, a fé verdadeira, que vence a tudo e a todos.

Aprendamos com o Nosso Senhor e conduzamos as nossas vidas para a luz e para a verdade.

Que Nosso Senhor nos proteja e fortaleça a nossa fé!

<sup>1</sup> Mt 8,26

## *Capítulo 6*

### *A harmonia nas diferenças*

Um espírito conciliador não encontra guarida em todas as pessoas. Por quê? Porque há muitos que se alimentam, infelizmente, da raiva, do rancor, da impaciência com as idéias dos outros. Temem, no fundo, pela sua própria verdade. Temem que o seu pensar seja rejeitado ou que suas verdades possam ser questionadas e ignoradas como não sendo a expressão da verdade. Há aqueles que pensam que se sua palavra for traída pela razão dos fatos ficarão desmoralizados. E a intransigência humana falando mais alto. O que devemos fazer diante daqueles que não sabem escutar a palavra do próximo?

Paciência e resignação, penso.

Paciência porque todas as pessoas têm o seu tempo certo para o despertar para Deus, para a verdade. Cada um possui a sua particularidade e precisa ser respeitada. Não é porque encontramos lógica numa assertiva que todos devem imediatamente concordar conosco. Como estávamos até antes de descobrir aquilo que hoje sabemos? Nós tivemos o nosso tempo de maturação para as verdades que vamos descobrindo durante o caminho da vida, e que ainda sabemos bem pouco daquilo que nos é reservado pelo Criador. Agora, se você acha que já sabe de tudo, que tem a sapiência, que não precisa aprender mais nada, você vai viver num verdadeiro inferno, porque as outras pessoas podem discordar de você, e aí como vai ser? E preciso ter coragem para mudar, para asseverar que erramos, que não estávamos com a razão que imaginávamos possuir. É muito difícil mudar de idéia, mas pior ainda é manter-se inalterado diante dos fatos evidentes.

Peço a Deus que todos os homens possam se arrepender de seus erros *"enquanto estiver a cantinho"*<sup>11</sup> E doloroso ver pessoas inteligentes se firmarem em compromissos ideológicos sem fim, quando a força da realidade mostra exatamente o contrário daquilo que se pensa. E aí que deve reinar a resignação de todos os lados. Resignação porque as pessoas são o que são. Não adianta imaginar que somos aquilo que ainda não somos, ou que alguém é aquilo que desejaríamos que ela fosse, mas que na realidade, ela ainda não é. Resignar-se com a vida que sabiamente faz tudo acontecer no tempo aprazado, sem demora, mas no tempo aprazado por Deus.

Tenha consciência de que você não possui a fé verdadeira unicamente. A fé é produto da consciência de cada ser humano, do seu estágio de evolução para Deus. Ninguém pode contrariar o ritmo das coisas, o ritmo de Deus nas nossas vidas. Tudo haverá de se cumprir, é certo, mas não abruptamente. Paciência para aguardar o tempo certo, resignação diante das situações que a paciência nos impõe no dia-a-dia.

Meus queridos irmãos, é duro, como dizia, ver um homem inteligente, de bom raciocínio, ficar preso às suas próprias idéias, quando as evidências apontam para outra direção. Nestes casos, fala mais alto o orgulho, infelizmente, que está na esfera dos sentimentos humanos.

Ah, esse orgulho ferido! O orgulho mata. Mata a convivência, a temperança, e até o amor se não tiver cuidado, porque é irmão gêmeo da indiferença, do ódio. E o ódio é o inverso do amor, por isso que, se não tiver cuidado, o orgulho, pelo ódio, pode matar o amor numa relação e até que ele se reconstrua...Haja tempo perdido.

Meus irmãos em Cristo, o universo do Senhor é rico, é generoso de exemplos, de sabedoria, de ensinamentos em

coisas aparentemente insignificantes. Veja, por exemplo, uma rosa.

<sup>11</sup>Mt 5,25.

Para nascer, para se mostrar ao mundo, para aparecer bela, ela tem que superar as intempéries: o sol causticante, o balançar de outras rosas, a mão do homem que a arranca sem estar na hora do desabrochar pleno; e ela está lá, soberana na sua beleza e graça. E assim que Deus opera nas nossas vidas, como uma rosa que Ele sabe que somos. Precisamos superar as intempéries interiores, o balançar das nossas consciências confusas ou o arrancar de nossas vontades no tempo incerto. Como uma rosa, precisamos superar a tudo na vida: a indiferença, o orgulho, a palavra inimiga que inflama contra nós, a todos que pensam diferentemente do que nós.

O homem precisa conviver em paz com sua consciência e, para isso, aquele que ainda não percebeu que não pode prejudicar de modo algum a vida de outrem, é preciso respeitar os espaços e as opiniões alheias a sua. E assim que Deus procede no universo, respeita as diferenças. E por esta razão que o universo é belo, porque sabe manter a harmonia ante as diferenças que o constitui, que lhe é inerente.

Haveremos de aprender com os universos dos outros. Faz parte do nosso crescimento espiritual. Faz parte da nossa indómita vontade de ser feliz. Ou eliminamos o outro ou vivemos em paz com ele, entendendo-o. Das duas opções, acredito que a mais razoável seja do entendimento do próximo, como ele é e não da forma como desejaríamos que ele fosse. Quando fizermos isso, estaremos nos tratando como irmãos e o mundo viverá finalmente em paz. Construamos, portanto, sob a égide de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, respeitando a diferença dos judeus e de outros povos, fez-se autoritário o tempo todo, fazendo valer a sua

opinião em contraponto a aqueles que eram diferentes do que ele.

Sejamos como Jesus e deixemos que o calvário do destino nos faça forte em superaras intolerâncias de toda sorte, as incompreensões que teimam em reinar nos nossos relacionamentos, mesmo com aqueles a quem amamos.

Façamos já a nossa parte e evoluamos a caminho do Pai, o Criador das diferenças e da harmonia.

## *Capítulo 7*

### *O valor do dinheiro*

Um homem que crê, tão-somente, nos valores materiais é pobre, porque percebe parcialmente a sua realidade. Deposita nos bens materiais, no seu acúmulo, a fonte da sua felicidade. Que pena! Até quando o homem continuará a se auto-enganar quanto à verdadeira razão da riqueza?

O homem moderno, muito preocupado com a manutenção das aparências, passa a dar valor a coisas pueris, superficiais, que não têm consistência alguma. As coisas em si não têm valor. O valor somos nós que damos a elas. Portanto, para uns, um objeto pode ser absolutamente valioso enquanto para outro nada representa.

Você já se perguntou o que é que tem valor na sua vida? O que lhe realmente faz feliz?

O homem que reserva a sua atenção apenas para as coisas materiais, como falamos, é pobre, muito pobre, porque as adversidades da vida, muitas delas, não há dinheiro no mundo que as impeçam. Então, o rico pode ser pobre, apesar de possuir uma fortuna. Esta relatividade das coisas deve ser o ponto de conduta dos verdadeiros cristãos na Terra. O dinheiro é bom, ninguém pode negar. Ele dá condições de realizar coisas que imaginamos e precisamos, o que nos resta definir é como vamos aplicá-lo nas nossas vidas. O dinheiro compra tudo? Não, mas pode ajudar-e muito-a equacionar os problemas humanos se bem utilizado.

Já imaginaram o que seria do mundo se repartíssemos mais justamente a riqueza que existe no planeta? Já imaginaram se o montante de riqueza concentrada numa minoria fosse distribuída equitativamente ou proporcionalmente às necessidades da coletividade humana?

O Nosso Senhor Jesus Cristo veio nos avisar que precisamos nos tratar como irmãos que somos, mas parece que esquecemos esta máxima divina. Por sermos muito egoístas, por ainda não desenvolvermos o sentimento de compaixão, pregado por ele, ainda ignoramos aqueles que mais necessitam de amparo, de ajuda, de colaboração fraterna.

Ah, quando os homens se descobrirem como irmãos a vida na Terra será bem diferente! Se a riqueza fosse melhor distribuída, pensamos, alguns riscos graves que passam a humanidade deixariam de existir. Não haveria mais violência na proporção que temos hoje. Muitos casos de roubo, bem sabemos, é reforçado pela ausência do mínimo nas famílias. E duro ver um pai de família, trabalhador, faminto. E o pior, sem perspectiva de vida. E duro olhar para dentro de casa e ver filhos e esposa esperando por ele e ele se sentindo impotente. Até quando isso, meu Deus, vai existir entre nós? Quando é que o Senhor Jesus vai entrar nos corações dos homens? E o Nosso Senhor, diga-se bem, se assemelhou

a este pai de família como a todos os deserdados pela sorte. Disse mais. Proclamou a todos se ajudarem mutuamente na construção do reino de Deus na Terra. Conclamou-nos a solidariedade irrestrita. Conclamou-nos a ser verdadeiramente humanos e não apenas da boca para fora.

Quando será, meu Senhor, que o amor tocará o coração dos nossos irmãos na Terra? A riqueza que possuímos já é mais que suficiente para suprir as nossas necessidades e ainda sobra. E para agir contra estas injustiças que Tu te reveste em cada um daqueles que se indignam com esta situação atroz. E esta indignação que não pode deixar de existir enquanto houver uma só pessoa por privações de qualquer forma.

Ajamos firmemente em alterar este estado das coisas. O mundo somente será outro se providenciarmos a mudança em nós. Façamos já o que nos cabe. Façamos a repartição dos nossos bens, não apenas das nossas sobras, mas do excesso daquilo que já possuímos e que não nos faria qualquer falta se deixássemos de tê-las. Somente com gestos largos e humanos, haveremos de reverter esta situação caótica social e edificarmos um mundo mais justo e fraterno.

Que o Nosso Senhor, pelas suas palavras e ações, nos ajude a entender este papel que nos cabe.

## *Capítulo 8*

### *Deus é implacável?*

Um princípio que se afirma cada vez mais no anedotário popular é o de que *"o que a quisefaz, a quisepaga."* A sabedoria destas palavras é enorme. Lembro eu que certa vez, passeando num destes interiores, encontrei-me com um tal "Seu Manoel". Ele me perguntou:

- Dom, é verdade que a mão de Deus é pesada?

Surpreso, por aquela pergunta inesperada, respondi prontamente que não, pois concebo o Nosso Pai como alguém amantíssimo e que não iria castigar nunca um de seus filhos queridos.

Inconformado com a minha resposta seca, meu interlocutor discordou veementemente:

- Não acho isso não, Dom. Acho que Deus é implacável com aquele que erra. Deus não gosta de pecador. Gosta de gente boa de verdade e pune quem sai dos trilhos.

Confesso que me encasquetei com aqueles argumentos. Havia um fundo de verdade naquelas palavras, mas Deus não é implacável para punir, Deus é implacável para corrigir, para educar, para despertar em cada um de seus filhos a vontade de acertar sempre. Contra-argumentei que Deus tem suas razões para agir de um jeito ou de outro,

Ele aplica a lei da justiça divina que é amorosa, mas não deve ser jamais rancorosa. Ele, o meu interlocutor, não se conteve, e continuou "me ensinando":

- Seu Dom, me perdoe mais uma vez, mas acho que Deus responde implacavelmente ao mal que cometemos sim. Senão, Ele perdoaria, deixaria para lá, mas Ele não deixa. Deus cobra tim-tim por tim-tim.

- Não discuto com você, meu caro — respondi — aquilo que se faz por aqui, aqui mesmo se paga, mas Deus não dá fardos pesados àquele que tem ombros fracos. Ele dá de acordo com a capacidade que cada um tem de suportar a

sua carga. Portanto, Ele não é injusto. A pessoa paga, mas paga como puder pagar.

- Ah! Então, a história é diferente. Pagar se paga, mas de acordo com a capacidade de pagamento do devedor. Então, tá entendido, mas, mesmo assim, continuo achando que Ele é implacável.

Não discuti mais o assunto com o meu bom inquiridor, mas fiquei a pensar cá com os meus botões: Será mesmo que Deus é implacável?

Hoje, mais consciente de algumas coisas na condição que estou, penso, ou continuo pensando, que Deus é justo sim. Uma justiça que muitas vezes não conseguimos compreender direito. Deus age certo, sempre <sup>a</sup>age certo no seu senso de justiça e sabedoria, mas a nossa condição de entendimento ainda é muito limitada. Não temos condições de entender, sobretudo quando estamos vestindo um corpo físico, a grandiosidade das obras de Deus nas nossas vidas. O remédio, portanto, é confiar e aprender.

Confiar em Deus, porque Ele sempre sabe o que faz, e aprender, nos mínimos detalhes, as lições que aquela situação tem a nos ensinar.

Queira Deus que um dia, mais despertos da nossa condição de entendimento das coisas, compreendamos de imediato o que se passa com cada um de nós, enquanto isso não acontece, meus irmãos, deixemos as nossas vidas nas mãos de Deus. Ele sabe o que faz. Se fizermos assim, veremos no futuro que cada peça vai se encaixar no grande quebra-cabeças divino.

Que Ele nos abençoe sempre e ilumine o nosso entendimento em cada situação das nossas vidas, tanto as favoráveis quanto as adversas, pois em tudo, creiam, Deus tem um recado proveitoso a nos mandar.

Que Deus seja louvado!



Se os políticos soubessem a dimensão que alcançam as suas palavras, pensariam duas vezes antes de pronunciá-las, mas a sede de poder, de mandar, faz muita gente cometer impropérios com a língua.

## *Capítulo 9*

### *Desesperança*

Um dos elementos mais importantes da existência humana é a esperança. Sem ela, são roubados os nossos sonhos de vida. A vida em si, sem os sonhos, fica sem sentido algum. O que devemos ter dentro de nós, de mais precioso, é acreditar num amanhã melhor. E isto que nos faz ficar de pé diante das intemperanças da vida. Por acreditar numa vida

nova, diferente daquela que temos hoje, é que conseguimos deixar para lá aquilo que nos atrapalha o bem-viver.

A esperança é, portanto, um patrimônio preciosíssimo. E muito delicada também. Quem nutre esperança por alguém ou por alguma coisa transfere um pedaço de sua alma nesta conquista vindoura. A esperança de um homem é um tesouro de grande valia. Quantos sofrimentos humanos não foram atenuados porque se cria que, lá na frente, tudo seria diferente? O homem permite o sofrimento no presente na perspectiva da recompensa futura. Quando, porém, nos vemos ultrajados nos nossos sonhos é como se o mundo caísse sobre nossos olhos. Então, nasce um sentimento nefasto, que é a desesperança. A desesperança é a ausência de sonhos, é a ausência da própria vida, pois aquele que não acredita no amanhã já morreu e não se apercebeu disso ainda.

Tem gente que não se apercebe de que, quando falam juras ao povo, prometendo isto e aquilo, comprometem-se igualmente com os céus que deposita nele, através do grande conjunto das vontades, a responsabilidade de materializar as palavras que eletrizaram as massas. É difícil ver o coração de alguém que vê frustrado os seus sonhos. É um baque sem precedentes e é difícil se levantar.

Se os políticos soubessem a dimensão que alcança as suas palavras, pensariam duas vezes antes de pronunciá-las, mas a sede de poder, de mandar, faz muita gente cometer impropérios com a língua. O amor-próprio em detrimento da coletividade é muito perigoso. "Primeiro os meus...", conta o ditado popular, numa incrível demonstração de egoísmo, que é igualmente danoso.

Queira Deus, na sua Excelsitude, que o homem desenvolva já a sua responsabilidade social e de justiça, cumprindo a sua parte na grande construção divina que é o bem de todos e não apenas de alguns privilegiados ou apaniguados.

Dia virá, certamente, que o homem, envolvido no puro sentimento de fraternidade, desenvolverá no campo público atitudes de generosidade, sobretudo para com aqueles que mais sofrem, os pobres de Deus, que tanto dependem da decisão sincera de seus governantes de cuidarem deles com determinação e honestidade.

Após a desesperança, porém, virão dias melhores, porque os homens públicos, mais conscientes de seus deveres, haverão de se comportar com integridade e serão coerentes com seus compromissos ideológicos. Apesar das trevas que a desilusão provoca, graças a Deus, sabemos que o amanhecer sempre será de muita luz, levando embora todas as causas das cegueiras humanas.

Assim caminhará inevitavelmente a humanidade, com as bênçãos do Nosso Senhor Jesus Cristo, que tudo vê e, através dos seus mensageiros celestiais, continua a ajudar os homens na descoberta de seu novo amanhã.

## *Capítulo 10*

### *O valor do tempo*

*Onde estiver o vosso tesouro, estará o vosso coração.  
Jesus, Mateus, 6,21.*

A palavra de Jesus é sempre certa. Não há como fugir dela. Em todos os lugares, resplandece o seu verbo infinito de bondade e amor. A compreensão destas verdades faz o homem se preocupar com seu amanhã com outros olhos. Porque fazer isto e não aquilo passam a ser decisões sábias no dia-a-dia. A consciência desperta começa a dar os seus primeiros passos. Esta inquietude é positiva, pois, ao pensar muitas vezes no que vai fazer, o homem reflete sobre a vida e sobre si mesmo.

O depósito que Deus colocou nas nossas mãos é precioso. Não devemos dispensar as nossas atenções com coisas fúteis. O nosso tempo é precioso para ser aplicado de maneira estéril, portanto, muito cuidado com o que faz. A certeza que teremos sempre um amanhã faz-nos, muitas vezes, adiar um compromisso que poderia ser executado hoje, adiando hoje o que deve ser feito neste momento, estaremos adiando a nossa própria vida. E um descarrego de nossas atenções a ser devidamente cuidado.

A perspectiva da nossa vida na Terra é muito pequena. Quando abrirmos os olhos para perceber o que fizemos efetivamente com ela, veremos que boa parte dela já se foi, por isso é que é muito importante a vigilância. "Vigiar e orar", ensinava o Nosso Senhor Jesus Cristo exaustivamente para não desperdiçar o valioso tempo que ele nos concedeu. Ah! Se tivéssemos consciência do valor do tempo, teríamos certamente outro comportamento nas nossas vidas, enquanto houver amanhã...

A responsabilidade que assumimos perante Deus antes de voltar a Terra é enorme. Não podemos avaliar o quanto nos comprometemos de juras para consertar isto e aquilo nas nossas vidas e, no final, na hora da avaliação, a maioria de nós fez bem pouco daquilo que fora prometido. E assim que passa a vida da maioria das pessoas da Terra: muita promessa e pouca ação. Daí vem, meus queridos irmãos, a

importância do uso do tempo. Tenham cuidado com algo que faz, porque se fizermos algo de errado, teremos que usar o tempo para corrigir o desiderato inconveniente. É um absurdo o que fazemos com o nosso tempo. A nossa negligência é de fazer chorar. Quanto desperdício com aquilo que não se pode guardar no guarda-roupas nem em nenhum cofre do mundo. Se despertássemos para o real valor do tempo, o cronometraríamos para realizações sempre melhores. Faríamos apenas coisas importantes, para nós e para os outros, tudo medido.

É claro que reservaríamos um tempinho para a ociosidade, mas não uma ociosidade qualquer, uma ociosidade contemplativa, uma ociosidade que nos faria meditar sobre as coisas do mundo e sobre as nossas vidas.

É tão bom parar um pouco e fazer uma revista na trajetória que já percorremos e imaginar o que nos espera. Isto é fundamental para o crescimento interior. Somente evolui aquele que reflete sobre si mesmo. Não adianta fugir a estas máximas divinas, meus caros, tempo é ouro sim e dos bons. Basta olhar para aqueles que o utilizam bem e para aqueles que o desperdiçam. As vidas dos dois são completamente diferentes. Sendo assim, o que você está esperando para utilizar adequadamente o seu tempo?

Meus queridos irmãos, Jesus, o nosso irmão maior, soube aproveitar muitíssimo bem o tempo que desempenhou na Terra. É bem verdade que ele somente iniciou a sua jornada na Terra a partir dos trinta anos, mas os três anos que utilizou valeu por uma vida inteira. Havia lá as suas razões para isto, mas ele fez do tempo um aliado para as suas realizações. Planejou eficazmente todos os seus passos. Até a hora derradeira, a hora do sacrifício para os homens, ele previu tudo, pois havia um sentido. E ele cumpriu.

Usemos o exemplo do Cristo em nossas vidas. Sejamos disciplinados com esse bem muitíssimo precioso e demos a

ele a importância que lhe cabe. Assim a nossa vida se tornará mais produtiva e haveremos de fazer maravilhas quando retornarmos ao plano de espírito e dizer de nós para nós mesmos: Valeu a pena viver, combater bem o bom combate.



Quando procuramos a Deus, procuramos no fundo, a nós mesmos, porque a nossa essência sendo divina possibilita um desabrochar de oportunidades nas nossas vidas

## *Capítulo 11*

## *Destino*

O que fazer da vida? Uma pergunta que teima em não se calar. Fazer isto ou aquilo? O que é mais produtivo? Afinal, tempo é ouro. Estas perguntas têm respostas, é verdade. As escolhas, afinal de contas, determinam o direcionamento das nossas vidas. Portanto, é fundamental fazer escolhas acertadas. O destino que damos às nossas vidas corre dentro de nós. As escolhas dependem do grau de compromisso que temos da vida. Se somos mais conscientes de nossas responsabilidades, fica tudo mais fácil, mas se ainda não despertamos para elas, fica tudo uma confusão indefinível. O que fazer, então? Procurar a Deus, penso eu. Mas o que significa procurar a Deus? Significa procurar a si mesmo, eis o mistério a ser desvendado por todos os homens.

Quando procuramos a Deus procuramos, no fundo, a nós mesmos, porque a nossa essência, sendo divina, possibilita um desabrochar de oportunidades nas nossas vidas. A vida se revela de mil faces, eu bem o sei, mas a face divina é uma só, não tem outra. A face divina é nossa face real, é a face verdadeira e ela se revela desde as Pequenas até as grandes, basta estar atento para enxergá-las. Tudo tem o seu sentido, tudo possui uma lição a nos ensinar, se estivermos verdadeiramente atento a elas.

O que fazer então? Está resguardado às questões interiores, refletir sobre a vida constantemente. Santo Agostinho, o bom santo de Deus, fazia isto como um exercício da própria vida. Auscultar-se intimamente é remédio eficaz para transformar qualquer dificuldade que nos atormenta. A resposta para todos os nossos problemas não está nos outros nem em nenhum outro lugar, está dentro de nós mesmos. A saída, portanto, para as maiores dificuldades não será encontrada num comprimido milagroso ou numa erva

mágica. Muita gente acredita que para ter acesso para um bem melhor, necessita fazer uso destes recursos, isso é uma ilusão sem fim. E o pior é que isso prende o sujeito, deixa ele refém de si mesmo, de sua necessidade de injetar um algo mais para se libertar. E essa é a mentira que ele aceita e se complica a vida inteira. Libertar-se da própria ilusão é desafio diário e para quem faz isso, sem uso de qualquer artefato, já é um ser feliz que auto se encontrou.

Meus caríssimos irmãos, a vida é assim, é um correr para encontrar o nosso próprio destino. Destino traçado por nós mesmos, noutra esfera do existir e que teimamos, muitas vezes, em não querer aceitá-lo. E bem verdade que o esquecemos em nível consciente, mas existe uma luzinha que não pára de piscar a nos alertar, intuitivamente, quando não estamos pelo caminho certo. E assim que se passa a vida, por isso a preocupação de estarmos atentos ao nosso campo íntimo, escutar o que fala profundo o coração, o coração de Deus em nós.

Quando descobrimos verdadeiramente ouvir o coração, quando efetivamente descobrirmos o Deus maior que habita em nós, deixaremos de ter as dúvidas comuns e agiremos mais conscientes de nossos atos, e a vida será mais tranqüila, num ritmo mais adequado. Enquanto isso não acontece, aprendamos com cada coisa o que ela tem a nos ensinar, e a vida encontrará o seu caminho de paz.

Sejamos com Jesus, o nosso Irmão Maior, e a vida transcorrerá *em céu de brigadeiro*<sup>12</sup>, sem nuvens aterrorizantes e, atentos às tempestades transitórias, haveremos de pilotar a vida com a segurança de estarmos sendo guiados por Deus.

<sup>12</sup>A expressão "voar em céu de brigadeiro" é usada pelos profissionais da aeronáutica Para dizer que a viagem transcorreu sem problemas.

## Capítulo 12

### *A paciência*

A paciência é um remédio de Deus. Quem está atento à vida, ao que ela ensina diariamente, não tem pressa. Espera tudo chegar ao seu colo direitinho. Como tudo está traçado nos Céus não tem como remediar, porque o que tem que acontecer vai acontecer. Há a necessidade, portanto, de fazer valer a vontade de Deus nas nossas vidas. Estar atento é estar em sintonia com Deus. Ele sabe o que faz das nossas vidas, basta confiar Nele e seguir adiante. É claro que precisamos dar uma ajudinha de vez em quando. Não custa nada ajudar, empenhando-nos mais um pouco naquilo que já sabemos intimamente ser o nosso destino.

As pessoas têm uma pressa danada para que as coisas aconteçam logo, parece que todo mundo, ultimamente, nasceu de oito meses. Que vida apressada é esta que não dá tempo para ninguém respirar, de pensar na vida, de refletir sobre os nossos atos. Até para errar menos precisamos parar um pouco. Só vejo pessoas dizendo: *"Não tenho tempo pra isso, não tenho tempo pra aquilo"*. E um corre de lá e pra cá sem fim. Resultado: não pensa na vida. Passa a ser um autômato, um robô humano. Tudo tem uma hora certinha de acontecer, basta ter paciência e esperar. Faça a sua parte e deixe o resto nas mãos de Deus.

A pressa é um fenômeno novo na humanidade. Passamos a ser escravo do relógio. A hora marcada é a nossa sentença de morte do tempo. Não que não devamos cronometrar o que devemos fazer, não é isto, mas é que marcamos um compromisso em cima do outro que não dá tempo sequer de respirar. Ser um escravo do tempo é um fenômeno moderno e pouca gente se apercebe do mal que isso faz. E

uma agonia sem fim. Isto certamente prejudica a saúde, prejudica o nosso bem-estar. É um atropelo em cima do outro. Paremos, então, como fazem os nossos irmãos budistas, para refletir mais um pouco sobre a vida. Por que não criamos o bom hábito de meditar diariamente? Nós, ocidentais, somos muito impacientes. Queremos que tudo se passe numa velocidade estonteante. Que blasfêmia com Deus! Até a Terra Ele fez em "seis dias"! Aguardemos o tempo falar dentro de nós, o nosso tempo interior deve falar mais alto. O tempo de Deus nas nossas vidas. Tudo tem seu ritmo certo, meus irmãos, não adianta apressar-se.

Costumamos justificar as nossas ausências num compromisso e noutro pela falta de tempo, na verdade, o que falta é a priorização da vida. Quando se prioriza adequadamente o que fazer, fica tudo mais fácil. Eis um exercício diário e salutar: planejar lucidamente uma agenda de reavaliações. Sim, porque se tem gente que não planeja nada, que se deixa completamente levar-se pelo vento, há outros que preenchem exageradamente o seu caderninho de anotações diárias. Nem oito nem oitenta, tudo a seu tempo devido e em consonância com a voz interior.

Clamemos, meus caríssimos irmãos, pelo uso do bom tempo e sejamos felizes com Deus o tempo todo.



Eu que sempre preguei a vida depois da vida, agora tenho a possibilidade de dizê-la claramente: ela existe sim. Não é uma fábula, é uma realidade concreta, impressionável.

## *Capítulo 13*

### *O sonho da eternidade*

Um aparato religioso se fez presente ao cortejo central. Quem houvera morrido reclamava atenção especial, afinal

era um bispo famoso e merecia as honrarias locais. Muitas autoridades vieram de todas as paragens reverenciar a memória daquele que deixara saudade pela sua marca indelével de ajuda aos pobres e de exercício ilibado de sua missão sacerdotal.

Todos que acorreram ao seu enterro despertaram finalmente para a grande importância que aquela personagem religiosa tinha desempenhado ao longo da sua trajetória terrena. Muitas homenagens eram sinceras, de coração, outras não, era mais um fato social em que se necessitava estar presente e aparecer futuramente nas colunas de jornal como um ato solene de reverência ao padre agora desencarnado.

Vejam vocês o que é a vida. Muito interessante, é bem verdade. Estive aqui por diversas vezes, a dizer da minha satisfação em falar da "morte" com os vivos. E agora faço uma reflexão da minha própria morte. Eu que sempre preguei a vida depois da vida, agora tenho a possibilidade de dizê-la claramente: ela existe sim. Não é uma fábula, é uma realidade concreta, impressionável. Pois bem, o que fazer com estas lembranças pós-morte? Esquecê-las?

É incrível o que acontece num enterro. Os comentários são diversos. Uns choram copiosamente e com sentimentos verdadeiros, outros disfarçam seus sentimentos inconfessáveis. Não deixa de ser uma festa de despedida e diferente. E o que fazer com estas lembranças senão esquecê-las? Esquecer porque se vive sempre.

Pegar este lápis e escrever me dá uma alegria enorme. Falei muito da vida depois da morte, acreditava piamente nela, mas do lado de cá é que se sabe sobre o que ela realmente representa. Ah! Se tivéssemos a oportunidade de contarmos detalhadamente o que ela significa aos meus fiéis. E claro que o Nosso Senhor Jesus Cristo já nos falou sobre o morrer, mas os detalhes, as minúcias, essa só vivendo para poder falar de verdade.

A minha "morte" foi tranqüila. O corpo já não cabia no meu espírito inquieto. Era uma limitação sem fim. Eu já estava muito agoniado. Pensava as coisas, mas não conseguia agir. É muito duro pensar, querer fazer e encontrar limitações físicas, é muito frustrante. Percebi cedo que estava indo embora. As minhas visões do mundo começavam a ser outras bem diferentes. Os vultos passaram a ser mais constantes diante dos meus olhos e cada vez mais ganhava nitidez. Via minha mãe querida constantemente, meu pai de vez em quando, e a companhia de meus amigos que já haviam partido antes de mim. Um deles, o Padre Ibiapina<sup>13</sup>, que tive contato com seus escritos em vida, disse-se assim certa vez: *"Hélder, relaxa para poder entrar nos braços do Senhor. Até aqui, na hora derradeira, você já quer entrar em atividade. Vai devagar e tudo ocorrerá dentro do planejado. Relaxa um pouco e continua a sonhar o sonho da eternidade."*

Sonhar o sonho da eternidade. E isto sim. Enquanto estamos vivos na carne, vivemos o sonho da eternidade porque não temos certeza, apenas uma convicção de fé, que vamos continuar existindo, mas quando nos libertamos do corpo e nos enxergamos qual somos, aí é diferente, tudo ganha um colorido especial. Tudo fica mais bonito e com uma nitidez impressionante, vocês verão um dia. Confie nestas palavras.

Morrer é partir para nossa verdadeira casa, embora a casa de Deus seja em todo lugar, mas o nosso habitat natural é o lado de cá. Aqui somos iguais. Uns mais materializados porque não se libertaram ainda do vínculo carnal, mas somos iguais em espíritos. Como curtir este novo estado d'alma é outro aprendizado constante. Quanta coisa a descobrir. É muito interessante. Não tem professor, a não ser a sua própria consciência. Os instrutores do lado de cá facilitam o aprendizado, mas é você, no final das contas, que tem que tirar as conclusões e seguir adiante.

Encontrei amigos, muitos. Os companheiros de jornada terrena vieram me recepcionar: *"Dom Hélder chegou! Dom Hélder chegou!"*. Vieram outros a me rever. Fiquei surpreso, confesso, com o cortejo espiritual, não pensei que houvera feito tantos amigos. E uma grande satisfação que o Nosso Senhor me proporcionou. Dois papas vieram me ter no meu leito de recuperação: João XXIII<sup>14</sup> e Paulo VI<sup>15</sup>. Foram amigos carinhosos que vieram me dar seus conselhos de boa vivência no novo plano que estava, me encorajando diante das novas lutas que haveríamos de assumir no campo da fraternidade irrestrita junto aos homens, porque a luta, o bom combate, continua. Não haveríamos de ficar a contemplar a vida em "berço esplêndido" de Deus, na inércia. Se isso acontecesse seria uma chatice sem tamanho. Ainda bem que o trabalho continua, cada um do seu jeito, cada um com suas atividades corriqueiras que desempenhavam antes.

Quero aqui agradecer as orações. Que belas e sinceras orações chegavam ao meu coração. E um grande alívio a oração. Os corações se tocam numa oração. E muito benéfico para o espírito, sobretudo para o recém-chegado ao mundo espiritual. Se soubessem o benefício que faz orariam mais, muito mais.

Pois é, meus caros irmãos, vejam como a vida nos traz coisas inolvidáveis. Hoje estou aqui a escrever sobre a pós-morte, para assegurar aquilo que o Nosso Senhor já nos dissera há dois mil anos: *"quem acreditar em mim, quem segurar a minha cruz, terá vida eterna"*<sup>16</sup>. E cá estou eu a dizer: A vida eterna é uma realidade, creiam nisso, inclinem as suas vidas para o encontro com ela.

Vivam intensamente as suas vidas e continuem a confiar que o Nosso Senhor Jesus Cristo não nos desampará jamais e que continuaremos a viver no seu amoroso regaço para sempre.

## *Capítulo 14*

### *A busca da verdade*

Uma busca incessante do homem, desde priscas eras, sempre foi a verdade. Onde encontrá-la? Tais questionamentos, até hoje, perderam-se nas mentes dos pensadores. Cada um, ao seu modo, teoriza esquema para demonstrá-la. Aqui e acolá, estes teoremas confundem mais do que apontam para algum ponto seguro. Ademais, a natureza humana, rica em criatividade, não sabe ao certo onde vai chegar o homem, embora vagamente usufrua uma intuição distante, avisando-o acerca de sua imortalidade.

<sup>14</sup> O Papa *João XXIII*, nascido Ângelo Giuseppe Roncalli Sotto II Monte, 25 de novembro de 1881 - Vaticano, 3 de junho de 1963 foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte.

<sup>15</sup> O Papa Paulo VI, nascido Giovanni Battista Enrico Antônio Maria Montini Concesio, 26 de setembro de 1897 - Castelgandolfo, 6 de agosto de 1978, foi Papa da Igreja Católica Romana do dia 21 de junho de 1963 até a data da sua morte, em de agosto de 1978.

<sup>16</sup> Mc 8,34

Esta condição, de imortal, faz o homem imaginar-se bem mais do que é, porque sem o tempo para limitar-lhe a existência, põe-se a sonhar copiosamente com os ares que podem chegar no ilimite da sua mente.

A verdade é algo que se busca inconscientemente. Queremos estar seguros, é inato do homem esta vontade, mas que verdade estamos falando? A verdade pessoal, aquilo que se basta por si só, porque acalma a mente do inquiridor dando-o a tranqüilidade necessária para seguir adiante.

A verdade é muito relativa ao ângulo de percepção do inquiridor. Portanto, por mais que se queira, qualquer um é limitado na percepção da verdade suficiente.

Enquanto procuras a verdade, enquanto inquires, um dia, podes atingir a verdade, um dia. Quando, porém, te achas suficiente, então estarás a abandonando definitivamente.

A verdade ainda é fugaz ao domínio humano. Somos ainda muito pequenos para sequer ter uma noção mais aproximada do todo, sobretudo porque limitamos a compreensão à matéria física, que nada mais é do que uma armadilha criada pela percepção dos sentidos físicos.

Ah! E tem gente que se acha dono da verdade. Que lamentável! Dormem tranqüilos que tudo sabem, mas se iludem tremendamente quando seus preceitos caem por terra. Incapaz de contra-argumentar com uma lógica mais eloqüente que a sua.

Há aqueles que bebem da verdade o tempo todo e, por mais que saibam de algo, enxergando a imensidade dos saberes, recolhem-se a dizer que nada sabem. Estes são os verdadeiros sábios: os que sabem que nada sabem.

E muito importante, nos dias de hoje, dias de muitas certezas tecnológicas, de imediatismo dos números que tudo provam, quando termos uma postura de dúvida e de aprendiz. Ah, meus irmãos! Quanto tenho aprendido do lado de cá. Tanto com aqueles que dizem que tudo sabem - mergulhados na sua própria ilusão - como aqueles que

dizem não saber de nada, porque estimula-nos a querer sempre mais.

E assim a vida, irmãos, de buscas constantes. De termos um comportamento de eternos aprendizes da verdade do Cristo.

Queira Nosso Senhor, caminho e verdade para o Pai, que saibamos nos colocar em nosso lugar e um dia almejarmos as alturas que nos é prometido como definitivo.

Sejamos, pois, instrumentos da verdade do Pai Amantíssimo, este sim, o grande senhor da verdade.

Que Deus nos abençoe e até uma próxima oportunidade!

## *Capítulo 15*

### *A necessidade de perdão*

Por que guardamos o rancor contra os outros? Que ganhamos com isso senão dissabor? E assim que se passa quando nos resguardamos em mágoas contra aquele que nos fere a alma. Somente traz prejuízo a nossa vida guardar no coração o mal que o outro nos fez. O perdão, antes de ser um elemento de elevação moral, representa um antídoto eficaz contra os males da alma que repercutem no coração e na saúde das pessoas. Amar é, sem dúvida, o grande caminho e remédio contra as angústias que a ausência de perdão faz provocar naquele que teima em não esquecer o desequilíbrio moral do outro.

Por que se prender a queda do ignorante do bem? Por que querer se atracar contra aquele que te feriu a alma? Que ganhará com isso?

Isto se chama vingança e o sentimento de vingança é o inverso do amor. "*O amor cobre a multidão de pecados*"<sup>[2]</sup>, lembrava bem o apóstolo Pedro. Somente o amor consegue abrasar a maior das revoltas interiores. Sem o perdão sincero do pecado do outro faz-nos atrasar, cada vez mais, no caminho evolutivo de nossas almas perante a saga das nossas vidas.

Se Deus, o justo por excelencia, esquece a falta daquele que erra, por que nós, seus filhos, haveríamos de querer adotar um procedimento inverso? Sem querer, fazemos exatamente o contrário do que estamos destinados. Em vez de seguirmos para frente, andamos determinadamente para trás. Isto não pode acontecer.

O caminho do perdão não é tão difícil se entendemos, ou procurarmos entender, as razões pelas quais alguém nos cometeu um crime moral.

O perdão eleva as criaturas para mais próximo do Pai, que nos encoraja para conseguirmos superar no coração a falta cometida contra nós. Sem o perdão, nos igualamos ao nosso desertor. E qual a vantagem de aceitar o Evangelho se permanecemos iguais ao que éramos antes? Se aceitarmos ao Cristo, necessitamos mudar o nosso comportamento para melhor. Você é senhor do seu destino e por que não toma logo uma atitude de mudança?

Todos querem chegar aos céus, imaginam para si o melhor, no entanto, quer que isso ocorra milagrosamente porque não faz qualquer esforço determinado nesta direção. Até o Cristo enfrentou a cruz, e por que nós, ainda tão falhos, queremos atingir a angelitude como num passe de mágica?

Mudar causa um certo desconforto, é bem verdade, causa dor, dor interior, dor na alma. Dor que transforma quando a

aproveitamos para refletir com ela. Quando deixamos para lá um cometido contra nós estamos exercitando a mudança de verdade porque estamos enfrentando a nós mesmos, afugentando os sentimentos de vingança e agressividade. O tempo do olho por olho e dente por dente já acabou há bastante tempo. Foi o Nosso Senhor Jesus Cristo que nos trouxe a mensagem do amor, sobretudo o amor aos nossos inimigos. Que mudança nos propõe o Cristo? E uma mudança radical, mudança pra valer. E por isso que não é fácil aceitar o Cristo sem que peguemos a nossa própria cruz. A cruz dos destemperos, dos impulsos agressivos, dos revides automáticos.

Perdoem, irmãos, mas perdoem de verdade. E um fardo a menos que levaremos quando "morrermos".

Olhe, eu tenho visto tanta gente perturbada do lado de cá, porque não consegue, ou não quer, esquecer o mal que os outros lhe impuseram. E aí se torna um fardo enorme.

Amemos, como Jesus nos amou. Verdadeiramente, sem subterfúgios. Assim, teremos a graça de nos sentirmos mais aliviados por estarmos mais próximos do Pai Amantíssimo.



Penso que o ser humano foi criado para a felicidade. A felicidade é um direito de todos e não apenas de alguns. Mas hoje, infelizmente, excluimos irmãos do seu direito sagrado de ser feliz.

## *Capítulo 16*

### *O gritos dos excluídos*

Como gostaria de estar presente entre vocês num dia como o de hoje! Gostaria, como sempre fiz, de me inserir ao coro daqueles que gritam, no dia dedicado a nossa independência, por aqueles que ficam à margem do progresso humano. O paradoxal, neste dia, é que, em pleno sete de setembro, a mídia estampa em letras garrafais o nosso posicionamento como uma das nações mais desiguais do planeta.

Até quando, meu Senhor, haveremos de conviver com estas manchetes em nosso País? Não é sem demora que os excluídos precisam gritar e gritar com muita força nos pulmões.

Como se pode comemorar independência com a morte de irmãos sem comida? Um Brasil sem fome é iniciativa nobre, mas não conseguiu, ainda, alcançar as massas urbanas ou os desvalidos dos sertões e interiores. Ao contrário, chega até, muitas vezes, um televisor para ver outros comendo, vivendo na fartura e no luxo, enquanto a barriga ronca pela falta de um prato de comida.

Não consigo, meu Deus, por mais que deseje, entender esta tal "modernidade".

A palavra do Senhor é clara quando clama a todos a ajudar os que mais necessitam e quando estivermos fazendo isso era a ele que estávamos fazendo, mas por que não damos a devida atenção a esta máxima fraterna?

A verdade é que nos preocupamos demasiadamente conosco mesmo, com as ilhas de egoísmo que construímos em torno de nós e moramos nela. Ninguém pode acessá-la sem o nosso consentimento, sem a nossa permissão. E aí criamos o nosso mundinho interior isolado dos demais. Enquanto vivermos em ilhas, não poderemos formar continentes.

Meus caríssimos irmãos, o Senhor, a todo dia, nos dá condições de renovação das nossas vidas. Por que não partimos ao encontro do outro que sofre mais do que nós? Por que não abandonamos imediatamente as nossas ilhas?

Penso que o ser humano foi criado para a felicidade. A felicidade é um direito de todos e não apenas de alguns. Mas hoje, infelizmente, excluimos irmãos do seu direito sagrado de ser feliz. E o que fazer? Repartir.

Sem repartir o pão que o Nosso Senhor bem simbolizou no momento da Eucaristia, não haveremos de criar um mundo justo e humano.

Neste dia de aparente independência, junto-me ao grito dos excluídos para dizer: eu também tenho direito a ser feliz. Isto ninguém me pode negar.

A felicidade para estes nossos irmãos passa, inicialmente, por um bom prato de comida, por uma casa digna, por um trabalho para se sustentar e por uma boa educação e saúde. Isto deveria ser o mínimo que todos pudessem ter para sonhar mais alto os seus planos de felicidade, especialmente no Brasil, um País de muitas riquezas, mas paradoxalmente, de muitos pobres.

Qualquer índice de desenvolvimento que queira aferir o grau de avanço da humanidade deveria conter uma

pergunta, antes de qualquer outra: "você se sente feliz pelo que tem e pelo que é?"

Interessante, meus irmãos, é que muitos, mesmo faltando o mínimo, responderiam que são felizes, apesar da pobreza que os cerca.

No dia da "independência" brasileira, faço coro com os meus irmãos em Cristo, irmãos de Cristo também, que pedem, tão-somente, aquilo que lhes pertence, como direito básico na condição de cidadão e não como um favor do Estado.

Façamos, irmãos, como o Cristo, que se dedicou nos seus dias missionários em tentar ajudar a todos aqueles que batiam à sua porta, às vezes, dando um sorriso amigo, mas outras vezes multiplicando pães e peixes.

Multipliquemos, assim, aquilo que dispusermos ao nosso alcance pelo bem de nossos irmãos que ainda necessitam de um grito para serem escutados.

## *Capítulo 17*

### *A força do perdão*

Um dos itens mais importantes do Evangelho do Senhor aponta para o perdão irrestrito acerca das faltas alheias. Aquele que nos falha a atenção dispensada ou decepciona um crédito estabelecido tem ele, e somente ele, a obrigação de restituir o equilíbrio moral. Apontar as falhas alheias é muito feio, basta querer apontar os nossos próprios erros - que já são muitos - e, por si só, já bastam para a nossa preocupação diária.

Quando alguém erra contra nós, erra, na verdade, consigo mesmo, porque o mal que faz para o outro volta, inevitavelmente, para si mesmo. Se soubéssemos que o erro que fazemos retorna para nós como uma bola de pingue-

pongue, evitaríamos, até por pensamento, fazer o mal a alguém.

O pensamento humano é muito poderoso. O homem não sabe ainda a potência que tem quando pensa. O pensamento é força ativa, é força viva, que irá se manifestar de acordo com a inclinação que dermos a ele.

Quando pensamos o mal contra alguém, ele vai chegar ao nosso destinatário que, se não estiver devidamente preparado contra os petardos maléficos alheios, receberá uma forte propulsão negativa. É uma força poderosa colocada de maneira contrária daquela que deveria.

Se, porém, colocássemos os nossos pensamentos somente para desejar o bem a alguém, nossa vida seria um sorriso só. Sabe por quê? Porque, assim como o mal pode pegar, o bem também pega. Pode demorar, mas pega.

E quando desejamos o bem, volta em nossa direção. Da mesma forma acontece com os pensamentos negativos. E assim a vida, meus filhos, a gente só recebe aquilo que oferecemos aos outros. Portanto, sabendo disso, cuidemos de pensar o bem, e somente o bem, para com o próximo.

O bem, como vemos, faz um bem enorme para quem o pratica e promove uma alegria indefinível. Somente aquele que se preocupa em apenas ajudar ao outro sabe das repercussões destas minhas palavras.

O Nosso Senhor Jesus Cristo, em toda a sua trajetória na Terra, teve unicamente uma preocupação: fazer o bem sem olhar a quem fazia. E por que fazia isso? Porque tinha a todos como irmãos e um irmão não deseja nunca o mal do outro irmão.

Quando será que os homens, conscientes de sua Paternidade Divina, se tratarão verdadeiramente como irmãos uns com os outros?

Não sabemos ao certo até que ponto tanta desventura perdurará na Terra, mas que ela vai acabar, ah! isso vai sim, porque o nosso destino, como já proclamou o nosso irmão maior, será uma reprodução do reino de Deus. Isto irá acontecer, pois o reino de Deus está no coração de todos os homens. Basta ele descobrir esta verdade eterna e colocar em prática o que descobriu de si mesmo que mudará de luz todo o mundo e beneficiará a todos os seus irmãos.

Meus queridos irmãos, nós que já sabemos de nossas obrigações maiores, envidemos nossos esforços em colocar em prática aquilo que já entendemos como certo e que nossa consciência nos alerta que devemos fazer.

O perdão é uma destas qualidades de que necessitamos desenvolverem nossos corações urgentemente.

Quando tivermos a oportunidade de perdoar alguém que nos prejudicou a vida, não percamos tempo. Se não conseguirmos de imediato esquecer suas faltas contra nós, ao menos não as desejemos contra ele. O mal vai se avantajá-lo se dermos cabimento a ele. Como já bem lembrou o Mestre Nazareno, quando alguém nos fere um lado da face, expusemos a outra para que ele bata, não com o mal, mas como o bem que iremos infligir em sua atitude descuidada.

Somente o bem pode vencer o mal. Não há outro caminho, e esta verdade já foi dita várias vezes. E o que estamos esperando para não colocá-la em prática?

Sofremos quando alguém nos decepciona, pois queríamos que ele nos tratasse exatamente como a tratamos. Se isto não ocorre, façamos a nossa parte e deixemos que os caminhos do Senhor, espontaneamente, possam mostrar ao nosso irmão que ele errou e não peque mais contra nós e contra ninguém mais.

Enquanto isto não acontece, meus irmãos, cuidemos em ser coerentes com aquilo que pensamos ser a verdade, a coisa certa.

Meus queridos irmãos, o Nosso Senhor vê todas as nossas atitudes e pensamentos, por isso não dissimulemos jamais. Que seja a nossa palavra "sim, sim e não, não"<sup>18</sup>, sempre. Não fuja-mos a este compromisso inadiável com a nossa própria consciência.

<sup>18</sup>Mt 5,37.

## Capítulo 18

### *Desarme-se, irmão!*

*Reconciliai-vos o mais cedo possível com  
o vosso adversário, enquanto estiverdes com ele  
a caminho.*<sup>2</sup>

As palavras do Mestre Jesus, sempre generosas, guardam neste ensinamento um alerta para todos nós, sem exceção: qualquer um deve procurar a reconciliação mesmo, ou principalmente, com aquele que o agride.

Quando somos convidados, no próximo domingo<sup>[3]</sup>, a votar pela favorabilidade ou não do comércio de armas de fogo, devemos ter em mente estas palavras sábias do Nazareno.

Por que nos armamos? Por que estarmos com uma arma guardada pronta para sacá-la num momento aprazado? Por segurança, afirmam uns. Mas que segurança? Acaso nossas vidas estão confiadas aos homens? Nossas vidas estão confiadas a Deus. Nada nos acontecerá sem a sua permissão divina. O homem, porém, que acredita somente na realidade terrena, precisará estar armado, porque "morre" de medo dos outros, pois não possui Deus no seu coração.

Quando somos convidados a opinar pela proibição da comercialização de armas de fogo, precisamos nos indagar se, de fato, usaríamos uma arma contra alguém. Você já se imaginou

<sup>2</sup>Mt 5,25.

atirando em alguém? E terrível! Dar um tiro num irmão é extremamente traumático. É algo que fica gravado na memória para o resto da vida.

O homem de bem jamais quer possuir uma arma. Sua arma, na verdade, ele já tem: é a sua fé em Deus. Somente quem tem fé no Altíssimo pode se sentir armado, armado de Deus.

Penso que o homem tem medo de outro homem, porque tem medo de si mesmo. Ele sabe que é capaz de destruir uma vida então acha que o outro também possui este impulso e daí arma-se até os dentes.

E claro que o homem ainda está bastante distante do seu desiderato, mas se não exercitarmos efetivamente a nossa condição divina, então ficará mais longe qualquer esperança de nos aproximarmos de Deus.

Devemos sim é reivindicar as autoridades constituídas por segurança. Nós somos cidadãos, pagamos os nossos impostos, então merecemos ser tratados com dignidade e vermos assegurados os nossos direitos. Todo mundo tem o

direito de ir e vir, garante a nossa Constituição, mas precisa ir e vir para todo lugar com tranqüilidade e paz.

Até quando teremos que viver sob a tutela do medo? Até quando teremos que desconfiar de alguns policiais que não cumprem com os seus compromissos profissionais e públicos? Até quando o Estado usará de sofismas para fugir de suas obrigações legais?

O cidadão necessita fazer a sua parte também. Não cabe a ele apenas reclamar pela insegurança. É necessário que ele faça a sua parte. Quantos homens não perdem a cabeça e sacam as suas armas contra o outro por motivos tão pueris? Quantos só se sentem corajosos, porque guardam na cinta um revólver?

Neste contexto de violência generalizada, devemos nos questionar que sociedade nós queremos construir. Será que esta sociedade já nos basta os anseios de vida? Claro que não. E o que estamos fazendo para mudar este estado de coisas? Pouco ou quase nada, na verdade.

Se desejamos uma sociedade diferente desta que vivemos, devemos nos inclinar na direção de ajudar a construí-la. Se não desejamos a violência, devemos, então, cultivar a paz. A paz que desejamos ao mundo deve ser edificada primeiramente no nosso próprio coração. Não foi isto que o Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou quando disse que o reino de Deus estava no coração dos homens? Então a paz está dentro de nós, não está distante e tampouco pode ser obtida empunhando uma arma de fogo.

Quem detém uma arma em punho, só o faz por que não descobriu o reino de Deus dentro de si. Quando os homens descobrirem-se como depositários fiéis do reino de Deus na Terra se envergonharão de ter armas.

Num referendo como este, o foco da discussão pública deveria estar centrado na busca de uma sociedade de paz.

Alguns podem afirmar que ela só virá se estivermos armados, mas não são as armas usadas para a guerra e como pode se estar armado para a paz apontando-se um revólver para outro irmão?

A afirmação que uma arma traz tranqüilidade para sua casa não pode ser levada a sério. As armas recebem o carimbo da violência que um dia pode acontecer, portanto, não é a garantia efetiva da paz.

Devemos pensar a paz todos os dias. A paz deveria ser a garantia das garantias do cidadão, porque quando nos referimos à paz estamos falando não apenas da paz de espírito, mas de como chegar até ela. A paz do cidadão não começa por policiais armados em cada quarteirão, principia-se pelas garantias mínimas a cada cidadão: uma casa para morar, um lugar para trabalhar, uma escola para estudar. Sem o mínimo do mínimo não podemos nunca ter uma sociedade pacífica.

O referendo das armas de fogo poderia ser excelente oportunidade para um grande debate nacional pela dignidade de toda pessoa humana, mas isto não isenta o Estado do processo de preparar homens e mulheres para uma sociedade que tenha como valor maior a promoção da paz. Para isso, é necessário que nossas escolas, além de mostrar fatos que marcaram o tempo, pudessem dar destaque igualmente a aqueles que lutaram pela paz. Há sempre uma outra forma de enxergar a realidade e, portanto, reescrever a história quando deliberadamente invertemos os valores que desejamos verem enaltecidos. Se a história foi escrita em boa parte pelas mãos de guerreiros, dos arbitradores, por que não reestudá-la agora pelas mãos dos pacifistas?

Por que não enaltecer figuras como Martin Luther King? Mahatma Gandhi? Frei Caneca? Einstein? João

XXIII? E tantos outros que enxergavam o mundo com os olhos da paz, de pacificadores que eram.

Enquanto insistirmos em falar das guerras, de exaltar a violência nos noticiários da mídia e de negarmos aquilo que aprendemos nas nossas igrejas, dificilmente construiremos um solo fértil para o desenvolvimento da paz entre os homens.

Queira Deus, ouvindo as palavras de sabedoria de Nosso Senhor Jesus Cristo, que o homem se reencontre com ele mesmo e, finalmente, perceba que as armas somente irão apressá-lo a chegar mais perto da morte e da destruição e que a sua finalidade precípua, o seu destino divino, é ver-se uns aos outros como irmãos, e assim não desejará jamais usar armas de fogo, mas, contrariamente, as armas da paz promovendo a união entre todos eles.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 19*

### *Diante da morte*

A morte é um enigma que todos procuram desvendá-la. Desde tempos imemoriais, o homem busca respostas sobre a morte. E como ela que se esconde para não revelar a sua verdadeira face. Mas é preciso entrar no mundo dos espíritos para poder descobri-la, insofismável e sorridente, a nos dizer que ela não existe, apenas muda-se de corpo.

Quando "morri", e o cortejo funeral me levou ao túmulo, senti um arrepio. Era difícil me identificar. Aquilo não era eu, era apenas um corpo que refletia a minha imagem. Eu estava aqui, perfeito em minhas faculdades, embora meio cambaleante com aquela situação toda inusitada para mim.

Os meus primeiros passos em busca do "céu", como já descrevi, foram de descobertas constantes. Não me via ali como um noviço, é bem verdade, mas estava reentrando nos braços do Senhor, e a experiência, embora nova, era reveladora de muitas surpresas. Além dos conhecidos que ia encontrando no caminho, pude perceber sensações novas, bem diferenciadas daquelas que o corpo físico pode imaginar submeter-se.

O novo e o inusitado ganham naturalmente admiração dos sentidos. Sentia-me como uma criança que começa a tatear e descobri a maravilha de poder deslocar-se de lá para cá sem a ajuda de ninguém: é a inolvidável sensação de liberdade que o lápis não consegue descrever por mais que tentasse.

A morte é a entrada para a verdadeira vida. Não posso descrever as incríveis sensações e paisagens que pude usufruir, mas dá-nos um prazer incomensurável. Digo isto, nestas linhas, para tentar desmistificar o mistério da morte e os medos naturais que a maioria das pessoas possui pelo desconhecido.

A morte me fez bem. Meu corpo já não cabia em mim nos últimos tempos, morrer foi um alívio e viver a vida do espírito, até agora, tem sido um aprendizado constante. Até para escrever estas linhas, pelas mãos de um médium, é sempre uma descoberta a mais. Provar que a morte não existe, que é adentrar num mundo diferente e maravilhoso tem sido um dos meus propósitos de vida desde que assumi meus plenos "poderes" no mundo de cá.

A morte precisa ser encarada com naturalidade, porque assim que ela é. Não tem mistério quando se chega ao mundo dos espíritos. Instrutores bondosos e amigos que fizemos na Terra vêm ao nosso encontro o tempo todo, para dizer como as coisas se processam e ajudam-nos, cada vez mais, na adaptação à verdadeira vida.

Hoje estou mais acostumado. O tempo é senhor para fazer com que vejamos as coisas do lado de cá com muita naturalidade. E claro que dá uma certa saudade, de vez em quando, e volto, com a devida permissão de meus instrutores, a rever os amigos e conhecidos que, muitas vezes, chamam pelo meu nome. E isso é um fenômeno estranho e interessante. Os apelos que fazem ao meu nome de alguma forma eu os escuto e fico prestando atenção. Aquilo que não posso atender, porque a minha condição aqui não é privilegiada, eu rogo ao Pai Amantíssimo para interceder positivamente na vida daqueles que pensam que eu posso executar coisas que só dizem respeito a eles mesmos, na maioria das vezes.

Morrer não é traumático, pelo menos para aqueles que estão confiantes em entrarem nos braços do Senhor. Para aquele que não teme a morte, que confia sinceramente o que reza as Escrituras Sagradas, a morte não deve causar qualquer tipo de medo. Agora, para aqueles que teimam em contrariar o verdadeiro sentido da vida - que é a promoção do bem entre as pessoas - então devem se preocupar mesmo, porque o que reina por aqui é o vínculo das afinidades.

Pelas minhas companhias na Terra, pelos meus pensamentos e atos, por minha postura de me inclinar para o bem, tive a benevolência do Pai em entregar-me nas mãos daqueles amigos e irmãos que partiram antes de mim e que vieram, de braços abertos, a dar-me boas vindas. Quando me lembro disto, choro comovido por estas oportunidades indescritíveis que o Nosso Senhor me reservou. E deveras muito gratificante rever os afetos e comprovar o que pregamos por toda a nossa vida: que a morte não existe.

Meus queridos irmãos, consolai àqueles que choram com a perda de seus entes queridos. Buscai ajuda no Alto para incentivar aos que aqui ficaram a crença de que a vida

continua e se alguém retornou é porque foi com o consentimento de nosso Pai que só deseja o melhor para seus filhos. Confiai na mão bendita de Nosso Senhor Jesus Cristo que tudo vê e que zela sempre por nós. Não há ninguém que fique no desamparo, porque a mão do Senhor é amorosa e todos os seus filhos haverão de ser assistidos, mesmo e principalmente, na hora final.

Queira Jesus que haja um tempo em que a morte seja encarada com muita naturalidade e tenhamos prazer em morrer, porque teremos a consciência tranqüila que fizemos o nosso melhor enquanto aqui estivemos e que mais além nos espera um outro rol de oportunidades para dar, cada vez mais, plenitude à vida, que incessantemente pulsa em nós, pois somos imortais, em nos alertar que os filhos da Vida não podem deixar jamais de existir.

## *Capítulo 20*

### *Após a morte*

A morte quando bate à nossa porta não há como remediá-la. Tudo que podemos fazer é aceitá-la e aprender com ela. A morte não é esse bicho feio que tanto se quer incutir nas nossas mentes, é um fenômeno natural e como tal deve ser encarado por todos. O medo do desconhecido faz com que muitos tenham verdadeiro temor da morte, mas não é bem assim o quadro que se passa após a morte.

A morte é um reencontro com a casa do Senhor, a casa do espírito do Senhor. Sem a consciência de que prosseguimos

noutra forma de existir pouco adiantará pensar e entendê-la.

A morte nos trará novidades sempre. Por mais que alguém esteja razoavelmente bem informado das coisas espirituais, haverá sempre de aprender algo mais. Eu mesmo tinha uma noção da morte bem particular. Imaginava os anjos do Senhor a me buscar e levar-me para reverenciá-Lo. Era um velho sonho de menino que ganhou formas como homem feito. Não tive a desilusão quando aqui cheguei, porque tudo me pareceu bem lógico e natural. A "tal vida, tal morte" que tanto falamos guarda lá o seu fundo de verdade.

Não devemos encarar a morte como uma condenação divina. Muitos pensam que o deixar de existir representa uma condenação do Criador, um castigo. As bem-aventuranças anunciadas por Jesus deveriam ser ampliadas como algo assim: "Bem-aventurados aqueles que acreditam na vitória da vida depois da morte, porque eles serão aliviados dos seus anseios e haverão de entrar no reino dos céus".

Quando era menino, imaginava que o céu e o inferno existiam sim e, por tabela, o purgatório também. Quando cresci, porém, e me formei nas questões teológicas imaginava contornos diferenciados a cada um destes lugares. A imaginação humana é rica de fantasias. Quando existe o mistério é natural que o pensamento voe indefinidamente. Acho que cada um também faça, a seu modo, uma visão particular destes lugares. A verdade, porém, é que, de alguma forma, tais locais existem, não como foram pintados popularmente para nós, mas não deixa de guardar certa semelhança.

O céu e o inferno são criações dos homens, mais especificamente da consciência deles. O homem cria, mediante as suas inclinações interiores, o seu próprio céu e inferno. Está no coração e na mente humana a localização exata destes lugares após a morte.

Penso que o homem, se fosse mais providente em suas atitudes, partiria imediatamente ao encontro de seu próprio céu. Ora, é perda de tempo deixar de fazer o que se deve. Se teremos aquilo que nos aprouver a partir de nossos atos, como bem nos lembrou o apóstolo São Tiago, por que não começar agora a construção do nosso próprio canto celestial?

A desventura de muitos que aqui chegam é imaginar que são detentores de privilégios. Aqui não tem disso não. As posições sociais ou o poderio econômico que detinham na Terra não tem qualquer influência no mundo espiritual, pelo contrário, seguindo a rogativa do mestre Jesus *"Muito será pedido a quem muito for dado"*<sup>1</sup>. Se o homem teve posses ou condição de ajudar ao próximo, de alguma forma, será cobrado pela ausência de iniciativa nesta direção. Igualmente àqueles que possuem as luzes do saber. Sim, porque o patrimônio humano não se restringe ao acúmulo de riquezas materiais e financeiras, os tesouros do coração e do intelecto devem também ser repartidos com todos. Esta lei serve para todos. Portanto, não vá pensando que terá distinção do lado de cá, pois

<sup>1</sup>Lc 12,48

não vai ter. A lei por aqui privilegia aquele que serve mais, como bem alertou o Nosso Senhor Jesus Cristo.

O serviço ao próximo, sem qualquer pretensão de retorno ou recompensa, é a principal senha para se entrar verdadeiramente nos braços do Senhor. Será exaltado no seio do Senhor aquele que estiver mais a disposição de dar o melhor de si para o irmão, que não mediu esforços nesta direção. O que foi servido na Terra e imaginou com isso que continuaria com esta mordomia depois da morte pode ir "tirando o cavalinho da chuva", pois as coisas por aqui são bem diferentes. Quantos eu tenho encontrado que na Terra

tiveram posições sociais altíssimas e rastejam como quase mendigos do lado de cá. É um vexame completo. Tudo alimentado pelo orgulho que não conseguiram vencer. Por isso que o serviço aos pobres, aos mais desprovidos, pelos que têm maior carência, do prato de comida a um alento, é o que é fundamental para a nossa própria salvação. O homem deve estar atento às oportunidades que lhe chegam para servir indistintamente, das mínimas às grandes coisas. Quem serve mais terá mais privilégios na Casa do Senhor. Não o privilégio da distinção, mas da capacidade ampliada de servir.

Meus caros irmãos, inclinem as suas vidas no desejo de servir. Verifiquem os recursos que possuem para colocar a disposição daquele de que mais precisa. Cada um de nós possui algo para oferecer e não é preciso dinheiro. Falo daquilo que ele tem dentro do coração. Muitas vezes um olhar amigo e um abraço caloroso têm mais valor do que uma carteira recheada de dinheiro.

Pensem naquilo que vocês têm de melhor dentro de si e coloquem à disposição da humanidade. Cada talento bem empregado será de grande valia no trabalho do Senhor e que, após a morte, isto será levado em consideração pelas leis da justiça divina que não deixará de perceber nos nossos mínimos atos sinceros uma contribuição efetiva para o engrandecimento do bem na Terra.<sup>2</sup>

Que a morte, meus irmãos, seja um reencontro com o Senhor, tendo as nossas consciências absolutamente tranqüilas porque, conforme adiantou-nos Paulo, combatemos o bom combate.

Que Deus nos abençoe!

## Capítulo 21

### *O prazer de servir*

A inquietude de nossos dias é algo preocupante. As pessoas já não têm tempo para nada, nem para elas mesmas. E um corre-corre, é um vai-lá-para-cá sem fim. Tudo em nome do dinheiro. Mas será que vale à pena toda esta correria, meus irmãos?

Há coisas na vida que necessitam ser devidamente ponderadas. Não é o dinheiro, tão-somente, que faz a felicidade das pessoas. Ele tem a sua importância, mas não é tudo, aliás, ele representa quase nada nos planos do Senhor. O que vale mesmo, o que conta do lado de cá, é o bem que fazemos uns aos outros. Não é a quantidade de títulos ou patrimônio que interessa, é a consciência tranqüila que fez o melhor que podia para o próximo. Não foi esta a recomendação maior de Nosso Senhor Jesus Cristo quando nos disse, não como um alerta, mas como uma ordem: *amai uns aos outros?*<sup>3</sup>

<sup>2</sup>II Tm 4,7

<sup>3</sup>Jo 15,12

Pois é, apesar desta certeza absoluta, de que o amor deve ser o centro das nossas vidas, e isto não é novo, que o homem teima em inverter e criar novos valores para si, sobretudo o monetário.

A importância do dinheiro é tão pequena do lado de cá, que mede apenas a quantidade de benefícios que você aferiu a seu irmão tendo a sua posse em abundância. Sim, porque ter dinheiro na vida não é para qualquer um não. Até para

ser rico é preciso saber ser rico senão, se colocar na mão de quem não sabe administrá-lo bem, ele vai estoporar sua riqueza do dia para a noite.

A imensidão da casa do Senhor faz-nos pensar naquilo que devemos dar real importância. O dinheiro é um deles porque com ele se vive a ilusão do paraíso, mas ele só vale mesmo na Terra, aqui os valores são outros. O que vale aqui é o bem, mas não uma caridade qualquer. Somente o bem que é produzido pelo fundo do coração, sem pretensões outras. Foi assim que o Nosso Senhor bem disse: "*daí com uma mão sem que a outra perceba*".<sup>4</sup> Mas ainda tem tanta gente que dá com uma mão e quer que os flashes do mundo inteiro enxerguem os seus atos de benemerência. Que ilusão tola! Caridade pública não tem valor, caridade só tem valor quando ofertada a Deus, como uma ajuda despretensiosa aos filhos do Senhor.

A caridade, meus irmãos, sobretudo aos pobres, é questão básica para o bem-viver. Só vive realmente bem aquele que se deixa impressionar pela dor do outro, como se ela fosse a sua própria dor. E assim que a caridade nasce do fundo do coração, como sendo uma extensão da própria necessidade pessoal.

Queria, meus queridos irmãos, que todos sentissem, em uníssono, a dor do próximo. Não ficaríamos jamais tranqüilos em ver um irmão sofrendo e continuar de braços cruzados. Quando enxergamos o próximo como um verdadeiro irmão, a dor dele nos incomoda. Mas,

<sup>4</sup> Mt 6,3

quando agiremos fraternalmente? Quando, penso eu, deixaremos de lado os apegos às coisas da matéria, às coisas ilusórias da Terra, e nos preocuparemos com aquilo que é verdadeiro e eterno, o nosso lado espiritual.

Quando o homem tiver uma noção exata do que ele

realmente é, aí então ele vai se transformar por inteiro, enquanto isto não ocorre, ele perambula por aí, de sofrimento em sofrimento, de ilusão em ilusão.

Não é assim a vida irmãos, a vida é o pulsar de Deus em nós mesmos, é ter a consciência como teve Nosso Senhor de reinventar-se a cada dia. De sair-se de si a procura do outro. De tentar se redimir continuamente dos erros cometidos sem qualquer complexo de culpa porque o que foi feito está feito, não volta mais, então é página virada, devemos ter o cuidado de não errar mais e ponto final. Nada de ficar revirando o passado, que isto não tem fim e não leva para lugar algum.

Cuidemos de nós, é bem verdade, mas cuidemos de nós na perspectiva do outro, porque não vivemos sozinhos, vivemos em sociedade, todos nós dependemos um do outro. Ninguém subsiste sem o apelo de uma conversa amiga, de um carinho, de uma ternura, de um abraço gostoso daquele que revigora até a alma, ninguém vive feliz, de fato, se está solitário. Para ser feliz, para se encontrar com Deus, é preciso se encontrar com o próximo, é preciso ser solidário.

Meus queridos irmãos, a vida se enobrece quando se permite conhecer o outro. Vocês não sabem o quanto aprendi com os mais humildes. Com as donas Marias e os seus Josés da vida que passaram pelo meu caminho. Benditos as Marias e os Josés que, nas suas simplicidades, me fizeram sentir responsável por eles, não como um pároco, um sacerdote, mas como um irmão que continuamos todos a ser mesmo depois da morte. Os seus problemas, de alguma forma, passaram a ser os meus problemas. As suas angústias passaram a ser as minhas angústias. Os seus receios passaram a ser os meus receios. Creiam, irmãos, o quanto isto me foi importante no mundo de cá.

Portanto, preocupem-se em fazer a caridade. Caridade não como um depósito na poupança espiritual para depois da morte, mas como um instrumento da própria alma na busca da alma do outro irmão.

Queira Deus, na sua imensa sabedoria, que saibamos reconhecer no irmão uma extensão das nossas necessidades e com ele poder vivenciar na vida eterna o prazer do bem-servir.

Que Deus nos abençoe!



Escrever onde escrevia. Meditar onde elaborava pensamentos para o amanhã e agora refazê-los noutra condição. Somente os mistérios dos desígnios do Pai para isso.

## *Capítulo 22*

### *Presença de Deus*

O preço que se paga na vida é o preço do amar a Deus, ao próximo e a si mesmo. Somos todos criaturas do Altíssimo e Ele, na sua Misericórdia, nos acolhe no seu amoroso regaço como uma verdadeira mãe. Dizem que Deus é Pai, mas as benesses Dele nas nossas vidas são muito mais do que isso, somente sendo coisa de mãe.

A eternidade que nos espera é indescritível. Todos nós, sem exceção, temos obrigações de reverenciá-Lo diante da grandeza que nos espera.

Morrer, neste contexto, representa tão pouco! Somos indefiníveis, a verdade é que sequer conhecemos a nós mesmos.

Deus está em nós, na realidade, nós somos deuses, como bem lembrou o Nosso Senhor Jesus Cristo, daí a oportunidade que Ele nos dá, a cada dia, de penetrar nos seus mistérios.

Todos temos desafios na vida. Superá-los é imperativo comum das nossas existências. Estar aqui, neste instante, então, é desafio grande para mim. Voltar para onde vivi e comunicar que continuo a existir é um desafio enorme.

Somos todos coroados pelo Pai por oportunidades ímpares, e esta é uma delas, sem dúvida.

Escrever onde escrevia. Meditar onde elucubrava pensamentos para o amanhã e agora refazê-lo noutra condição. Somente os mistérios dos desígnios do Pai para isso.

A cada instante novos desafios como este. Encará-los com naturalidade e submissão à vontade do Pai é dever de todos nós que necessitamos refletir adequadamente o porquê Ele nos traz estas oportunidades. Enquanto isto não ocorre, enquanto não compreendemos os seus desígnios, sigamos com Ele, confiando os nossos passos. A fé que nos move Nele deve ser o sustentáculo para a renovação das nossas esperanças.

Desafiar o inolvidável. Desafiar a nós mesmos, nossas crenças, nossa própria fé em entender melhor os seus desígnios é algo a ser pensado. Não é a destruição da nossa fé, mas a sua renovação constante.

Creiamos na Sua presença em nossas vidas e deixemos que o tempo, senhor da razão, nos traduza tudo aquilo que, por ora, não conseguimos alcançar.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 23*

### *Dia negro*

Há quantos falam por aí das cores. Imaginam que o ser humano é diferente, porque a tez de um é diferente da tez do outro. Uma raça específica, por conta disso, se torna superior a outra. Que ledó engano! Como poderíamos aferir a superioridade de um homem pela cor de sua pele? Somente muita presunção e desconhecimento da realidade espiritual para falar num despautério desses.

O homem, por si só, é uma individualidade, criação única de Deus, não há dois seres iguais por mais que se pareçam. A partir daí, do mistério da criação divina, podemos chegar rapidamente à conclusão: somos todos, sem exceção, absolutamente iguais perante Deus, porque cada um é filho do Altíssimo. Não há diferenças nem privilégios. Quem faz isso, quem procede à discriminação, são os homens, não Deus.

O princípio da igualdade se manifesta na criação divina, somos todos iguais, no entanto, nas diversas experiências que o Ser tem na Terra, ele se abriga em corpos diferenciados para o seu tentame existencial. Para isso, a roupa que veste é igualmente diferenciada. Numa existência pode vir negro, branco e assim sucessivamente.

Demorei a entender a este raciocínio, mas ele é justo na sua essência, porque permite a todos a maravilha das experiências diversificadas e assim sentirem um pouco do que o outro sente. É uma incrível forma de promover a excelsitude do Pai com os seus filhos e exercitar a solidariedade racial.

Meus queridos irmãos, para aquele que me conheceu em vida não há que estranhar estas palavras, pode vir a dizer: "Hélder agora, depois que morreu, deu para acreditar nesta tal de reencarnação". Sinto decepcionar a este e cabe a mim reconhecer, mas os renascimentos são obras de Deus.

Eu sei que isso vai ferir a meio mundo de gente, mas o que eu posso fazer? Eu não posso mentir diante da realidade a que me deparo. Do lado de cá, presencio pessoas que foram outras personalidades em outras vidas e se preparam para novas existências no corpo físico. É um fato, meus caros irmãos, não há como fugir. Deparo com esta realidade e ponho-me a perguntar: por que Deus esconde estas coisas a tantas criaturas? Apresso-me a responder dizendo que Ele não procede desta maneira, nós é que não queremos enxergar esta realidade tão profetizada por milhões de criaturas que pregam tais palavras no mundo inteiro.

A Teologia Católica poderá dizer: isto é uma blasfêmia aos ensinamentos do Cristo. Eu poderia retrucar com as palavras dele mesmo quando afirmou que aquilo que é do corpo é do corpo e o que é do espírito é do espírito. É o espírito que renasce, não o corpo que morreu. O corpo é outro, bem diferente. Por que então ignorar estas palavras? Porque é mais cômodo, confesso, imaginar que Deus vai nos salvar diante dos casuísmos que fizemos de nossas vidas. E onde estaria a Misericórdia Divina que viria a condenar definitivamente os seus filhos pelo mal que cometera?

É duro afirmar, mas eu repito, a vida não apenas continua depois da morte como ela se reveste de muitas transformações corporais em quantas existências sejam necessárias para o aperfeiçoamento do espírito.

Alguém, seguindo o mesmo raciocínio de antes, poderia dizer: "Dom Hélder, depois de morto, virou espírita". Não é verdade. Apesar de nutrir grande admiração por aqueles profícuos do Espiritismo do lado de cá, e compartilhar com eles algumas ações, não deixei de me juntar àqueles que, em vida, dividiram comigo as mesmas preocupações do clero, em fazer da Igreja que abraçamos um lugar de inclusão de todos, sem preconceitos de qualquer ordem e aberta ao diálogo. Sou favorável ao repensar de nossas práticas em

direção a integração geral com todos os partidários do Cristo e do bem que somos, mas contra uma realidade posta, não posso me furtar de desconsiderá-la para manter-me fiel àquilo que doutrinariamente defendi em vida.

Diante desta realidade pós-vida física, diante da multiplicidade de experiências que obtemos, como ainda pensar em supremacia racial? Isto é uma ignomínia. Não se sustenta com a razão e o bom senso. E ainda reflexo do orgulho humano de querer-se mostrar superior uns aos outros.

Neste dia de comemoração à Consciência Negra, tenho a dizer que me congratulo com todos aqueles que lutam pelo reconhecimento dos direitos de sua raça, sem discriminação de qualquer ordem, porque quem discrimina é o homem, não é Deus.

Hoje é o Dia Negro, não que tudo vai dar errado, como preconceituosamente tem sido atestado por aqueles que usam o verbo para separar as pessoas, mas porque haveremos de reverenciar os irmãos que vestem na presente experiência o manto negro na carne. A todos eles, ricos na cultura e na diversidade, quero deixar o meu abraço e o meu pedido de perdão. Perdão pela discriminação que inadvertidamente a nossa Igreja ajudou a sentenciar dando cores mais nítidas ao preconceito racial.

Perdoem-nos, irmãos! Quantas atrocidades, quantos abusos, e muitas vezes usando o santo nome de Deus, não foi desferido àqueles que voltavam na condição de escravos na Terra? Por esta razão, neste dia feliz de comemorações, junto-me aos gritos daqueles que lembram o herói dos Palmares:

- Viva Zumbi! Viva Zumbi!



Enquanto os homens não se enxergarem como uma grande rede divina não conseguirão ser felizes na vida social

## *Capítulo 24*

### *Consciência social*

A busca do homem por melhores dias é absolutamente legítima, requer dele, porém, empenho, encalço naquilo que deseja. O ato de trabalhar em si é enobrecedor, mas invariavelmente deve ser direcionado para uma causa justa. O trabalho enobrecedor é aquele que vai ao encontro dos interesses da sociedade, auxiliando-a no seu progresso material, mas também dando a devida contribuição para o engrandecimento do coletivo. Em outras palavras, o trabalho precisa ser dirigido para fins nobres e não apenas para a geração do lucro pelo lucro, mas a devida distribuição e aplicação deste lucro.

Numa sociedade tão desigual como a nossa, onde poucos têm muito e muitos têm pouco é necessário que se desenvolva nas nossas organizações a consciência social. Consciência social é o ampliar das responsabilidades da Instituição para além dos muros de sua instalação. E verificar qual a contribuição que pode ser ofertada por ela, não apenas na própria comunidade em que está inserida como também em projetos sociais que venham a diminuir estas enormes distâncias de ganho que existem no campo do trabalho.

Um dos momentos mais tristes, meus caros irmãos, é ver um pai de família sem ter o que oferecer para os seus filhos. E de fazer chorar e cortar o coração quando olhos famintos não vêem perspectiva alguma de ter um prato de comida para a refeição. Muitas vezes, a família ao lado se esbalda de alimento enquanto o vizinho se farta de escassez.

As empresas que geram lucros, além é claro de reinvestimento para sustentá-las, precisam enxergar na comunidade em que estão instaladas as necessidades de sua gente. Muitas vezes, pode se evitar alguém entrar na marginalidade se uma iniciativa social for engendrada por elas.

O que estamos fazendo com os nossos meninos de rua? Será que os programas governamentais estão sendo suficientes para tirar de vez o menor da ociosidade e lhe dar uma direção na vida ou tudo não passa de um passatempo para iludir alguém que é desprovido de perspectiva de vida?

É preciso responsabilidade social de todos. Quando falo na empresa, mesmo a pequena empresa, é que se ela se alimenta da comunidade em que está inserida por que não retribui dando alimento de volta para a própria "comunidade?"

A fome, meus irmãos, para aqueles que a conhecem de perto, é coisa muito séria. O alimento é o que põe o homem de pé. Se está com fome, o homem está vazio e "saco vazio não se põe de pé". O homem para ter coragem para trabalhar, para agir, precisa de comida e, às vezes, o mísero salário que recebe nem dá direito para isso, quanto mais para satisfazer as outras necessidades da família.

É imprescindível, de uma vez por todas, que se saia da acomodação das nossas casas e se procure as casas de nossos vizinhos. Cada um tem as suas dificuldades, é bem verdade, mas existe aquele que as dificuldades são maiores e que uma pequena ajuda já é substancial para a sua sobrevivência.

Enquanto os homens não se enxergarem como uma grande rede divina não conseguirão ser felizes na vida social. A interdependência é uma realidade tão premente que deveríamos reorientar as demandas sociais por conta disso, onde existiria apenas uma palavra de ordem: solidariedade.

Sem a solidariedade social os nossos grandes problemas continuarão crescendo mais e mais. Sem a solidariedade social o homem ficará impotente para encontrar o seu norte financeiro porque é impossível resolver uma equação econômico-social se existe desequilíbrio na distribuição da renda. É necessário dividir mais o que existe para que o todo social possa viver mais em harmonia, mas se continua a imperar a ganância e o egoísmo entre os homens nunca haveremos de obter a paz social que é um dos grandes desejos humanos.

Como podemos nos declarar irmãos do Cristo se permanecemos a alimentar a tamanha desigualdade que aí está.

É impossível ser feliz sozinho, já declarava o poeta em boa hora. Como podemos nos dizer felizes se vemos o nosso

irmão chorar, porque lhe falta um prato de comida ou uma assistência social adequada! Não é possível mais ao homem viver assim. Até quando teremos que conviver com esta indiferença e ver crianças pedindo esmolas nas ruas, nos cruzamentos das grandes avenidas, e fingir que aquilo não lhes diz respeito, que aquele quadro é problema do governo.

Sei que dar um prato de comida por si só vicia, mas é preciso dar a comida e buscar assisti-lo nas suas necessidades básicas. E impossível acabar a pobreza com um decreto oficial, se fosse assim era muito fácil e não existiria mais pobreza na Terra. A pobreza só se extinguirá do planeta por decreto interior, de cada um consigo mesmo: *"de hoje em diante a dor e a fome do meu irmão passará ser a minha dor e a minha fome também"*.

E claro que alguém isoladamente não vai resolver a dor e a fome do mundo, mas observe no seu mundo mais próximo quais são as possibilidades de você fazer a sua parte. Dê um prato de comida, mas se puder, dê uma chance de um trabalho, dê um biscoito. Se puder, não dê esmola, dê trabalho, dê dignidade, dê cidadania.

Sem a solidariedade social, meus queridos irmãos, a perspectiva de paz entre os homens é completamente nula. Deveríamos todos nós nos juntar num grande coro: *"Abaixo a pobreza!"* Pobreza das necessidades do corpo, mas igualmente as pobreza que corroem a alma humana que, muitas vezes, tem o que comer, mas não tem o que sacia a alma, mas esta é uma outra história que depois abordaremos, enquanto isso, preocupemo-nos uns com os outros.

Arregacemos as nossas mangas no intuito de extirpar a miséria da sociedade como lema principal para a ordem social. Eliminar a miséria e buscar dar dignidade à pobreza, tornando-a mais consoante com o atendimento básico das necessidades humanas representará um grande passo para a edificação do reino de Deus na Terra.

Consciência social, meus filhos, eis o grande grito que necessitamos dar para nós mesmos, mobilizando governos, organizações sociais, instituições econômicas, enfim, toda gente que não queira apenas da boca pra fora se dizer cristão e humano.

Avante com o Cristo que fez de cada pedinte, de cada necessitado, uma extensão de si mesmo. Façamos a um destes pequeninos e será ao Cristo que estaremos fazendo.

## *Capítulo 25*

### *Onde está Deus?*

A pergunta que não se pode calar nunca é saber onde está Deus. Todos nós queremos encontrá-Lo. Deus é a nossa realização pessoal. Encontrar-se com Ele é encontrar-se com a nossa própria salvação. Deus está em nós, eis a grande verdade a ser dita. Porque nós somos deuses. Temos em nós o encontro das vontades Dele na sua Criação, portanto, Ele está em nós.

Quando imaginamos encontrá-Lo em outro lugar, estamos fugindo de nós mesmos, da nossa essência divina. Somos deuses, porque Ele concentrou em cada ser a manifestação da sua criação. Quando nos fez, internalizou o germen da divindade. Quando nos criou, proporcionou na sua criação uma auto-identidade, isto é, ao olharmos para nós estaríamos olhando para o próprio Deus. Acontece que Ele deixou que cada um pudesse se auto-reconhecer como deus.

Deixar que cada um de nós pudesse descobrir, pelos seus próprios esforços, esta identidade divina. Mas não, o que fazemos, muitas vezes, é nos distanciarmos Dele, de nós mesmos, procurando naquilo que é ilusório, o que nos possa dar satisfação ou uma falsa felicidade.

Quando Deus nos criou proporcionou que tivéssemos em nós todas as ferramentas para o bem-viver. Deixou-nos o legado, inclusive, de sermos co-criadores de sua natureza, participe da grande obra divina. E como Ele pode se manifestar em nós? Pelas nossas ações de cada dia é que podemos mostrar aos outros que Deus habita em nós.

Como podemos demonstrar a existência de Deus em nós pelas obras? Através do exercício da caridade irrestrita, pela cessão do perdão ao próximo sem condicionalidade ou subterfúgios, pelo soerguimento de criaturas que ainda não se reconheceram como deus; por uma palavra amiga ou um consolo àquele que sofre; pela nossa compaixão com a dor do irmão; pela nossa fé. Talvez a fé seja um dos elementos primordiais para a manifestação de Deus em nós depois das obras. Porque é preciso acreditar, ter a convicção absoluta que também somos deus. Sem a fé, sem a convicção de nossa natureza, pouco poderemos fazer por nós e pelo nosso próximo.

A identidade de Deus que nos é inerente se revela nas pequenas como nas grandes coisas. Não é necessário apenas uma demonstração grandiosa para destacarmos a presença de Deus em nós. Substancial é vermos Deus em cada gesto simples do dia-a-dia, que nos valorizamos pelas pequenas oportunidades que nos são ofertadas e que muitas vezes desperdiçamos de fazer a nossa parte.

E claro que Deus também se revela na natureza imensa, porque cada obra Dele é o próprio Deus manifestado de alguma forma, daí a importância de percebermos Deus nos outros e na natureza que nos extasia os sentidos. Deus é tão

majestoso, é tão maravilhoso, que poderíamos dizer, repetindo as palavras de Paulo, que, na verdade, estamos mergulhados Nele.

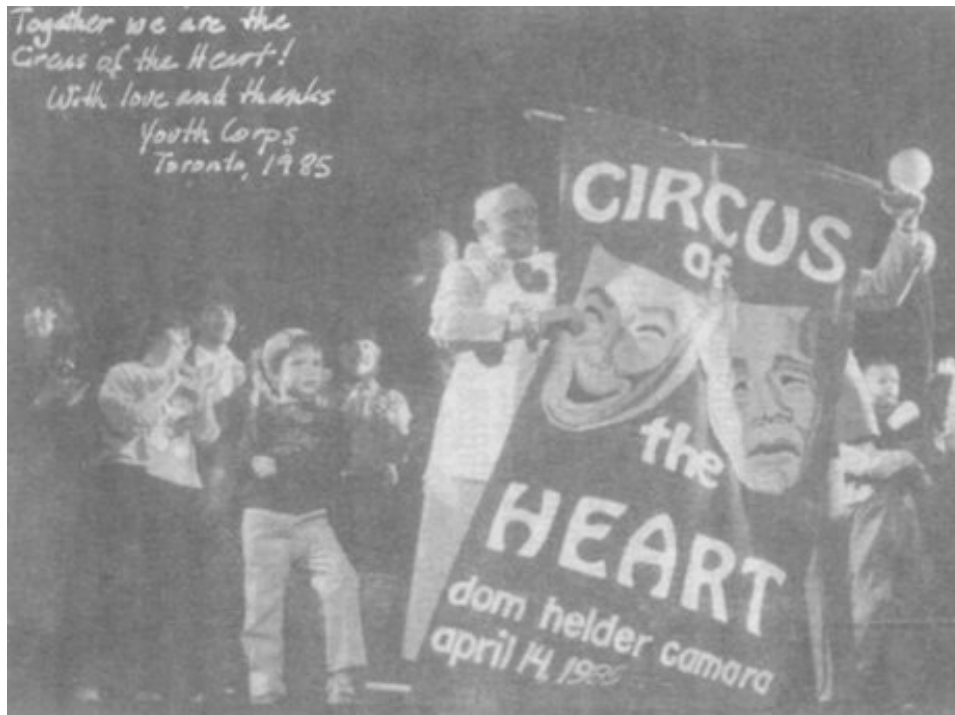
O que acontece é que nos esquecemos desta verdade maior, que Deus está em tudo. Basta desenvolvermos a sensibilidade divina que possuímos para enxergá-Lo em tudo e em todos. Neste dia, creiam meus irmãos, será uma felicidade só. Que maravilha é absorver Deus nas mínimas coisas do dia-a-dia. Muitos já conseguem fazê-lo e vivem num estado de êxtase permanente.

Do lado de cá, no mundo espiritual, esta sensibilidade é mais aguçada, até porque os sentidos ficam mais à flor da pele. Conseguimos perceber coisas que nunca imaginávamos antes pois estávamos limitados aos sentidos da carne que nos impede, de certa forma, de viver na plenitude a presença de Deus de maneira mais evidente.

"Somos deuses"<sup>[4]</sup>, assim falava o Nosso Senhor Jesus Cristo, mas parece que estas palavras de nosso irmão maior não foram levadas muito a sério, porque não nos comportamos como deuses que. Somos muito acanhados, para falar mais francamente, somos muito covardes, porque desprovidos ainda da fé que remove montanhas, não acreditamos que somos capazes de realizar as proezas que o Nosso Senhor nos garantira que, se quisermos, poderíamos realizar.

Queira Deus, que um dia, e que este dia não esteja muito distante, possamos nos reconhecer como verdadeiramente somos, como em espelho, pelas palavras de Paulo, e aí nos comportaríamos na plenitude das nossas forças fazendo do mundo, através de nós mesmos, o pulsar da própria Criação em manifestação do amor em tudo e a todos.

Que Deus nos abençoe!



É o amor que move o mundo, não tenham a menor dúvida disso.

## *Capítulo 26*

### *Grandeza do amor*

A grande razão de ser das nossas vidas é a vivência do amor. Sem o amor não somos nada. De que vale na vida ter bens, posses, títulos, se não tivermos junto a nós alguém a quem amamos e que nos ame também? Sem o amor o homem é vazio, sem utilidade alguma. E o amor que move o mundo e os homens, sem o qual toda existência será inócua.

Penso que o amor se revela de várias formas. Além de se revelar no homem, se revela também na natureza. Como são pródigas as manifestações do amor nas coisas de Deus. Cada criação sua, em essência, é motivada pelo seu imenso amor, daí a preocupação que devemos ter de amar a tudo e a todos. Sem amarmos em abundância é bem provável que estejamos cometendo o pecado de deixar de amar a Deus. Ele está presente em tudo, portanto, devemos amar a cada uma das Suas criaturas como se todos nós fôssemos irmãos, porque, na prática, assim todos nós somos.

Imagino a figura magnânima de Francisco de Assis, que sabia amar a todos igualmente ao Cristo, que reconheceu em cada criatura de Deus, seja uma árvore, um animal, o mínimo que fosse, um irmão em potencial e, por isso, deveria amá-lo.

E o amor que move o mundo, meus irmãos, não tenham a menor dúvida disso. Seja acreditava nisso quando estava na vida do corpo físico, do lado de cá, na experiência do espírito pleno, vejo com mais nitidez a grandiosidade do amor do Senhor para com todos nós. E incrível como Ele se manifesta nas mínimas coisas, dando lógica e sentido a tudo que acontece.

E pelo amor de Deus que estamos aqui, por exemplo, dando este depoimento de que a vida continua depois da morte. Apesar de sempre acreditar nisso, a experiência de continuar existindo, como já disse certa vez, é indescritível. Indescritível mesmo é poder lucidamente continuar trabalhando pela execução da Sua obra entre os homens e isso, meus irmãos, é mais um gesto de amor do Altíssimo. Queremos crer, sem dúvida alguma, que o amor que o Cristo nos ensinou deriva diretamente do Criador, pois eleja sabia perfeitamente estabelecer esta conexão com o Senhor das nossas vidas. E nós somos todos convidados por Ele a vivenciá-Lo pelo amor.

Uma certa vez, perguntado por um destes que me procuravam na Arquidiocese sobre a origem de Deus, disse que o Criador sempre existiu, por isso era Deus. Não satisfeito, o meu interlocutor insistiu em saber quem teria vindo antes de Deus. Confessava que não sabia porque cria na sua eternidade, mas ele retrucou dizendo que esta grandeza infinita de Deus é o que o fazia ficar embasbacado. Então disse a ele para finalizar a nossa conversa: é por isso que se diz que Deus é amor, porque somente o amor nunca teve princípio e também nunca terá fim.

Vivemos, na verdade, embebecidos pelo amor divino. E ele que nos cobre a existência, que nos protege, que nos dá segurança de que nada de mal efetivamente nos acontecerá, porque Deus vela por todos nós. E por esta razão que devemos sempre confiar Nele, sobretudo no seu amor incomensurável por todos os seus filhos, sem exceção, mesmo aquele que, temporariamente, esteja passando por dificuldades indescritíveis a pessoa humana.

Por estarmos em Deus e por Deus ser essencialmente amor - e mais ainda por sermos seus filhos - somos igualmente amor. Somos amor sim e é esta descoberta maravilhosa que nos fará aproximar cada vez mais a Ele, garantindo-nos de vez a nossa salvação eterna. E por este caminho, não outro, o caminho do amor que obteremos a salvação que tanto desejamos alcançar.

Creiam, irmãos, na excelsitude do amor, que vencerá todas as iniquidades; que abolirá todas as guerras; que pacificará a alma do mais bruto dos seres; que acalentará o coração do maior dos revoltados.

Somente o amor nos garantirá a vida eterna plena de êxitos e realizações. Somente o amor nos fará, verdadeiramente, ser reconhecidos como filhos do Altíssimo e continuadores da sua obra interminável.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 27*

### *A humanização do mercado*

A globalização posta como está é desumana. Os homens que constroem arranha-céus, que descobrem valores novos no campo da tecnologia surpreendendo-nos com inventos cada vez mais espetaculares; que impõem a criatividade poderes inimagináveis, não conseguem reinventar-se quando diz respeito à condição humana. Por mais que acordos internacionais sejam assinados nas diversas esferas de atuação, o homem tem sido incapaz de criar formas interessantes de gerenciar as incríveis distorções que ainda grassam na humanidade provocadoras da fome, da miséria, da desigualdade, da infelicidade do próprio homem. Digo infelicidade porque o mundo é um só, não há como separá-lo em partes como muitos o fazem. Tudo interage entre si mesmo aquilo que não conseguimos perceber com os nossos olhos físicos.

A Terra sempre possuiu movimentos de integração. Parece que faz parte da natureza humana a integração entre os povos e isto é muito salutar. E um encontro de irmãos. Na verdade, o ser humano é ser humano em todo lugar. Não há rejeição, por mais conservadora que seja uma comunidade, de realizar trocas a fim que cada um, pelo seu lado, saia ganhando. Pois bem, com o fenômeno da chamada

globalização não é diferente, é a oportunidade de integração da humanidade em escalas jamais imaginadas pelo homem. Ocorre, porém, como antigamente, que o homem não consegue sequer fazer as trocas de maneira igual, ou melhor, de maneira justa, pois no mercado de trocas há aquele que tem menos e precisa de mais, portanto, não pode ser tratado como aquele que tem mais poder de barganha. Entra em cena, no mercado mundial, um elemento importantíssimo do qual a globalização necessita urgentemente verter a sua atenção: a humanização dos mercados.

Por uma razão muito simples, não foi o homem que foi feito para o mercado, foi o mercado que foi feito para o homem. E para o homem, para o interesse dele como coletivo, que o mercado tem que dirigir a sua atenção. Se o lucro, finalidade maior das relações de mercado, for obtido de maneira concentrada, se uns poucos lucrarem às custas de outros, geralmente da maioria, então ele será perverso e excludente, passando a causar prejuízo, não financeiro, mas social. Esta é a variante mais importante das relações de mercado, ou seja, o lucro social. Porque o lucro na mão de poucos, já se tem provado pelos números da economia, é um lucro que fomenta a exclusão.

Que mudança então teria a globalização de hoje em relação à globalização do passado senão a escala dos lucros obtidos por uma minoria das nações; enquanto outras, a grande maioria, ficaria, quando muito, com as migalhas financeiras? Isto é desigual, é injusto, é desumano.

O homem precisa urgentemente, sob pena de ver crescer a violência e os distúrbios de toda ordem, humanizar o mercado. Não que o lucro deixará de ser gerado, isso não, mas o lucro precisa ser melhor repartido, melhor distribuído com toda gente. Vai ter País, inclusive, que não vai dar nada nesta troca, vai somente receber, mas, mesmo assim, o todo, o conjunto das nações, sairá ganhando. Isso sim é a

humanização da geração e destinação do lucro, o lucro social-

Quando falo sobre o social é porque vejo, por trás do social, gente de carne e osso, que pensa, que age, que tem necessidade, que é muito mais importante que o dinheiro, que não pensa, que não age por si só, que não possui necessidades. Quem existe, de fato, é o homem e não o dinheiro, logo, novamente chegamos à mesma conclusão de antes: o homem não foi feito para o dinheiro, o dinheiro - criação humana - é que foi feito para o homem, para todos os homens. Enquanto estivermos subtraindo de muitos a possibilidade de ter dinheiro para o suprimento de suas necessidades básicas, o mundo continuará nesta desarmonia, nesta bagunça sem fim.

Queria ver os nossos irmãos da Índia, da América Latina, da nossa mãe África, dos apartados da Ásia, terem os mesmos direitos que têm os ricos, e não era preciso muito luxo não, ter comida, ter onde morar, ter onde trabalhar. E que os governos garantissem o atendimento aos seus serviços básicos de manutenção social. Quando isto acontecerá?

Teimo em dizer que não será muito distante. As pessoas do mundo inteiro já estão percebendo que situações como o desemprego, a poluição, a concentração de renda, estão cada vez mais insustentáveis.

Como falar em desenvolvimento sustentável, palavra tão em voga nos dias de hoje, com tanta gente sem poder consumir os bens produzidos por este desenvolvimento? Se é desenvolvimento, pela própria natureza do conceito, deve ser algo em que todos saiam ganhando permanentemente, daí ser sustentável.

Meus queridos irmãos, esta prédica, infelizmente, não vou parar de fazê-la, mesmo do lado de cá. Essa ladainha não é só minha, pelo contrário, há um grande movimento

planetário para a redução drástica destas desigualdades. Já chegou o tempo de se dar um basta nesta situação toda. O homem precisa urgentemente despertar para o seu sentimento de coletividade, mais do que isso, para o seu sentimento de fraternidade. Lembrar, de uma vez por todas, que somos irmãos, porque, independentemente das raças, provemos de uma mesma fonte: Deus.

Queira Deus que possamos apressar estes dias. As cenas dantescas que vemos do lado de cá, da realidade do planeta, é incomparavelmente mais cruel do que as coberturas televisivas. Vemos no todo e vemos o pior, vemos as sombras agirem em comunhão com aqueles que querem ver implantar na Terra o desamor, a crença no anti-Deus, na predominância do mal. Como o amor cobrirá a multidão de pecados? Na boa lembrança do apóstolo Pedro<sup>[5]</sup>, será o amor que humanizará a Terra, não o amor de palavras, mas o amor de gestos, gestos largos, de ações efetivas, em que o homem enxergará finalmente a felicidade como razão direta da felicidade de seu irmão, isto é humanização, o querer efetivo da paz e da felicidade entre os homens. Este dia há de chegar, e se Deus quiser, não tardará.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 28*

## *Receita da felicidade*

O que mais queremos na vida é ser feliz. Este é um desejo universal. De todas as partes, o homem busca incessantemente a satisfação das suas necessidades, busca não sofrer, busca a alegria, busca, enfim, aplacar seus sentimentos. É um desejo natural dos seres humanos. Para conseguir este tentame, porém, há que trabalhar nesta direção, caso contrário, em vez de felicidade nutrirá no seu caminho existencial somente desventuras.

Como conseguir a felicidade? Eis a pergunta que não se consegue calar. De todos os lados, receitas e mais receitas prontas são oferecidas a toda gente. Claro que a maioria delas contém os germens para se atingir a felicidade tão desejada. Há, porém, um caminho que se revela infalível e que foi ensinado pelo Nosso Senhor Jesus Cristo: a prática do amor.

O amor é a síntese dos sentimentos humanos. Toda a razão de ser do homem concentra-se na experiência maravilhosa do amar. Não o amor piegas, o amor meloso, que tem lá as suas vantagens, mas o amor pleno, o amor universal a toda criação de Deus. Quando amamos nos realizamos interiormente. Quando amamos de verdade começamos a externalizar sentimentos nobres para com todos que cruzarem o nosso caminho. Somente quem ama é capaz de vislumbrar verdades novas a cada dia e desperta a consciência para o dever a ser cumprido na grande obra de Deus.

Somente quem ama, meus irmãos, tem a possibilidade de estar mais perto com o Criador, porque se há um sentimento que permite a conexão automática com o nosso Pai é o amor.

Quando Jesus esteve entre nós, há dois mil anos, pregou o amor como o único caminho possível para o homem se

realizar. Na realidade, as bem-aventuranças ditas por ele clareiam-se de maneira estupenda quando inserimos, permeando a todas elas, a mensagem gratificante do amor. Deus é amor. Quem quer ver a Deus terá antes que amar. Somente quem ama consegue vislumbrar a verdadeira face do Senhor das nossas vidas. E como podemos amar a Deus senão amando a sua criação maravilhosa? Há um ditado na Terra que diz o seguinte: "quem beija o meu filho, adocica a minha boca". Pois bem, quem serve aos meus filhos, diria o Senhor, beneficia a mim mesmo. Não foi isso que afirmou o Nosso Senhor Jesus Cristo quando lembrou-nos oportunamente de que quem ajudasse a um dos seus pequeninos a ele estaria ajudando? Esta é a verdade que não se pode calar nunca. O amor a Deus somente é possível quando amamos primeiro os nossos irmãos que encontrarmos perante a vida, mas amar de verdade e não apenas da boca para fora, que isto é relativamente muito fácil.

O amor de verdade requer renúncia de si mesmo. O Nosso Senhor Jesus Cristo disse que quem quisesse segui-Lo devia renunciar a si próprio e, de certa forma, carregar também a sua cruz, pois quem imagina que a felicidade será conseguida instantaneamente, como num passe de mágica, está enganado. A felicidade é construção diária, permanente, que exige muita perseverança, sobretudo em saber renunciar-se a si mesmo, o que significa deixar pra lá questões bastantes arraigadas ao nosso eu como o orgulho e o egoísmo. Ninguém pode sequer pensar em ser feliz se ainda traz consigo os germens da supremacia do eu diante das outras criaturas. Ser feliz é libertar-se das amarras do eu que escraviza e que deseja tudo para si: as coisas do mundo, a atenção dos outros, o privilégio sobre tudo e sobre todos. Não é assim que se consegue ser feliz. Vejam Jesus. Ele dedicou a sua vida inteira para servir ao próximo. Sua felicidade dependia diretamente da felicidade que podia

proporcionar ao seu semelhante. A felicidade, portanto, meus irmãos, é algo que se adquire renunciando-se a nós na busca incessante pela felicidade do próximo. Quem pensa diferente terá a ilusão de ser feliz.

A felicidade nos dias de hoje, nos tempos da sociedade de consumo, está resumida na posse de bens. Somente se é feliz se satisfizemos aquilo que os nossos sentidos materiais classificarem como o que está na moda, o que impressiona os outros. Alguma mulher diria: "que seria de mim se eu não tivesse aquela bolsa que vi na vitrine? Minha felicidade está naquela bolsa." O homem, mais senhor de si, justificaria no carro do ano a completude para a sua satisfação pessoal. Não quero dizer aqui que os bens produzidos pelos homens não devam ser objeto dos nossos desejos, afinal, a todo dia o homem consegue se superar mais e mais, o que não podemos é nos escravizar diante das coisas que são absolutamente temporais, fugazes, e, portanto, fugidias. Precisamos concentrar as nossas atenções naquilo que nunca se perde, naquilo que é eterno, nas coisas do espírito. Por isso Nosso Senhor fez a advertência, pertinente advertência, que a felicidade verdadeira, a felicidade do espírito que somos, não era deste mundo. Com esta advertência sublime, se a levarmos em conta, haveremos de dar às coisas da Terra a importância de fato que elas merecem, nem mais nem menos.

Meus caríssimos irmãos, ao saber que a verdadeira felicidade não pertence a este mundo, deveríamos, cada vez mais, nos esforçar em conquistar aquilo que nos traga a satisfação espiritual. Em vez de possuir coisas, devemos buscar é possuir a nós mesmos. Disciplinando os desejos, enobrecendo os sentimentos, corrigindo, pouco a pouco, as nossas falhas morais. Somente assim haveremos de conseguir, e já vibrar com cada vitória, a tão decantada felicidade que buscamos, porque veremos em cada detalhe,

nas coisas mais simples, um motivo grandioso para se sentir feliz.

Busquemos, enfim, irmãos, naquilo que é invisível aos olhos, mas que é essencial às nossas almas o alimento para o alcance da verdadeira felicidade.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 29*

### *Bendita a oração*

Quando o homem quer se comunicar com Deus, com o nosso Criador, deve, tão-somente, deixar falar a voz que vem do coração. Deus não quer palavras empoladas, cheias de brilho na retórica ou de eufemismos que ninguém entende, nem Ele mesmo, quer palavras abertas, quer sentimentos nobres desabrochando do mais íntimo de nosso ser.

Tem gente que conversa com Deus como se estivesse negociando com um comerciante na feira, já notaram? "Deus, tu me dás isto e eu, em compensação, te darei aquilo. Agora, vê lá se faz a tua parte bem feita, porque eu vou fazer a minha". Como será que o Pai escuta estas palavras, hein? Deve dar um sorriso enorme diante da imaturidade desse seu filho. Mas Deus responde às nossas preces, do jeito Dele, mas responde.

O homem precisa calar a alma para deixar que o Pai fale mais alto dentro de si. Muitas vezes não escutamos a Deus,

porque fazemos um tremendo barulho na nossa consciência, colocando sempre o nosso eu acima da vontade de Deus. Assim, Ele não consegue nos dizer nada. Espera o bom momento para falar fundo a nossa alma. Bendito o homem que está atento às palavras de Deus, que se deixa calar para que Deus fale mais alto no seu coração.

Deus fala aos nossos corações, porque fala primeiro aos nossos sentimentos. Ele precisa ser, acima de tudo, sentido e não intelectualizado, porque esta tentativa inócua de racionalizar-Lo não serve. É claro que Ele chega à nossa inteligência, mas antes está presente no nosso coração.

Às vezes, queremos que Ele nos responda logo aos nossos pedidos. Somos muito impacientes. Precisamos entender o tempo de Deus nas nossas vidas, Ele tem a hora certa de atender aos nossos apelos, porque sabe o momento exato das coisas acontecerem. Portanto, meu irmão, peça ajuda divina, mas antes, deixe no tempo do Pai o melhor momento para Ele dar a resposta.

Há pessoas que pedem muito quando estão conversando com o Pai. É um rosário de pedidos que não tem mais fim. É muito "eu quero isto, eu quero aquilo" e esquecem o fundamental: agradecer ao Pai. É maravilhoso agradecer ao Criador por tudo que temos. Na verdade, se percebêssemos melhor as benesses do nosso Pai nas nossas vidas, o nosso rosário seria só de agradecimentos, de gratidão. Agradecer pela vida, primeiramente, pela grande dádiva do existir. Como é maravilhoso existir. Já imaginou se você não existisse? Você seria um nada. Deixaria de estar usufruindo de tudo de bom que você já teve até o presente momento. Portanto, aproveite as suas orações para agradecer a vida. Agradecer o que você tem e também o que não tem. Se não tem algo que desejaria muito é porque ou você não merece ainda ou o que deseja lhe faria mal. Deixe tudo, portanto, nas mãos de Deus. Faça a sua parte e contente-se com o que

Ele lhe ofertar. Confie, Ele sabe sempre o que faz, mesmo que, por enquanto, não entendamos os seus desígnios nas nossas vidas. Agradeça e siga adiante.

Deus só quer o nosso bem, ponha isto na sua cabeça, não se deixe levar por pensamentos fortuitos. Deixe que Deus diga, naturalmente, o que seja melhor para você. Lembre-se das palavras do nosso amigo Jesus na prece dominical: "*seja feita a vossa vontade*"<sup>1</sup>, a vontade Dele não a nossa.

Meus queridos irmãos, aproveite o momento da prece diária, em que momento for, para entregar-se a Deus. Seja transparente e sincero com Deus, você não tem nada o que esconder Dele. Ele sabe de tudo que passa nas nossas vidas, então por que se guardar em subterfúgios? E certo que Ele sabe o que nós queremos e precisamos, antes que peçamos, mas Ele deixa que nós possamos refletir sobre o que de melhor nós precisamos, porque senão não teria mérito nenhum a prece.

Meus irmãos, sejamos pacientes nos nossos pedidos, mas previdentes nas nossas ações. Tem gente que pede, mas não faz mais nada. Espera que Deus lhe dê tudo na palma da mão, sem esforço algum. Não pode ser assim. Tem que agir, tem que lutar pelo que se quer, deixando sempre para o Pai o resultado pelos seus esforços. Lembre-se sempre: Ele sabe o que é melhor para nós.

Ávida é cheia de lutas. Corre-se pra lá e pra cá, é um torvelinho de fatos. Requer de todos nós a circunspeção necessária para fazermos o bom discernimento sobre o que seja melhor, é aí que a prece sentida, sincera, ganha ainda mais valia nas nossas vidas. E o momento sagrado da reflexão, da meditação divina. Quando o homem souber da verdadeira importância da prece, ficaria sempre conversando com Deus. Por isso que o Nosso Senhor nos aconselhou oportunamente "*orai e vigiai para não caíres em tentação*"<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mt 6,10.

<sup>2</sup> Le 22,40.

Orar sempre. Orar agora, orar amanhã. Orar na alegria, mas orar na tristeza também, porque ela tem algo a nos ensinar. Orar na turbulência, mas orar na calma. Orar na bagunça, orar também na organização.

Orar no trabalho, em casa, na rua, no ônibus, orar em todo lugar, porque todo lugar é a casa de Deus.

Haverá um dia que os homens orarão permanentemente. O dia que estarão perfeitamente sintonizados com o Criador, fazendo de sua vontade a vontade bendita de Deus.

Oremos, irmãos, pela nossa redenção. Oremos, irmãos, pelos outros irmãos. Não deixai nunca de pedir pelos outros, seja ele quem for. Que você conheça ou não, mas peça, agradeça, louve a presença de todos que passarem pelas nossas vidas, pois todos eles, todos os nossos irmãos, fazem parte do plano de Deus e, como você, também necessitam de oração.

Oremos ao Senhor!

## *Capítulo 30*

### *Confiança no amanhã*

Quem caminha na estrada da vida é movido de esperança de dias melhores. Não há aquele que não deseje para si a renovação de seus dias. Se está doente quer a cura. Se está triste quer ficar alegre. Se a vida não estiver dando certo, porque lhe falta o pão de cada dia, deseja o emprego. Somos movidos por algo que não possuímos ainda. E o desejo permanente de ser feliz através da satisfação dos sentidos e das vontades. E por esta razão que o homem se move de um ponto para outro. Busca a felicidade e nutre na sua alma a esperança de obtê-la. Como, porém, conquistá-la?

Penso, humildemente, que é necessário confiar no amanhã mediante a intercessão divina nas nossas vidas. Não há aquele, por mais simples que pareça ser, que não seja coberto pelo olhar de Deus. Há gente que imagina ser esquecido por Deus, porque tudo em sua volta é miséria, é sofrimento, é desventura. Não é verdade. Por mais tenebrosa que pareça ser a noite saiba que o dia, o sol, radiante em luz, é inevitável. Acontece que a noite, às vezes, e prolongada, parece não ter mais fim. É um Deus nos acuda. Impaciente, sem confiar suficiente no Pai que está nos céus - que tudo vê e que tudo sabe - passa a blasfemá-lo, a revoltar-se, a piorar ainda mais a situação. Não é assim que se faz, este procedimento não leva a nada a não ser piorar as coisas.

É preciso, portanto, ter fé.

Fé em Deus, nosso Pai Amantíssimo. Ele não haveria de abandonar nenhum de seus filhos e tampouco você. Há sempre, por mais que ignoremos, uma razão na Criação. Precisamos, muitas vezes, nos desdobrar para conhecê-la, basta, se não a entendermos de imediato, confiar. Confiar e seguir adiante.

É duro um pai de família, ao amanhecer o dia, olhar para os lados e não ter o que fazer, e o pior, não ter nada o que comer. Como dói o coração dessa gente. Infelizmente, os

programas sociais ainda são insuficientes para minorar, como deveria, o problema da fome, apesar dos enormes esforços neste sentido. O que se pede, nesta concentração injusta de renda que vivemos, é a melhor distribuição das riquezas, a partilha do pão, como bem exemplificou o Nosso Senhor Jesus Cristo na Santa Ceia.

Teremos que confiar que o amanhã será melhor, porque, por mais fundo que seja um buraco, um dia ele chega ao seu final, e aí começa o caminho de volta para a superfície, com esforço redobrado para sair-se dele, mas se consegue.

Meus queridos irmãos, penso que o Pai "*não colocaria fardos pesados em ombros fracos<sup>1</sup>*", portanto, por mais que seja difícil a caminhada com enorme peso que carregue, você tem condições de fazê-lo. Alguém poderia dizer "*não é você então é fácil falar*". E verdade, mas o peso é seu, tem lá as suas razões que Deus há de explicar na sua grandiosidade. Injustiça não há, porque a soberana justiça e misericórdia existem no Criador. O que fazer já o dissemos, confiar.

Penso que os fardos, depois da caminhada penosa, quando nos são retirados das nossas costas, revelam-se não serem tão pesados assim. Olhando-se para trás, depois do acontecido, é que se avalia com mais tranqüilidade que não foi tão pesado assim. E que a impressão do momento, o desejo natural de não querer sofrer, de não querer passar por aquilo, reforça inconscientemente o volume do peso que carregamos.

Confie no amanhã, meus irmãos! A esperança de dias melhores não deve nunca ser esquecida. Pode demorar, mas chega. E aí os momentos de felicidade, a alegria que nos domina, olhando para trás e ver o que passamos, é incontavelmente mais gratificante. Sempre vale à pena. Depois da tempestade, o dia de sol radiante não apenas nos conforta, como nos enche de novas energias para tocar a vida, com mais ânimo e determinação.

Confiemos no Pai que tudo sabe a nosso respeito, pois o amanhã será proporcional ao que fazemos no nosso presente, como o nosso hoje derivou do que fizemos ou deixamos de fazer no nosso ontem.

<sup>1</sup>MT 11,30

Daí, meus irmãos, a enorme responsabilidade do que fazemos agora das nossas vidas. Concentre todas as suas energias para fazer bem feito o que você está fazendo agora que é o momento mais importante da sua vida, seja o que for. Se entregue a Ele com todas as suas forças e raciocínio para não se arrepender mais tarde pelo que deveria ter feito e não fez.

Meus irmãos, uma coisa é certa: o amanhã sempre virá. Confiemos e com a ajuda do Pai que nunca nos falta, haveremos de chegar até Ele de cabeça erguida, de fé renovada e de coração aberto às novas experiências que nos esperam.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 31*

### *Outra realidade é possível*

O homem não pode viver sem acreditar que o seu amanhã não seja diferente de seu hoje. O sonho dos homens é a matéria prima necessária para ele transcender do aqui e do

agora. Sem a esperança de dias melhores, o homem se perde em suas confusões mentais e tudo se deteriora diante de si. Sem esperança, o homem morre sem saber que morreu. Para viver, sobretudo para viver bem, o homem deve acreditar que amanhã tudo será diferente. Muitas vezes, no entanto, a realidade cruel que vive faz ele achar que tudo não tem mais jeito, que tudo vai continuar como está. Isto é terrível! Subtrair a esperança de alguém é lamentável. Neste instante, não há outro remédio senão sonhar. Sonhar que dias melhores virão.

Passei toda a minha vida física a sonhar. Era o meu ofício número um sonhar. As adversidades, os infortúnios, as caras de fome que me chegavam à sacristia, os sem-espurança de todos os dias, os problemas infindáveis de toda gente, eram tantos que só me restava sonhar, porque se não sonhasse sucumbiria também com eles.

Sonhar é preciso. Sonhar não para se alienar da realidade, mas para acreditar - e acreditar de verdade - que outra realidade é possível. E é mesmo. Deus é amor e, sendo assim não haverá de renegar os seus filhos, portanto os momentos difíceis que passamos servem apenas para testar as nossas fibras morais, a nossa verve divina. Porque acreditamos num Pai Amantíssimo, não podemos acreditar nunca que a realidade que vivemos é definitiva. Deus, na sua misericórdia e em seus próprios caminhos, haverá de nos mostrar uma saída, porque creio em Deus, tenho direito de ter esperança, tenho o direito de sonhar.

Deus, sendo amor em abundância, nos proporciona o direito de sonhar e com isso esperar e crer que amanhã, pois sempre haverá amanhã, passada a noite escura, teremos inevitavelmente o raiar do sol. Não há como contestar esta verdade. Nunca teremos uma noite infindável. Por esta razão, por acreditar firmemente nesta máxima, nunca desanimei. Meu ofício, como sacerdote, foi lembrar estas

verdades para meus irmãos e com eles tentar encontrar as saídas prometidas por Deus.

Por acreditar firmemente numa vida nova, numa vida diferente, achavam-me alguns um lunático. Outros, mais condescendentes, um visionário. Nem uma coisa nem outra, apenas trabalhava com a realidade divina nas nossas vidas. Sei que é difícil tratar os assuntos desta maneira, principalmente para quem sofria e gostaria de uma solução imediata para seus problemas. Alguns achavam que eu possuía, inclusive, este poder. Por ser padre, representante de Deus na Terra, iria facilmente encontrar uma saída para atender a seus interesses. Hoje compreendo melhor as intuições que recebia do Alto e que saíam em forma de conselhos que tanto confortavam meus irmãos. Aqui, aprendemos que no grande trabalho do Senhor ninguém está sozinho.

Meus queridos irmãos, se a isso alguns gostariam de denominar como uma utopia a minha enorme crença em Deus e num futuro diferente do que vivia pode crer que sim. A utopia é a essência da crença divina em nossas vidas. Sem ela os homens já teriam deixado de existir há muito tempo. Quantas turbulências, meu Pai, quantos desgostos passei, quantas injustiças fui vítima por confiar em Ti. Sei hoje o quanto tudo aquilo foi necessário para mim e que havia motivo grandioso da Criação em experienciar o que passei.

Assim se passa com todos. Até o Cristo, o irmão magnânimo sem máculas, carregou a sua cruz e por que nós, seres ainda endividados pelo tempo, haveríamos de imaginar que a vida seria um paraíso sem fim? Não, a realidade nos mostra, porém, que no sofrimento há lições profundas a serem enxergadas e compreendidas. Portanto, paciência, e tudo a seu tempo correrá bem. Mesmo o mal mais aparentemente cruel um dia cairá por Terra, porque, no final, somente o amor de Deus prevalecerá.

Confie no seu amanhã e nunca desanime. Deus tudo vê e na hora certa - na hora certa de Deus - haverá de dar a resposta que precisamos ouvir nas nossas vidas. Confiemos e sigamos adiante, mesmo que o peso da cruz pareça insuportável.

Meus queridos irmãos, creiam que o amanhã será feliz para todos nós. Mesmo que nesta vida seja de muitas agruras, confie no Pai e depois das atribuições da vida física, aqui, na casa permanente do Senhor, verás sentido em tudo. Pode ser que o amanhã seja reservado de paz, mas somente no lado espiritual, o que mais ainda nos solicitará a fé inquebrantável no Senhor.

Confie e seja com Deus dentro de ti. O amanhã será sempre outro dia e o Senhor te esperará de braços abertos, com um sorriso na face, porque soubeste combater o bom combate.

Que Deus nos abençoe!



A presença do Cristo nas relações internacionais se dará quando enxergarmos, no ambiente das negociações, o traço insofismável da solidariedade.

## *Capítulo 32*

### *Solidariedade planetária*

Em todo mundo vê-se aumentar a preocupação com a situação em que se encontram os pobres. Estamos chegando a um ponto que a distância entre ricos e excluídos é tamanha que não dá mais para tapar o sol com a peneira: temos urgentemente que priorizar as nossas ações, individuais e coletivas, para minorar o quadro de miséria que assola o País e o mundo. Só assim poderemos afirmar que somos uma humanidade civilizada.

As barbáries de ontem, infelizmente, ainda não cessaram. Quando vemos irmãos nossos da Africa ou mesmo na Índia em situações de penúria é de cortar o coração. O fato é que as estruturas sociais e econômicas existentes são bastante perversas e não representam sequer um sopro de cristandade na Terra. É impossível pensar em Cristo, visualizar a presença do Cristo em nós e vermos contingentes imensos de seres humanos sem a devida atenção social e em desamparo quanto a sua inserção no uso dos bens econômicos a quem têm direito.

Quando meu Pai, que despertaremos em saber que da satisfação coletiva depende a satisfação individual? Penso que a América Latina, tão pródiga de bons homens, Poderia imediatamente reverter as condições de miserabilidade, malgrado tenhamos ainda a convivência de estruturas arcaicas e modernas que sustentam um patamar de desigualdade inaceitável. Penso, também, que um pouco

esforço efetivo da Organização das Nações Unidas poderia em pouco tempo, reverter situações adversas de convívio social, a depender de um pouco mais de generosidade das nações ricas que precisam perceber, de uma vez por todas que é impossível manter o quadro atual de privilégios que sempre caracterizou esta enorme dependência das nações mais fracas, a custa do sofrimento da sua gente, em ter que reter bem pouco da sua riqueza produzida em detrimento das transferências cada vez mais crescentes das suas riquezas internas.

Os esforços bilaterais entre países emergentes e ricos ainda são bastante tímidos para assegurar condições de sustentabilidade, criando condições efetivas de avanços sociais e econômicos. Deriva, quase sempre, para a esmola e não para ganhos permanentes de produtividade econômica e desenvolvimento social.

A presença do Cristo nas relações internacionais se dará quando enxergarmos no ambiente das negociações o traço inofismável da solidariedade. O grau que vemos hoje é bastante tímido, pois os homens, não em sua maioria felizmente, acreditam que as desventuras das outras nações não lhes pertencem, até porque acreditam já possuírem problemas demais nos seus países de origem. Não é assim. As tais estruturas de competitividade econômica internacional destroem qualquer possibilidade de ganho coletivo uma vez que privilegiam como resultado o lucro econômico e, em nenhum momento, o lucro social. Sob estas perspectivas, haveríamos de mudar radicalmente a forma como conduziríamos os negócios internacionais.

Por que não criamos, por exemplo, um fundo de solidariedade internacional? Um fundo que tivesse a preocupação básica de subtrair continuamente as parcelas de excluídos do mundo. O fato de já nos juntarmos em oito compromissos para a construção de uma humanidade

melhor representa grande progresso, mas não vemos, no conjunto das nações, uma preocupação focalizada nos pontos eleitos. É um compromisso ainda sem comprometimento.

O dinheiro, pensam muitos, ainda anda muito escasso para se ter a rojão de solidariedade. Não é verdade. Dinheiro se tem e muito, mas está bastante concentrado nas mãos das nações ricas que se vê assolar, cada vez mais, as discórdias internacionais em notícias crescentes de terrorismo, alimentado, entre outras razões, pela condição excludente de como desenvolvem os seus negócios. Deveríamos repensar estas condições adversas sob a perspectiva global e desenvolver no seio das nações mais ricas a noção real que a globalização deveria nos impor: a solidariedade planetária. Isto sim é o significado mais adequado para a globalização.

As perdas pela falta de solidariedade nas relações internacionais aprofundam entre os homens distâncias enormes. Não nos aproximamos, pelo contrário, criamos barreiras muitas vezes intransponíveis de se passar. O Brasil exerce um papel importante no conjunto das nações, o de partilhar com outros países experiências de trocas efetivas, possibilitando o repasse de tecnologias, sobretudo de cunhos sociais, para alavancar da miséria nações irmãs - que nos vêem com bons olhos, diferentemente de outros países que, infelizmente, já se marcaram como fonte de exploração constante ao longo dos séculos.

Há que mudarmos urgentemente as estruturas atuais de relações e repasses financeiros, se quisermos alterar as condições de miserabilidade existentes. É desumano, inadmissível, continuar a levar as coisas como se nada estivesse acontecendo, como se nada existisse. Infelizmente seria necessário colocar, mais e mais, nas telas de TV internacionais, as cenas dantescas de meninos e meninas esqueléticos que vivem em cenários subumanos para ver se

chocando a atenção despertasse a sensibilidade fraterna que o Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou como base essencial para a felicidade dos povos.

Não podemos viver mais assim. A grande bomba que se arma hoje não é mais a atômica, que tanto me aterrorizou quando estava vivo fisicamente na Terra, mas é a bomba social. Esta bomba é terrível, porque está alimentada diariamente na revolta popular pelas injustiças, as quais são vítimas, como também pela situação de exclusão e consciência dela que são mais crescentes. Ora, as manifestações recentes na França<sup>1</sup>, por exemplo, são retrato fiel que isto tudo não pode continuar.

Onde está a doutrina amorosa e fraterna do Cristo? Guardada apenas nos templos de devoção e nas páginas amareladas dos livros sagrados? Ou apenas nas lembranças esporádicas de compromissos religiosos de praxe?

Não mais o Cristo do crucifixo distante, mas o Cristo atuante como ele foi, defensor das bandeiras sociais e humanas que promovessem a paz e a justiça entre os homens. Um Cristo reacionário diante da hipocrisia farisaica. Um Cristo inconformado com as estruturas perversas, hoje de um capitalismo excludente e selvagem. Um Cristo libertador das ignorâncias de toda sorte. Um Cristo fraterno em aproximar todos como irmãos.

*"Onde há duas ou mais pessoas reunidas em meu nome eu atestarei"<sup>2</sup>*, adiantava o Senhor das nossas vidas. E onde ele está nas reuniões das cúpulas internacionais? Por que não o chamam? Certamente porque não acreditam verdadeiramente em suas palavras proféticas.

Irmãos, juntemos os nossos esforços para doravante lutarmos ainda mais pela justiça entre os povos, pela partilha justa do pão do Senhor, para que nenhum dos seus filhos se sinta subtraído daquilo que lhes pertence.

Creiamos na sua presença em nossas vidas e com todas as nossas forças começemos, ao menos, a mudar a realidade de nosso entorno e que o nosso exemplo, de amigo do Cristo e amigo do nosso irmão, se irradie e pouco a pouco ganhe a escala planetária que desejamos. Que Deus nos abençoe!

<sup>1</sup>As chamadas mesas girantes, protagonistas da chamada dança das mesas, foram fenômenos aos quais alegava-se natureza mediúnica, amplamente difundido na Europa e nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX. Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>2</sup>Mt 18,20

## *Capítulo 33*

### *A conquista da paz*

Aquele que ininterruptamente procura a paz deve fazê-lo não como um sacerdócio, mas como um candidato a vencer a si próprio. A paz no mundo depende exclusivamente da paz interior de cada homem. Sem a construção da paz no coração do homem, ela será letra morta e deveras encontraremos alguma sorte em alcançá-la.

Todos nós desejamos alcançar a paz que é um tesouro precioso, sobretudo nos tempos de guerra que vivemos hoje, onde nações impõem às outras as suas vontades ou no momento que cresce o terrorismo, a paz representa um anseio mundial. Conseguir viver em paz é, pois, um desafio de todos os homens.

Viver em paz requer, antes de tudo, um desapego de si e um encontro com o irmão. A raiz da violência, da não paz, está,

sobretudo, no egoísmo humano. Por querer demais alguma coisa, por achar-se conhecedor, exclusivo da verdade, por querer impor a sua vontade, por não admitir outra opinião que não seja a sua, o homem tende a sobrepor-se de todo jeito aquilo que deseja mesmo contra a vontade do outro e aí se instala o conflito inevitável.

Para se ter paz é necessário um desprender de si na busca da verdade do irmão, porque o outro é um irmão e se, de cara, enxergarmos no outro um irmão começaremos imediatamente a tentar evitar o conflito. Quando tivermos o impulso de discutir com alguém, por exemplo, haveremos de frear os nossos impulsos de agressividade, se enxergarmos no outro um prolongamento de nós mesmos. Veja que estamos, de certa forma, aproveitando o próprio egoísmo, o apego exagerado para si mesmo, para subtrair impulsos de violência.

A violência não nos leva a lugar nenhum, a não ser para a destruição total. Ela carcomina as estruturas da sociedade mediante o conflito, o desrespeito ao direito do outro, pela falta de fraternidade que, no fundo, é o que une os povos e toda a gente. Sei que a violência cresce em todo o País e fora dele, mas creiam irmãos, representa, tão-somente, o princípio do fim. As ondas de selvageria que assistimos na televisão, ouvimos nos rádios ou lemos nos jornais, representam bem pouco do que realmente acontece. As notícias dão apenas uma versão dos fatos, a versão violenta, o que de mal acontece, mas onde ficam as boas notícias?

As boas notícias, no mesmo caminho das más notícias, deveriam ganhar espaço semelhante, ou até maior, espaço reservado para divulgar as maldades humanas, aliás, maldade, violência, agressão não são humanos, são uma ab-rogação da condição humana que somos, um desvio.

O homem não foi feito para a sua autodestruição, foi feito pelo Pai Criador para viver em paz, esta é a sua real

natureza, a natureza de amor e, conseqüentemente, de viver em paz. O amor é o centro de tudo no universo de Deus e, principalmente, para se conseguir a paz tão desejada. Desta forma, precisamos primeiro, para ter paz, aprender a amar.

A aprendizagem do amor requer esforço próprio, diario, permanente. Em cada gesto, cada palavra, cada pensamento, necessitamos exercitar o amor. Somente o amor consegue acabar com as rixas, o desentendimento, os sentimentos de maldade para com o outro, as malevolencias de toda sorte. Porque quem ama, ao pensar em si, não pensa em exclusividade, pensa, por amor, em incluir o próximo naquilo que deseja para si. Ora, se deseja o bem para si, deseja também o bem para o próximo.

Não há como conseguir a paz sem o exercício do amor. Por isso é que o Nosso Senhor escolheu o amor para proclamar em alto e bom som que nele resumia toda a lei de Deus, portanto, precisamos desenvolver todos os nossos esforços em criar uma sociedade amorosa. Já imaginou as escolas do mundo ensinando nos seus currículos como disciplina-mãe o amor? Que maravilha não seria! O amor teria que permear o conteúdo de todas as demais matérias do aprendizado também. Tudo deveria ser compreendido, desde criança, pela perspectiva do amor.

Meu Deus, fico só imaginando... A história dos povos seria contada não pela ótica das guerras, mas pela demonstração que este caminho, o da imposição da vontade de um sobre o outro, do predomínio de um povo sobre outro, da ocupação indevida de um território, só traz a discórdia e a morte, portanto, não leva ao amor. Estudar os incríveis fenômenos da química, da física e da biologia como resultantes do formidável movimento de Deus na natureza, como expressão do amor de Deus. Mesmo a matemática e suas complicadas operações seriam igualmente para demonstrar que a lógica perfeita, sem erro, é uma forma de mostrar que

o amor é perfeito, sem espaço para as divagações estéreis, que não nos leva a nada. A geografia, os fenômenos estudados pela geografia, guarda uma beleza enorme, beleza somente explicada pela vontade do amor.

Quando falamos no amor, falamos na expressão do amor divino, sobretudo em cada parte mínima das coisas porque somente o amor de Deus para justificar a excelência da harmonia, da convivência pacífica ou da resultante pacífica mesmo no aparente ambiente de caos.

Somente o amor traz a paz, isto é inquestionável. Por esta razão, a decisão de amarmos uns aos outros e ao Pai Criador deve ser prioridade para todos os povos. Foi esta mensagem magnânima que Nosso Senhor trouxe, direto do Pai, e ninguém quer dar ouvidos. Por isso, continuam a se digladiar um com o outro, em aprofundar os abismos sociais e econômicos, a se mutilarem diariamente numa escala que parece mais interminável.

Meus queridos irmãos, a paz, como vimos, não vai chegar de pára-quadras e se instalar entre os homens. A paz precisa ser edificada primeiro no coração dos homens, como o amor deve se manifestar inicialmente no coração do ser humano. O ensino da paz nas escolas - e não apenas nos templos de crença religiosa e espiritual - requer que o homem pense na construção de sua paz interior que é construída mediante o esforço constante de autodomínio. Precisamos nos controlar mais para não nos encolerizarmos, não perdermos a paciência com qualquer coisa, em refrear Impulsos malévolos que todos ainda possuímos, em se vigiar para não querer invadir o espaço do outro. Se respeitamos o outro imediatamente evitaremos a possibilidade do conflito. A paz se constrói num ambiente de disciplina e na busca da reciprocidade dos sentimentos, porque quando desejamos o bem a alguém, a tendência natural é o outro responder na

mesma moeda e aí já criamos, espontaneamente, uma ambiência pacífica.

Meus caros irmãos em Cristo, Ele, o Nosso Senhor, foi uma demonstração clara para todos nós que podemos ser seres pacíficos, aliás, Ele nos prometeu que serão aos pacificadores que estaria reservada a posse de nosso planeta. Portanto, se quisermos ser herdeiros da Terra no futuro, precisaremos urgentemente nos transformamos em agentes da paz, em fomentadores da harmonia entre as pessoas, de construtores de conciliação.

Seja você também, meu irmão, um pacificador, para juntos fazermos desta maravilhosa Casa de Deus um paraíso constante onde reine a harmonia e o amor entre os homens.

## *Capítulo 34*

### *Nossa Senhora*

De todas as mães do mundo, uma é especial: falo de Nossa Senhora, Maria, mãe de Jesus. Maria é mãe de todos nós, porque consola e zela por todos os filhos das outras mães, seria mãe, conseqüentemente, de todas as mães. Por que esta reverência em especial por Maria de Nazaré? Porque ela representa, no simbolismo de Seus atos e gestos, o sofrimento e o amor de uma mãe pelos seus filhos. Foi assim com Jesus, nosso irmão maior, e é assim com todos aqueles que recorrem a Ela nos seus instantes de sofrimento e dor.

O Maria, minha Mãe querida, neste dia em que consagramos a Ti, no Recife<sup>1</sup>, venho aos Teus pés para agradecer pela proteção que nos dás. És, ó Mãe, aquela que

zela por todos nós, que sabe das nossas dores e corre até nós para aliviá-las. És ó Mãe querida, quem nos abraça em Teu amoroso regaço, que nos faz sentir seguros quando a sorte se faz ausente, que nos dá a sensação de nunca estarmos perdidos, que há sempre alguém que velará as nossas necessidades, que nunca nos desampará.

És a mãe-símbolo de todas as outras, porque o que fizeste pelo Nosso Senhor Jesus somente uma santa corno és, para suportar e estar, lado a lado, diante da dor atroz do Teu filho, injustiçado pelos homens, preso, açoitado ironizado e cruelmente assassinado.

<sup>1</sup> Texto recebido em 8 de dezembro de 2005, data em que é comemorado em Recife 0 dia da sua padroeira - Nossa Senhora da Conceição.

Quando Te vejo, ó Mãe de todos nós, quando me lembro do que passaste, lembro-me de todas as mães, sobretudo das mães nordestinas. Mães que labutam todos os dias, que socorrem seus filhos, que se multiplicam em mil diante dos afazeres, e quando trabalham fora do lar então são super mulheres a se desdobrarem mais ainda. Mas Te vejo, ó Mãe, por exemplo, nas faces doloridas das mães sertanejas ou nas mães residentes nos morros do Recife ou nas palafitas de Olinda.

Ó querida Mãe, como sofres quando teus filhos não têm nada o que comer. Se pudesses, quando pequeninos, darias o Teu seio para alimentar todos eles diante da ausência completa de um pão ao menos. E quando um de Teus filhos chora por estar doente, ó Mãe de Jesus, como te cortas por dentro, é como se o mundo inteiro estivesse nas tuas costas e, impotente, tens que segurá-lo nos ombros magros. Mas

consegues, apesar de tudo, trazer a dor do mundo em Teus ombros.

Minha querida Mãe de Jesus, Teus ombros suportam a dor do mundo. Esta incrível capacidade que possuem as mães de absorver a dor do filho é o atributo divino por excelência que mostras aos homens demonstrando inexoravelmente o que representa a verdadeira face de Deus.

E o coração de uma mãe? Como é largo e grande o coração de uma mãe. Minha mãezinha querida - que aprendeste também com a Mãe de Jesus - que me acompanhou na hora derradeira, na hora de reencontro com a eternidade, que segurança me destes quando viestes me buscar na minha partida final. Estava literalmente nos braços do Senhor, ó mãe, porque estava em teus braços.

Nossa Senhora é mãe de todas as mães também, porque nos momentos de maior dificuldade as mães da Terra suplicam a ajuda da Mãe de Jesus. Somente outra mãe para saber o que se passa verdadeiramente no coração de uma mãe.

Mãe poderosa, neste Teu dia, nós, agradecidos, te rendemos graças por tudo que tens feito por nós. Somos todos, sem exceção, interminavelmente, devedores do carinho e da presença que nos dás em nossas vidas, porque não deixas de repetir os mesmos gestos com que acompanhaste o Teu filho querido, Jesus.

O Mãe de todas as mães, temos muito a aprender contigo, sobretudo os homens, porque no Teu coração bondoso de mãe nos ensinas o que seja a compaixão. Queríamos nós, homens, também nutrirmos em nossos corações a chama eterna da ternura e do compartilhamento da dor alheia. Ah, neste dia, Mãe querida! Os homens se transformariam em outros, porque aprenderiam contigo, o valor que possui outro homem e cada um dos homens.

Neste dia, minha Mãe querida, venho aos Teus pés novamente para dizer da nossa gratidão e do nosso desejo de que não nos deixes jamais. Sabemos dos Teus múltiplos

afazeres, mas, mesmo assim, não deixas de ouvir e atender<sup>a</sup> nenhum deles.

Obrigado, ó Mãe, pela Tua manifestação em todos os povos. Por quantas faces se apresenta? Es da Conceição, das Dores, de Aparecida, de Meldjgore, do Rosário, de Fátima, e de tantas outras faces para mostrar, de alguma forma, que pertences a todos os filhos.

Neste dia memorável, ó Mãe, continuo a Te pedi pelos Teus filhos que estão na lama, pelos que residem em casebres subumanos, pelos que não têm o que comer e onde trabalhar, pelos que erram nos presídios e que sofrem nos hospitais.

Minha querida Mãe, também sofro quando Teus filhos se sentem sós e acreditam que não têm ninguém por eles. Minha Mãe querida, estende, neste momento, os Teus braços amorosos sobre eles, dás o teu ósculo consolador na face de cada um dos que estão em dor, minha Mãe. Acho que neste instante, aprendemos o quão doce e necessário é um simples afago, um aperto de mão, ou um abraço de irmão.

Minha mãe, neste dia, levantamos os nossos braços aos céus para Te louvar e pedir por todos nós. Semelhante a Jesus no Calvário, sabemos que podemos confiar na Tua presença em nossas vidas como a nos dizer: *"meu filho, não desistas jamais, pois estarei também contigo até o final dos dias"*.

Muito obrigado, minha e nossa Mãe.

## *Capítulo 35*

### *Verbos divinos*

O homem não pode viver só. E de sua natureza viver em sociedade, criar em sociedade, compartilhar em sociedade. Tudo se faz através do convívio salutar de vontades. Repartir, portanto, passa a ser um verbo essencial para o convívio social. Repartir o que tem, aquilo que excede a sua necessidade para dar a aquele que nada tem. Repartir é verbo divino. Compartilhar é outro verbo da mesma família de repartir, porque quem compartilha, de certa maneira, também reparte. Compartilhar é colocar à disposição aquilo que lhe pertence para que outros possam também usufruir.

Há verbos humanos e verbos divinos. Os verbos humanos são aqueles criados pelos homens, que nada têm a ver com Deus. Os verbos divinos são aqueles que engrandecem os homens no seu convívio com os outros, com a natureza e com Deus. Os verbos humanos foram criados para disciplinar relações às vezes nem tanto promissoras. Repartir e compartilhar são verbos divinos porque representam a própria continuidade da ação do Criador. Ele, ao nos criar, repartiu os bens da Terra de modo que ninguém pudesse passar por privações, o homem é que subtraiu e concentrou do outro faltando àquele que tinha direito por concessão divina.

Subtrair e concentrar são verbos humanos e não divinos, porque são excludentes. Excluir é outro verbo extremamente humano, principalmente, nos dias de hoje, em que parcelas significativas da humanidade e da nossa gente nada tem para comer ou usufruir da riqueza gerada. Excluir é verbo que deveria definitivamente estar fora de qualquer dicionário. É um verbo que incomoda, que provoca dissensões, que atrapalha a aproximação das pessoas. Eis aí um verbo divino: aproximar. Quem dera pudéssemos, o tempo inteiro, conjugar o verbo aproximar. O mundo de hoje, cheio de tecnologia, deveria servir para aproximar as

peessoas, mas, contrariamente, serve para distanciarmo-nos uns dos outros. A aproximação se faz urgente e necessária para que não percamos o contato humano, a troca afetiva e grandiosa que pode acontecer entre dois seres que estão em conjunção de sentimentos.

Há verbos prediletos como citamos anteriormente. Verbos prediletos são verbos divinos. Verbos que promovem a alegria dos homens, de todos os homens, e não apenas de alguns deles. Outro exemplo é o verbo cooperar. Já notaram como ele é maravilhoso? Vejam só a etimologia do verbo cooperar: vem do verbo operar, fazer, construir, edificar, materializar. Operar é executar, tornar alguma coisa real pelo esforço físico ou mental, mas vejam o que acontece quando se junta a partícula "co". Significa fazer conjuntamente. Realizar parceiramente. Ninguém coopera sozinho. Cooperação é mais interessante ainda. E ação de construir conjuntamente. Eis um desafio fundamental para os dias que vivemos.

Na atual conjuntura mundial, o verbo cooperar é de uma pertinência sem tamanho. Cooperar significa trazer para junto, porque sozinho é impossível fazer. Quando nações e empresas pensam unicamente em seus interesses nada constroem coletivamente. E preciso sair-se de si, ir ao encontro das demandas da sociedade que serve, que deposita seus produtos ou serviços. Uma empresa que não conjuga o verbo cooperar tem literalmente os seus dias contados.

As nações, por seu lado, são forçadas a conjugar o verbo cooperar, porque nenhuma, por mais rica e provida de recursos naturais que seja, pode construir progresso isoladamente, até porque dependem de outros mercados para escoarem a sua produção. Cooperar é item fundamental nas relações comerciais, porque se alguém observar apenas os seus próprios interesses em detrimento

dos outros não caminhará muito. As distâncias só se tornaram menores, porque homens tomaram a decisão de manterem acordos de cooperação.

Um sinônimo de cooperação, nos dias atuais, é estabelecer parceria. Parceria e cooperação possuem o mesmíssimo significado. Parceria é também palavra grandiosa. Dá logo a impressão de se fazer em par, em conjunto. Mas por que então ser parceiro, cooperar, é tão importante? Porque afugenta, pela ação de aproximação e percepção da interdependência, o egoísmo entre os homens. O egoísmo afasta os seres humanos. E por conta do disso que vivemos este atual estágio de desenvolvimento pois muitos querem apenas para si, se sentem auto-suficientes, acreditam que não dependem de ninguém ou atribuem importância relativa aos outros.

Para varrer de uma vez por todas o egoísmo entre os homens, necessitamos conjugar verbos divinos como repartir, compartilhar, aproximar e cooperar, sem os quais os destinos da humanidade serão, inevitavelmente, de barbárie. São verbos fundamentais para os dias em que vivemos, porque apesar do capitalismo suscitar a liberdade, a iniciativa, o empreendedorismo, quando desprovido dos valores humanos, da conjugação destes verbos divinos, é fonte de separação, de exclusão, de afastamento entre os povos. Capitalismo sem as rédeas dos valores humanos, da concepção divina da criação, possibilita a conjugação de um verbo extremamente perverso: explorar.

Quantos homens são vítimas do verbo explorar! Aliás, este tem sido o verbo conjugado por excelência ultimamente. Os homens de dinheiro, os apologistas do capital, adoram conjugar o verbo explorar. Só associam a idéia de capitalismo se vier junto com ele, naturalmente, a exploração do outro. Por isso, é que exploração é o antagonismo de cooperação. Ação de explorar quem quer que seja é abominável e

desumano. Outro verbo que deveria ser varrido de nossos dicionários.

Meus queridos irmãos, chegará um dia, não tenho qualquer dúvida sobre isso, que os seres humanos somente haverão de conjugar os verbos divinos e transformarão o significado de alguns verbos hoje que têm um caráter humano. O dia em que o humano e o divino tiverem o mesmo significado. Quando a vontade do Pai for a mesma vontade de seus filhos. Enquanto isto não ocorre, façamos a nossa parte em somente conjugar os verbos divinos, porque o somatório de todos os verbos divinos se encontram presentes em conjugação diária do verbo amar. Amar é a grande síntese do verbo divino em nossas vidas. Amarmos uns aos outros. Foi por esta razão, para nos ensinar a conjugação do verbo amar, que o Nosso Senhor veio a Terra. Conjuguemos nós também, com muito esforço, todos os dias, o excelso verbo amar, o maior dos verbos.



Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de transformação da sociedade

## *Capítulo 36*

### *Menino Jesus*

Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de

transformação da sociedade.

Que pensar de crianças nas ruas, ao relento, nas grandes cidades? Que pensar das crianças do sertão sem o que comer e sem o que beber? Que pensar das crianças do mundo inteiro sem esperança?

E muito duro observar, no quadro mundial, o desespero de milhares de crianças, para não dizer milhões, que vivem sem qualquer perspectiva na vida. Se ao menos tivessem uma assistência digna básica, mas nem isto têm. Que pensar, então, do futuro delas? Quando vemos nos morros, nos casebres, crianças soltas sem amparo social, sem atenção governamental, sem educação essencial, o que esperar delas?

Quando quisermos criar uma sociedade mais justa, próspera e em paz, devemos começar pela atenção às crianças, que representam o amanhã que desejamos. Se esquecemos a criança negligenciaremos o futuro. Por isso, afirmo: Sem a atenção prioritária à criança e, por tabela, ao adolescente, será vã qualquer tentativa de transformação da sociedade.

Quando vejo programas governamentais brasileiros preocupados em erradicar o trabalho infantil fico muito feliz. Há foco, pelo menos. No entanto, cadê as condições fundamentais para se evitar isto? Pensam que com minguados recursos consegue-se promover a revolução do bem. E alguma coisa, mas ainda guarda enorme distância diante das necessidades reais que defrontamos no dia-a-dia. Erradicar o trabalho infantil requer um envolvimento maior da sociedade, porque é necessário antes erradicar as necessidades básicas da família. Por que uma criança pede esmola na rua ou fica a lavar carros nos sinais? Ou mesmo está envolvida no corte da cana ou em trabalhos similares? Por necessidade, por pobreza absoluta. Não podemos imaginar, por mais interessante que seja a iniciativa, que os programas sociais federais, postos como estão, resolverão o

problema na essência, quando muito representarão, o que já é bom, um alívio, um alento, mas não uma solução.

Quando os governos assinarem efetivamente um pacto pela não violência à criança e ao adolescente estarão, de fato, combatendo a dominação da violência no futuro. Não parece óbvio? Pois, então, e por que não se faz?

A criança e o adolescente representam a base de uma sociedade feliz. E impossível imaginar uma solução diferente hoje, se governos e instituições promotoras do bem e preocupadas com a criança não se juntarem numa grande cruzada de erradicação da pobreza. Não se quer aqui dar apenas um destaque especial, quer-se uma prioridade absoluta, uma conjunção de esforços, uma radicalização contra a pobreza e priorizando-se a formação integral de crianças, jovens e adolescentes. E assim que se muda uma sociedade. Enquanto esta decisão não for tomada, haveremos de ter resultados pontuais e esporádicos.

Os programas de transferência de renda são salutares, sobretudo quando associados à educação e assistência integral, mas quando significa apenas uma obrigação na rotina governamental de nada tem valor. As crianças pobres merecem atenção diferenciada, porque as suas realidades são outras. O menino rico, que tem posses herdadas, sequer imagina, preocupado com seus jogos eletrônicos e seus cursos de idiomas, o que falta na mesa e no dia-a-dia de um outro menino que mora numa favela.

E revoltante ver tamanho disparate entre as duas realidades. Chega-se ao cúmulo da indignação. Não podemos aceitar, no começo do terceiro milênio, tamanha distância na realidade de crianças que são, em essência, as mesmas. Não queremos aqui igualar as condições, mas temos a obrigação de proporcionar as mesmíssimas oportunidades a ambas e isto não se constitui qualquer favor.

Por que os governantes, de maneira geral, não se indignam com tal situação? Certamente porque não saem dos seus confortáveis gabinetes para ver de perto a realidade social que é muito cruel. E impossível ficar indiferente, a menos que se tenha um coração de gelo, ver crianças nas calçadas, barrigas enormes, trocando figurinhas na miséria. É extremamente revoltante.

Meus queridos irmãos, Jesus nos ensinou que deveríamos cuidar de cada um dos nossos pequeninos como se a ele estivéssemos cuidando. Quando vejo crianças abandonadas, violentadas, maltratadas pela sorte, vejo, na verdade, é descuidarmos do Cristo, vejo é o esquecimento em cada um deles do menino Jesus.

Quem dera que víssemos na face dos meninos deserdados pela sorte a face do menino Jesus. E como se fosse dia de Natal, quem dera cada um de nós pudesse adotar como filho de verdade um menino Jesus que está sem pai; um menino Jesus que está abandonado na rua; um menino Jesus que está sem roupa e pede ajuda nos seus pensamentos de criança a Papai Noel.

Assumamos, meus queridos irmãos, a paternidade de Jesus. O menino Jesus está nas ruas e você, muitas vezes, passa por ele indiferente como a concordar que o seu destino é este mesmo. Não é. Ou pelo menos não deveria ser. E por demais doloroso saber que dizemos ter uma humanidade já civilizada, quando crianças do mundo inteiro ainda são ignoradas porque sequer, em muitos casos, são percebidas. São invisíveis aos olhos e aos sentimentos da sociedade.

Queira um dia que o menino Jesus, acompanhado das suas mães Marias e seus pais Josés, possam crescer todos felizes, porque possuem o mínimo para a sua sobrevivência que lhes dão dignidade para viver. Neste dia, certamente, o menino Jesus, crescendo amparado, haverá de tomar um outro rumo na sua vida, que não é aquele de carregar uma

cruz interminável, e o que é pior, ser subtraído precocemente a esperança da vida, porque se não morre de fome, morre da violência que é induzido a praticar nos corredores dos tráficos de toda influência. Mais do que estradas de concreto, precisamos de escolas formadoras de homens e mulheres de bem. Mais do que arranha-céus gigantes, precisamos garantir um prato de comida e uma vida decente às nossas crianças e adolescentes, sem o qual estaremos condenando o nosso menino Jesus a ser erradicado pela força da miséria e da desatenção social.

Acolha, meu irmão, o menino Jesus em sua vida para que a sociedade possa esperar dias melhores, dias de amor e felicidade reais.

Que Deus nos abençoe!



É daquele, muitas vezes, que pouco se espera, que Deus escolhe para fazer a sua obra redentora.

## *Capítulo 37*

### *O papel do Papa*

Quando me tornei padre busquei, de todo modo, me guiar pelas orientações recebidas pelo signatário da Igreja Romana, o vigário por excelência da Igreja, o Papa. Ele é a autoridade máxima na Terra para dirimir as relações, todas elas, da nossa Igreja Católica. É um papel realmente desafiante, o de representar o Cristo na Terra e guiar com a sua palavra, com a sua orientação, um rebanho que passa de um bilhão de pessoas. É muita responsabilidade. Estar no alto da cadeira do Vaticano é responsabilidade de poucos que o Nosso Senhor Jesus concede a um homem.

O poderio que investe um Papa é tamanho que somente alguém com estirpe moral comprovada tem a legitimidade de exercer o lugar de mandatário número um dos católicos e chefiar um Estado que abrange, de modo amplo, todo o planeta. É incrível, na prática, como isto ocorre. Cada paróquia, cada arquidiocese, recebe continuamente, oriunda do comando central, instruções de encaminhamento das coisas da Igreja. É um sistema de informações rigorosíssimo e que todos, sem exceção, devem cumprir. Já imaginaram se cada uma das paróquias fizesse o que bem entendesse? Que confusão seria! É claro que há liberdade para estabelecer as relações e orientações locais, mas o fundamental é não divergir do comando único da Igreja. Tal princípio, o da hierarquia das ordens, tentei ser o mais fiel possível na condição de sacerdote católico que fui. E não fiz mais do que a minha obrigação. Muitas vezes as ordens de Roma poderiam não ser aquelas que imaginava, mas foram aquelas que meus superiores e, em última instância, o Santo Padre, encaminhava, e, por isso deveriam ser religiosamente obedecidas.

Eu acreditava que os concílios, os encontros ecumênicos, os seminários e outros fóruns de discussões, fossem os meios de influenciar nestas decisões, de tornara ação da Igreja a mais próxima das realidades locais e do pensamento da

coletividade católica. Por esta razão, me empenhei como pude naquelas ocasiões que participei, dando o melhor de mim para a formação de uma Igreja de todos, literalmente de todos, e não apenas de alguns ou olhando e privilegiando a alguns, porque este não foi o procedimento de Nosso Senhor, pelo contrário, como Ele falou, Ele veio, sobretudo, para os doentes, para os necessitados de toda sorte e este também teria que ser, em todos os tempos, o caminho que a Igreja deveria percorrer.

Sei dos inúmeros problemas e erros cometidos pela Igreja ao longo dos séculos. E lamentável um monte de fatos e posições tomadas exatamente na contra-mão da história, mas acredito firmemente que este tempo passou, principalmente porque os novos tempos demonstraram o papel relevante da Igreja em colaborar pela paz mundial e pela harmonia entre os povos, independentemente de sua religião adotada. A Igreja, embora se note apenas os seus desvios, é responsável, no conjunto e em sua particularidade, por uma enormidade de benefícios à humanidade, mesmo que taxem, muitas vezes, de conservadora e retrógrada. Na marcha do progresso, há os avanços inevitáveis e necessários, mas há igualmente valores que nunca serão ultrapassados e que a Santa Igreja deve funcionar como defensora intransigente e não entrar em ondas modernistas simplesmente porque uma maioria desavisada acredita que se deva estabelecer uma nova ordem de coisas sem analisar a fundo as repercussões de tais atitudes.

Há, neste contexto decisivo, a figura magnânima do Papa. Seja ele quem for, é a pessoa escolhida por Deus para conduzir a Igreja. Não pode ser qualquer um. Observem atentamente os últimos homens que sentaram na cadeira de Pedro e verão, cada um ao seu temperamento e formação, homens extremamente comprometidos com a causa do

Cristo e que continuaram, independentemente das correntes internas, a obra grandiosa da Igreja de regeneração moral de todas as gentes.

Lembro da figura reformista, por exemplo, de um Leão XIII<sup>1</sup>. Que maravilhosa visão para o seu tempo em promover, sob a orientação da Igreja, reformas sociais que dessem ao homem a direção segura para enfrentar o modernismo industrial da época e a onda marxista em evolução. A Igreja foi sábia quando elegeu o Cardeal Pecci para conduzi-la a contento. As gestões seguintes, nas mãos de homens leais aos princípios católicos, foram firmes na condução segura frente às transformações que ocorriam e as turbulências da primeira e da segunda guerras mundiais. A mão segura do Papa Pio XII<sup>2</sup>, apesar de muitas incompreensões, fez com que no momento aprazado por Deus, a guerra tivesse fim. Não que a guerra seja algo abençoado por Deus, de modo algum, mas dos conflitos extremos saem lições para a humanidade não repetir mais como tivemos o nazismo e o fascismo, por exemplo.

Quero aqui lembrar a figura religiosa mais expressiva do século passado, o nosso querido, o bom Papa João XXIII<sup>3</sup>. Que figura admirável! Reunia ao mesmo tempo sabedoria e simplicidade. Foi ele, num gesto largo e necessário, que convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>4</sup>. Que revolução, meu Pai! Que ambiente fecundo para a discussão dos destinos da nossa Igreja. Mudamos muito e mudamos para melhor, sem dúvida alguma. Uma obra admirável de alguém que pouco se esperava a não ser preparar a cadeira para o seu sucessor em função de sua elevada idade quando foi entronado. E daquele, muitas vezes, que pouco se espera, que Deus escolhe para fazer a sua obra redentora. Quanto aprendi com o Papa bom, o Cardeal Roncalli. Sua façanha, de provocar o

repensar dos rumos e práticas da nossa Santa Igreja, jamais será esquecida.

Logo após, para dar continuidade à obra iniciada pelo papa da bondade e do sorriso largo, é eleito o Monsenhor Montini<sup>4</sup>. Que maravilha! Era como se o trono do Papa João estivesse sendo seguido sem interrupção. E a Igreja cresceu inserindo-se ao debate dos temas atuais e pertinentes. Sua inteligência, sua envergadura política, sua palavra sábia foram decisivas para a consolidação das deliberações do Concílio Vaticano II. Penso que outro fosse eleito, todas aquelas decisões poderiam ter sido grandemente comprometidas.

Nesta linha de avanço da Igreja, tivemos o legado do Papa viajante, o Cardeal Wojtyla<sup>37</sup>. Que homem de energia! A Igreja deve muito a este homem. Sua presença entre os diferentes povos das diversas nações fez estabelecer um divisor de águas para a projeção internacional da Igreja. Sua atitude de reconhecer equívocos do passado e pedir perdão publicamente representa gesto nobre de um verdadeiro cristão. A gestão do Papa do povo nunca deixará de estar na mente de milhões de pessoas do mundo inteiro e especialmente no Brasil. O bom cordeiro de Deus fez a sua parte no soerguimento da nossa Igreja no concerto das nações.

<sup>1</sup>Papa Pio XII, nascido Eugênio Giuseppe Maria Giovanni Pacelli, foi papa no momento histórico mais difícil do século XX. Seu pontificado, longo de 19 anos (1939-1058)

<sup>2</sup> O Papa João XXIII, nascido Ângelo Giuseppe Roncalli (Sotto II Monte, 25 de novembro de 1881 - Vaticano, 3 de junho de 1963 foi Papa do dia 28 de outubro de 1958 até a data da sua morte.

<sup>3</sup>O Concílio Vaticano II (CVII), Concílio Ecumênico da Igreja católica, foi aberto sob o papado de João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado de Paulo VI em 8 de dezembro de 1965.

<sup>4</sup>Giovanni Battista Enrico Antônio Maria Montini nasceu em 26 de setembro de 1897 em Concesio (Lombardia) no seio de uma família de classe alta. Foi eleito Papa em 21 de junho de 1963. Teve o fim do pontificado no dia 6 de agosto de 1978.

Karol Wojtyla (pronuncie caróu voitila) nasceu em Wadowice (Cracóvia), na Polônia. Período de 1978 a 2005 (ano de sua morte).

Os Papas, embora homens guiados por Deus, ainda são homens e, portanto, como todos nós, sujeitos a equívocos. Daí o grande peso que coloca em suas costas as decisões. Ali, no trono de Pedro, a última palavra é a sua porém, ver todos os ângulos possíveis de uma decisão, em muitos casos, pode não ser percebido, apesar de toda uma assessoria neste sentido de seus auxiliares próximos e distantes. A este respeito, necessitamos todos nós exercer nossa condição de compreensíveis da vontade de Deus naquele momento, diante das possibilidades do Papa, que não é infalível - e Ele sabe disto - mas alguém que sinceramente deseja acertar e pede diariamente a inspiração divina para este desígnio.

Não é fácil ser Papa. Já imaginaram passar um dia, um dia sequer, na investidura de Chefe de Roma? E algo inimaginável. E por esta razão que muitos Papas, vendo a aproximação de seu sufrágio no colégio cardinalício, literalmente tremiam, não apenas pela emoção que se avizinhava, mas, sobretudo, pela enorme responsabilidade que recairia sobre os seus ombros.

A perspectiva da Igreja ao escolher um Papa é observar, no momento que se vive o conclave, qual é o melhor homem para representar os interesses da Igreja e trazer a palavra de Jesus entre os homens naquela época. Não é fácil, pois muitos num conclave possuem um perfil interessante e escolher um em detrimento de outros não é tarefa agradável. E por isso que se afirma que no instante da eleição desce o Espírito Santo para esclarecer aquelas mentes reunidas e tocar-lhes os corações.

O Papa é figura nobre não por causa da suntuosidade de Roma e sua extensão de influência, simplesmente; mas porque, da atitude vigorosa do vigário de Roma, podem ser nutridas grandes esperanças para todo o planeta. Quantas pessoas não tiveram as suas vidas modificadas pelo exemplo

do Papa da bondade e do Papa do povo? Quanta coragem não foi criada pelo trabalho destes homens de Deus? Quanto bem não foi feito e quanto mal não foi evitado pela palavra reconfortante è inspiradora destes Papas?

E assim, meus caros irmãos, que avança a Igreja. Sei dos atropelos internos, sou bastante consciente disto e do lado de cá esta visão se amplia ainda mais. Sei também, do outro lado, dos enormes esforços de mudança e de contribuição para o bem da humanidade e não unicamente para os católicos.

Eis o desafio que não se espera demora. Avançar com o Cristo pela Igreja. Convocar os homens de boa vontade, independentemente de suas religiões oficiais, e juntos, num esforço coletivo, promovermos a paz na Terra. Eis o desafio de todos nós, irmãos no Cristo e filhos do mesmo Pai.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 38*

### *Amor fraternal*

*Ainda que eu falasse a língua dos  
homens e dos anjos, se não tivesse amor eu  
nada teria?<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>1Cor 13,1.

As palavras de Paulo, o Apóstolo do Cristo, são atualíssimas. O amor representa a síntese de tudo que desejamos na vida. Sem amor, tudo mais será em vão. Quero mostrar, porém, a importância prática desta assertiva em nossas vidas.

Quando normalmente se fala em amor, fala-se jocosamente, impondo-lhe um sentido hoje de caráter mais erótico, reduzindo bastante o seu verdadeiro significado. Outros atribuem ao amor a conotação romântica, que é uma de suas variantes, mas o que quero relatar aqui, neste momento, é o amor fraterno, o amor entre irmãos.

O amor de irmãos é nobre, mas de difícil aceitação, porque amor fraterno é amor desinteressado para todos os homens indistintamente. E o amor sem precedentes, sem limitações, sem subterfúgios, sem contra-argumentos. O amor fraterno abrange a todos, independentemente da cor, da classe social, da localidade geográfica e, digo mais, sem as limitações temporais e dimensionais. É um amor abrangente e inclusivo.

O amor é assunto atualíssimo, porque resume um conjunto de expressões de virtudes sem o qual o homem não terá algum futuro. O desajuste atual da humanidade ocorre exatamente pela ausência de amor. Permitam-me insistir nesta tecla, porque, se quando estava entre o "vivos" acreditava na excelsitude do amor, do lado de cá constato - e com cores bem vivas - que é o amor, de fato que move o universo.

Quando me refiro ao amor fraterno imagino que seja aquele em que todos se predisponham a aceitar uns aos outros como eles são, sem qualquer intenção de mudá-los de querer subvertê-los às nossas exigências de comportamento. Muitos de nós queremos amar conquanto que o outro se converta às nossas expectativas pessoais de bom

relacionamento, não é assim. Amor, se é amor, necessita ser incondicional. Amor fraterno é a aceitação do outro como ele é, mas não significa a convivência com a postura do outro.

Quando amamos alguém, queremos ele bem perto de nós, é natural, sentimo-nos bem com a sua presença, no entanto, isto não deve representar uma exclusividade de relacionamento e atenção. É preciso ter em mente que o amor, sendo fraterno, é para ser desenvolvido para todos de parte a parte, isto é, você deve a todo irmão e o seu irmão deve também procurar amar a todos, senão vira amor dependente de marido e mulher que, embora nobre, tem um outro propósito.

Amor fraternal é, antes de tudo, um amor solidário, de compartilhamento. Amor parceiro. Amor amigo. Como é maravilhoso ter amigos! Quantos amigos você tem? Amigos de verdade, não amigos da boca para fora. Amigos para se contar a todo o momento e em qualquer circunstância. Amigo que está a nossa disposição para o que der e vier. Amigo está presente mesmo quando está ausente. É uma coisa formidável ter um amigo, pois amor fraternal é exatamente isso, simbolizado na presença do amigo e no cultivo da amizade.

Amar fraternalmente exige alguns pré-requisitos, além daqueles já enunciados. Exige disposição de se manter uma amizade, porque tem a conveniência de um e de outro que devem ser concatenadas. Na maioria dos casos, um cede à vontade do outro já que dificilmente ambos estão com as mesmas expectativas. Amar fraternalmente, semelhante ao exemplo de Jesus, é também - e principalmente - renunciar muitas vezes a si em benefício do outro. E sacrificar-se, e num ponto mais alto, estar disposto até a doar a sua vida para o outro.

Quantas pessoas dedicam-se a outras sem pedir nada em troca, mas entrega-se, de corpo e alma, ao dever de colaborar com a vida do outro? Renúncia de si para o benefício total do outro. E difícil, eu bem sei, mas amor fraternal é esta condição absoluta de doação. Doação sem reclamar nada, porque se cobrada do outro não tem valor algum e não representa amor fraternal.

Não há exemplo mais claro de amor fraternal do que o amor que Jesus, o Nosso Senhor, dedicou a toda a humanidade. Que exemplo Ele deixou para todos nós do que seja amor fraternal. Ele dedicou a sua vida inteira para o próximo, renunciou à Sua pelo bem da humanidade e nada reclamou. Jesus representa a doação total que devemos desenvolver em nossos espíritos. Mesmo para aqueles que O rejeitassem, Jesus foi compassivo, pois compreendia a ignorância do irmão. Que dizer de Pôncio Pilatos que poderia ter Lhe livrado do sofrimento e não o fez? Que dizer de Judas Iscariotes que O traiu por 30 moedas e Ele nada censurou? E de Pedro, então, que negou conhecer-Lhe diante do povo e dos guardas romanos? Apesar de tudo, Jesus continuou amando a todos eles, a Seu modo, sem repreender-lhes os sentimentos turvos das quais ainda eram proprietários.

Por que nutrirmos uns pelos outros o amor fraterno? Porque é a única saída, a única, para a paz entre as pessoas e os povos. Deveríamos ter, como já citei outrora, escolas que ensinassem os homens a amarem uns aos outros. Seriam escolas verdadeiramente imbuídas da promoção da paz, pois somente há solo fértil para a paz quando os homens enxergarem-se uns aos outros como irmãos.

Que dizer agora dos nossos irmãos iraquianos? Será que haveria tanta violência, apesar de reconhecer no ditador que os governou<sup>1</sup> a origem de todo aquele mal, se os Estados Unidos e a Inglaterra, para nos fixarmos apenas neles, vissem nos habitantes do Iraque irmãos? E claro que não.

Quantas mortes, de todos os lados, por não se reconhecerem como irmãos. O assassinato no mundo cessará um dia quando homens enxergarem noutros homens a figura amiga de um irmão, enquanto isso, os esforços de apaziguamento das relações sociais serão inconsistentes, sem substância, sem sustentabilidade. Esforços inócuos.

<sup>1</sup>Saddam Hussein foi presidente do Iraque no período 1979-2003, acumulando o cargo de primeiro-ministro nos períodos 1979-1991 e 1994 - 2003.

Quero crer, meu Deus, que um dia os homens acordarão para esta verdade evidente e insofismável. Acordarão do seu sonho letárgico de poderio de uns contra os outros. Acordarão da ineficácia dos apegos de toda ordem. Acordarão para uma realidade mais fraterna, de doação completa. Este dia, meu Pai, está porvir, porque anunciaste pela boca do Nosso Senhor Jesus Cristo que "felizes seriam aqueles que fossem os pacificadores, porque eles herdariam a Terra."<sup>2</sup>

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 39*

### *Confissões de Padre José*

Neste dia, Senhor, consagrado à Paz Mundial<sup>1</sup>, venho me confessar aos Teus pés. Tenho muito a dizer, pelo que fiz e pelo que deixei de fazer, mas, neste dia, peço desculpas

pelas minhas faltas. Volto para me colocar à Tua disposição para que Teus feitos entre os homens

<sup>2</sup>Mt 5,9.

<sup>1</sup>O Dia da Confraternização Universal é comemorado em quase todo o mundo em 1º de janeiro. Nesse dia, as pessoas trocam votos de alegria, de paz e de felicidade Para o ano que se inicia.

sejam eternos. Não tenho nada a não ser o Senhor, portanto, usa-me como quiseres. Que os Teus desejos sejam manifestados na minha presença onde quer que eu esteja. Considero que sou bem pouco do que deveria ser, mas como estou Contigo sei que me agigantarei, pois se ampliarão grandemente todas as possibilidades do existir.

Quero dizer, Senhor, que gostaria de mostrar a minha face, bem mais do que a face enrugada que me destes quando morava fisicamente na Terra. Julgo-me impotente, porém, de ainda mostrar a minha face verdadeira, aquela que me deste ao me criar, a face do bem irrestrito, a face do perdão sem precedentes, a face da caridade ao menor dos Teus filhos.

Congratulo-me com o Senhor, para que me uses, me disponhas em Teu serviço, que eu cumpra a tua vontade na Terra como nos Céus de peito aberto, sem pré-condições ou arrependimentos. Que eu seja o condutor da Tua vontade entre os homens não negando jamais sua existência.

Meu Pai Amantíssimo, guardamos ainda demasiado rancores com aqueles que nos ferem a alma. Não sabemos esquecer, ó Pai, ou mesmo relevar a falta alheia, porque o nosso coração ainda é pequeno para enxergar o tamanho temporário do nosso irmão e, ao ser ferido, cortejá-lo como mais um convidado para a festa de bodas.

Senhor das nossas vidas, neste dia consagrado à paz, sinto muito em Te dizer que não O ouvimos direito nos nossos

corações, apesar de Teu apelo constante à paz, ainda esquartejamos irmãos em praça pública por motivos míseros. Oh Pai! Somos ainda bem pequenos para o perdão das ofensas e nos ferimos com bem pouco. Guarda, porém, Senhor da vida, no Teu coração que é todo amor, a confiança de que nós nos modificaremos, que nós nos arrependemos de todo mal cometido a outrem. Que veremos um dia, enfim, os outros como irmãos bem queridos e, neste dia, mal algum sairá de nós. Enquanto isto não ocorre, conduza a cada um dos Teus filhos que já despertaram para Ti para que sejamos os Teus instrumentos na Terra para a promoção da paz, como tão bem pediu o nosso Irmão Francisco de Assis.

Pai, para que os Teus esforços de regeneração da humanidade, de cada um dos teus filhos, não seja apenas um sonho em vão e distante, mas uma realidade concreta, com dias contados, hoje operamos nesta direção.

Oh Pai! Desejo, do fundo da minha alma, que não nos deixes sós jamais, como assim Te pediu o nosso Irmão Jesus, pois sem Ti a nos conduzir as vidas, demoraremos demasiadamente a encontrar dentro de nós mesmos, pois a Tua semente, sabemos, reina no coração de todos os homens.

Neste dia consagrado à paz mundial, ajoelhamo-nos a Teus pés, Pai, para desejar, enfim, que Sejas o fio a nos guiar o caminho para chegarmos ao Teu reino de amor.

Seja Tu conosco hoje e sempre.

## *Capítulo 40*

## *Pela paz ambiental*

Teimo em vos falar sobre a paz. Perdoem-me em bater sempre nesta tecla, mas meus ouvidos, mesmo aqui na espiritualidade, não ficaram surdos diante do clamor, cada vez maior, que ouço daqueles que são vitimados pela violência de toda sorte. Nos conturbados dias que vivemos, torna-se premente desviarmos a nossa atenção e verificar os destroços que a humanidade vem causando a seu próprio habitat, ao meio-ambiente em que vive, outro tipo feroz de violência, muitas vezes desprezado das discussões maiores sobre a própria violência.

Quando falo em meio-ambiente, não me restrinjo apenas à violência que desaba árvores imensas na Amazônia, ou em qualquer outro lugar, nem em dizimar matas inteiras de maneira cruel e fria. Falo também das questões ligadas ao dia-a-dia que passam despercebidas e que são voltadas basicamente para o desperdício de recursos. Não é possível mais vivermos com tanto desperdício. O mundo, embora seja absolutamente capaz de renovar-se e prover as nossas necessidades, não pode mais continuar a ser violentado da maneira como há anos vem sendo agredido pela força inescrupulosa do homem que, em nome do progresso econômico, colide de frente com a preservação dos bens mínimos de sobrevivência.

A sociedade do consumo, que é a mesma do desperdício, necessita urgentemente abrir os olhos sob pena de, em poucos anos, não conseguir mais usufruir dos bens que lhes dá tanto prazer porque a maneira como são extraídos tais bens, sem o cuidado da renovação, fará aparecer outro tipo de extinção, além dos animais selvagens caçados, a extinção dos bens naturais não renováveis. E aí a indústria do

consumo, que sabiamente manipula os seus interesses, haverá de substituir uma necessidade por outra, utilizando sutilmente os recursos da propaganda aviltant. Assim, sem conhecimento da estratégia que apenas visa lucros e mais lucros, iremos destruindo gradativamente a nossa natureza.

Ainda bem, meu Deus, que grupos ambientalistas se reúnem para denunciar este novo tipo de escravidão que nos impõe esta ótica capitalista de ver o mundo. Mudaremos os nossos hábitos de consumo quando observarmos, de uma vez por todas, que necessitamos garantir para as populações vindouras, no mínimo, as mesmas condições de recursos que recebemos hoje que diga-se de passagem - já é diminuta, comparada com aquela que tínhamos há um século, por exemplo.

Quando será que o homem irá despertar para este outro tipo de violência e estampar nas manchetes da mídia, com o mesmo espaço, as mesmas notícias dos crimes comuns e as dos crimes ambientais? Crimes gigantescos têm sido cometidos diariamente e a grande massa ignora totalmente estes fatos. Quando ela saberá que as mudanças climáticas desfavoráveis, os terremotos, os desequilíbrios ambientais, são pelos próprios homens? Não podemos ficar mais de braços cruzados vendo a destruição paulatina do nosso planeta.

Quando agredimos o nosso planeta, o meio-ambiente, agredimos a nós mesmos, pessoas humanas, e agredimos a Deus, porque descuidamos da casa que Ele nos confiou para vivermos bem. A preocupação ambiental, sobretudo nos dias de hoje, deveria estar presente em todas as escolas, das primárias às superiores. Será que teremos que ser prejudicados mais proximamente para despertarmos sobre esta necessidade premente? Não, claro que não. Os sinais de desperdício e agressão ao meio-ambiente já são terríveis a ponto de decretarmos alerta geral a humanidade.

Lembro, por esta razão, o comportamento sempre pertinente do nosso irmão queridíssimo de Assis, Francisco, que, mais uma vez, vem nos dar lições sábias de cuidado da natureza e veja que ele fazia isto há cerca de sete séculos atrás, quando o homem não era tão destruidor assim como é hoje. O Santo de Assis nos lembrava algo extremamente importante em prol da conscientização dos problemas ligados ao meio-ambiente: que todos nós somos irmãos e não apenas dos homens. Era engraçado vê-lo chamar a todos de irmãos. Irmão Sol, Irmã Lua, Irmã Mata, Irmão Leão, Irmã Água. A todos tratava como irmãos, porque sem o sentimento de irmandade, oriundo da concepção de que todo princípio de vida vem de Deus, como nós, não haveríamos de cuidar com zelo e distinção. Eram sábias e continuam oportuníssimas as palavras do Santo de Assis que nos despertava para um relacionamento de paz já naquela época, com a nossa mãe Natureza, mais do que irmã.

A todos nós, sem distinção, nos dias atuais, somos chamados a esta responsabilidade. Não há mais como adiar, sob pena de sermos radicalmente prejudicados pela própria natureza que reage às agressões que sofre com muita veemência, pois não acham que os *tsunamis*<sup>1</sup> e os furacões recentes, que dizimaram cidades e milhares de vidas, não são respostas imediatas à violência cometida à natureza?

Necessitamos, urgentemente, despertar para esta realidade cruel que, desavisadamente, os apologistas do capital vêm impondo a todos nós sob a falsa justificativa de um bem-estar que, no fundo, representa um engodo, pois se vende o prazer de hoje às custas da destruição do amanhã. Abaixo às armas, a corrupção de menores e venda de drogas, mas igualmente pedimos paz contra a agressão ambiental que também ceifa vidas de uma maneira surpreendente. Contra

esta realidade, mais que violenta, também não podemos nos calar.

Caríssimos irmãos em Cristo, não nos acostumemos com aquilo que pode ser cômodo, mas não nos é saudável. Modifiquemos logo a nossa maneira de vestir, de se alimentar, se isso se constituir num ato de violência à natureza. Não deixemos de contestar, pelo não consumo, daquilo que se caracteriza como a violência das violências, que é aquela que existe para nos servir e indefesamente agredimos brutalmente, a nossa santa mãe Natureza.

<sup>1</sup> Vaga (onda) marinha volumosa, provocada por movimento da terra, submarino ou erupção vulcânica.

Fonte: Dicionário eletrônico da língua portuguesa

Continuemos atentos, vigilantes, diante das falsas justificativas a nós impostas a pretexto do cômodo bem-estar que representa, em última análise, uma sentença de morte anunciada. Cuidemos da natureza, cuidemos, essencialmente, de nós mesmos, filhos dela, filhos, na verdade, do Altíssimo, que nos cobra, tão-somente, o cuidado de irmãos que somos.

Avantes, irmãos, com o Cristo!

## *Capítulo 41*

### *Coragem*

A prova da existência de Deus é inexorável. Ele está em todos os lugares, em cada manifestação da natureza. Ele se faz presente, imponente em Suas perfeições que nos embelezam as vistas corando-nos toda a face em júbilo eterno para com Ele. O que necessitamos, porém, é reconhecer que Tal presença, embora firme, não se reflete em nossos atos diários que poderiam ser outros se aceitássemos, de fato, Tal imponência como garantia das mudanças que deveríamos efetivar nas nossas vidas.

Por que falta-nos a coragem da mudança interior? Por que ainda negamos a nossa estirpe divina? Por que ainda menosprezamos as nossas imensas capacidades espirituais?

O homem vive atordoado porque quer, pois o que já foi anunciado por Deus através dos seus diversos missionários, daria enorme tranqüilidade a todos nós. Se acreditássemos de verdade despertaríamos quais leões que dominam nosso espaço impondo a nossa vontade soberana.

Quando vejo alguém se diminuir, se maltratar, dizendo não ser possível fazer isto ou aquilo, fico demasiadamente triste, porque é ver o próprio filho de Deus renunciar a Sua paternidade divina. Não acreditamos no que somos e nas imensas possibilidades que temos nas mãos. A afirmativa do Cristo de que somos deuses não poderia nunca ser ignorada e sua promessa das bem-aventuranças a todos aqueles que O seguissem era motivo de sobra para entregarmos a nossa vida totalmente a Ele, que é intermediário direto da vontade de Deus na Terra.

Quando vejo irmãos decidirem taxativamente a impossibilidade de fazer algo por falta de recursos, seja financeiro ou de qualquer outra ordem, pela ausência completa de fé, verifico qual lamentável é não se ter esperança, porque fé e esperança andam juntas. Não se

pode conjugar uma sem a outra. E inevitável. Daí, ao se negar a execução dos planos de Deus na Terra, damos por finalizada qualquer iniciativa nobre em direção ao bem simplesmente por não acreditar antecipadamente na vitória do bem. Abortamos, de véspera, qualquer possibilidade de sucesso, porque a achamos remota diante das dificuldades que vislumbramos. Fico pensando no Pai que depositou em nós o grande projeto de construção do reino Dele na Terra. Será que Ele não ficaria triste em ver tamanho desânimo de Suas criaturas ao colocarem por terra, imediatamente o processo de regeneração coletiva? E lamentável observar como existe gente pessimista, que bota gosto ruim em tudo que faz, e o pior, põe também no dos outros, agourando o fracasso alheio por antecipação. Certamente não são estes os eleitos pelo Senhor para dominar a Terra. Necessitamos para este intuito dos desbravadores, dos ousados, dos que não têm vergonha de errar, dos destemidos, dos cheios de coragem, qual Paulo, o apóstolo da coragem, que enfrentou a si mesmo para levar o Cristo a todas as pessoas. Jesus, sabendo do destemor de Paulo, foi buscá-lo na Estrada de Damasco, foi convocá-lo para dar prosseguimento à sua grande obra, porque sabia que poderia contar com a bravura de Paulo em levar o Evangelho aos gentios.

Onde está a nossa coragem? Onde está o nosso destemor? Sabemos que os desbravadores, aqueles que abrem os caminhos, levam nas costas o peso da incompreensão, da crítica, da apreensão por estarem sendo mal compreendidos pela maioria, mas faz parte do processo de crescimento individual e como forma de demonstrar para toda a gente a sua convicção, o seu comprometimento com a verdade que prega, a sua coerência com aquilo que diz.

O Cristo necessita de todos nós. Como ontem com Paulo, o Cristo de Deus pede-nos a presença dos novos apóstolos do bem. Pede a presença de homens e mulheres

comprometidos com a divulgação e exemplificação da Boa Nova para a humanidade. Por isso é que a mudança é tão difícil, porque exige um enfrentamento diante das incompreensões daqueles que se acomodam com a situação atual e não querem ouvir nem falar que tudo pode - e deve - ser diferente do que é. Se não é para sofrer como o Cristo, então não serve. Não que servir ao Cristo seja um ato de masoquismo, claro que não, mas servi-Lo de verdade requer passar por cima de tudo por sacrifício a Ele e a verdade que Ele pregou.

Não é fácil, sobretudo nos dias de hoje, aceitar plenamente ao Cristo. Fico com uma inveja do desafio aceito pelo Santo de Assis de tentar ser à semelhança do Cristo Jesus, a ponto de ser chamado do espelho do Cristo. Que coragem formidável, a loucura divina, daquele homem que renunciou a tudo, a riqueza que possuía, e até a família, para abraçar ao Cristo. São atitudes admiráveis que devem servir de exemplo para todos os candidatos verdadeiros a seguidores fiéis do Mestre de Nazaré.

Meus queridos irmãos, a verdade é que ainda somos bastante covardes para sermos destemidos. Somos ainda muito medrosos e acomodados. Quem, como Francisco, ousaria deixar o conforto de seu lar, em plena juventude, e sair por aí querendo encontrar a Jesus? A coragem é virtude de Deus. É claro que não é fácil, eu já o disse, mas é possível. Se ele, Francisco, conseguiu, e tantos outros anonimamente, por que nós não podemos igualmente aceitar e vencer este desafio? Podemos sim e haveremos de fazê-lo senão não poderemos ser chamados de filhos de Deus que somos. É tudo uma questão de tempo, mas vamos conseguir.

Coragem, irmãos, a vitória nos espera. Precisamos, inicialmente, como condição *sine quanon*<sup>1</sup>, vencermos nós mesmos, porque sem isso não obteremos qualquer vitória

exterior. A coragem primeira é enfrentar os nossos anseios, os nossos vícios, a nossa dissensão com o bem, os nossos males morais. Depois disso, você vai ver que tudo ficará mais fácil. Vencer a si primeiro para depois vencer ao mundo, eis o desafio dos verdadeiros corajosos.

Peço a Deus que nos fortaleça, que nos ilumine o caminho, para reconhecermos a nossa grandeza interior, porque assim a coragem brotará naturalmente como um impulso espontâneo da nossa alma.

Que Deus nos abençoe!

<sup>1</sup> *Sine qua non* ou condição *sine qua non* originou-se do termo legal em latim para “sem o qual não pode ser”

Fonte: Wikipédia, enciclopédia livre

## ***Capítulo 42***

### ***O mundo das drogas***

À medida que o mundo evolui a passos largos, aumenta, ainda mais, uma preocupação que não devemos jamais baixar a guarda. Falo-vos da questão delicada das drogas. E o ambiente natural à proliferação do uso de drogas não é outro senão aquele onde as pessoas estão desavisadas sobre a vida, onde reina a perturbação, onde grassa a desesperança.

Nunca é demais imaginar que um viciado em drogas é um dependente de si mesmo. Não sabendo o que fazer, desorientado na vida ou em busca de prazeres cada vez mais intensos, o dependente procura refúgio numa grama de cocaína ou em outro produto químico que lhe dará temporariamente euforia, mas que, com o fim da fase inicial, cairá irremediavelmente em depressão e necessitará de mais drogas para evitar o estado de abandono em que se encontra. Passa, então, a viver uma realidade inexistente, ou melhor, "uma realidade ilusória", criando enorme necessidade de vivê-la sem a qual provocará grandes estragos de relacionamento e confundirá definitivamente, enquanto dependente, os seus valores.

As drogas representam, em última análise, uma ausência de Deus e também, do deus interior. Não reconhecendo aquilo que é verdadeiro, buscará em algo impalpável e fantasiante um motivo para ancorar o seu desequilíbrio. Fora isso, o dependente como outro qualquer é dependente, sobretudo, de afetividade. Como imaginar alguém realizado emocionalmente, de bem com a vida, motivado profissionalmente, de cabeça boa, procurar fugir de si mesmo e de todos por conta de uma "viagem" interior provocada superficialmente?

A droga mais poderosa que existe, a droga do bem, é a paz interior, e esta só se consegue com sentimentos nobres no coração. Sei, é claro, que muitas vezes alguém envereda no cruel mundo das drogas porque um "amigo" ofereceu-lhe um trago, um experimento, e aí, de um em um, entra na onda da qual depois não consegue mais fugir. São mais dependentes químicos que psíquicos. Há outros, porém, que criam a dependência nas duas frentes, tornando-se mais difícil o desprendimento, e isto é terrível. Malgrado tais dependências, há uma outra, que percebo do mundo de cá, que são as influências perniciosas que presencio daqueles

que, mesmo mortos, continuam desejando um cheiro a mais uma falsa sensação de bem-estar temporário que a droga oferece, e aí induz pelo pensamento a sua vítima para junto viajarem alucinadamente.

Meus queridos amigos, o que vejo do lado de cá, nestes casos, é degradante. O que faz alguém para cria dependência química, e depois espiritual, é um quadro interessante se não fosse desesperador. É terrível ver até crianças enveredarem no mundo das drogas e observar, atrás delas, outros viciados que lhes sugam as energias e as fazem delirar em encontros denunciantes, como falei, d completa ausência de Deus, pois se fossem alimentado pelo verbo divino, não encontrariam necessidade alguma de entrarem num mundo que cobra bastante caro para sair-se dele.

A ausência de Deus é a ausência da vida. Ficar no mundo das drogas é negar ao próprio Deus e, conseqüentemente, à própria vida, mas o dependente sequer percebe isto. Há, por esta razão, todo um esforço a se fazer para que ele se reencontre novamente, que volte ao seu eixo de equilíbrio. Isto é difícil e exige esforço redobrado para novamente se ater à vida em harmonia. Precisamos encarar a dependência química como a ausência de Deus, porque, neste instante, além dos procedimentos normais de desintoxicação, é fundamental agarrar-se a algo superior, que dê forças "sobrenaturais" para que a pessoa possa se apoiar e abandonar, gradualmente, a sua dependência.

Há infelizmente, meus caros irmãos, uma grandiosa indústria da dependência química. Anualmente, bilhões de dólares sustentam a indústria do vício e, com ela, a indústria da bandidagem, criando, em paralelo, um exército do mal nas duas esferas do existir. As duas se unem numa incrível simbiose de organizações, proliferando mundo afora a custa de mais e novos desavisados para atraírem para a rede dos vícios. Um exército do mal se forma e com tentáculos

inimagináveis em todas as camadas sociais e em todos os países do mundo. Se os homens tivessem uma noção, mesmo que palidamente, do universo que está por trás das drogas, correriam em disparada de qualquer tentação que lhe assaltasse.

E terrível ver os quadros de dependência, de subjugação, que se criam diante das drogas que impiedosamente se alimentam de mais viciados que, sem escrúpulos, chegam até a matar ou morrer, para conseguir a falsa sensação de libertação. E o pior é que, em determinados meios, isto é considerado normal e taxam como careta aquele que não sente interesse em entregar a sua alma ao diabo do vício, diabo sim, porque não há figura mais próxima para descrever tais situações e relacionamentos do que a lendária figura do diabo.

Meus queridos amigos, nos casos já inevitáveis de dependência instalada, penso que o instrumento da oração, da confiança em Deus, da compreensão e, sobretudo, do carinho irrestrito, é fundamental para tirar da lama o irmão que não consegue se auto-reencontrar. Peçamos a Deus nesta hora as devidas forças para nos sustentar na ajuda ao irmão que se auto-motila, que destrói a sua própria vida, e, mesmo querendo, se sente impotente de livrar-se das várias formas de dependência de que é vítima.

Façamos da oração constante, da busca incessante de Deus, o refúgio de nossas almas para colaborar na transição do desespero para o equilíbrio total, porque somente no Pai Amantíssimo poderemos aurrir as forças necessárias para separar adequadamente tais soluções.

Confiemos na possibilidade de vitória sempre, aliados ao nosso Pai Criador, e não haverá força alguma que consiga nos converter, até porque, quem assim procede, e porque

temporariamente desconhece a luz divina que o habita e, por esta razão, transita na faixa da loucura.

Confiemos, Deus é a única saída.

## *Capítulo 43*

### *Conversão*

Tudo o que se pede ao seguidor do Cristo é que ele se dedique, de corpo e alma, ao desiderato a que se propõe. Ninguém é obrigado a ser aquilo que não deseja porque, na prática, a transformação será aparente e não efetiva. Quando se possui a consciência do que se quer, deve-se enveredar todos os esforços nesta direção. O problema que observamos é que muitos candidatos a seguidores do Senhor fazem a sua conversão da boca para fora e não por dentro como deveria ser.

A conversão real é algo que vem bem de dentro da alma. Não é pela aparência. Há um ditado que diz que o hábito faz o monge, mas não é verdade. As aparências têm o fito apenas de externar uma vontade ou, quando muito, um compromisso, mas não se traduz necessariamente numa prática diária e espontânea. O mundo que vivemos, requer, acima de tudo, coerência. Que sua palavra seja igual aos seus atos, ensinava o Mestre de Nazaré. Percebo que, em toda a Sua trajetória, Jesus condenou veementemente os hipócritas. Foi com eles, o tempo todo, terrivelmente implacável. Não baixou a bandeira um minuto sequer e por

quê? Devemos lembrar aqui o ensinamento evangélico quando o Nosso Senhor observou que "o *reino de Deus não se obtém pelas aparências*"<sup>1</sup> Queria dizer que a conversão tem de ser feita pelo coração e não simplesmente pela razão. Meus hábitos, por exemplo, não eram, ou não deveriam ser, apenas uma demonstração exterior da minha conversão à vontade de Deus, mas um alerta permanente para mim mesmo dos votos que consagrei e que tinha a responsabilidade de cumpri-los. Poderia alguém dizer quando me visse de batina: "vai ali um padre", é verdade que parecia um padre, mas o fundamental é que estaria atrás da batina um padre na consciência. E é esta consciência que sempre devemos procurar ser, para que não sejamos acusados, no tribunal da nossa própria consciência, de hipócritas.

Jesus, o Nosso Senhor, bem lembrou também: "*Se me amais, guardai os meus mandamentos*".<sup>2</sup> Ora, como podemos nos dizer seguidores do Filho de Deus se não executamos ou não nos esforçamos a fazer o que Ele nos ensinou? Então não teria nenhuma valia a Sua vinda entre nós, pois seria para mostrar a Sua história, admirando e elogiando a Sua postura sem nada nos tocar. Que proveito teria?

<sup>1</sup> Le 17,20

<sup>2</sup> Jo 14,15

Conversão é, acima de tudo, consciência e transformação. Consciência porque se internaliza o que se deve fazer. Transformação porque se executa o que a consciência manda. Mas, conversão, meus queridos amigos, é também uma ação prazerosa da alma, porque, uma vez passada pela

consciência, se faz o que se deve fazer espontaneamente e não como uma obrigação.

Há muitos candidatos a seguidores do Cristo que põem o seu hábito e acreditam que já fizeram a sua conversão. Que nada, na prática, o coração continua "durinho da Silva" - com todo respeito a todos os participantes desta imensa família no Brasil.

Conversão é ato contínuo, uma vontade do coração. Por já pensar dessa maneira, as ações passam a ser um gesto natural de quem faz e, por isso, faz com extremo prazer. Agradece até a oportunidade que Deus lhe dá de servir.

Meus queridos irmãos, diariamente, Deus nos convida para a nossa conversão particular. Quer Ele que nos tornemos os Seus continuadores na Terra. Quer que nós espontaneamente assumamos o compromisso de segui-Lo nas suas realizações, dando-nos a oportunidade de sermos os Seus co-criadores.

E o que fazemos? Ignoramos a Sua imensa obra, Seu projeto particular em nossas vidas. Creia, meu irmão, todos nós temos uma grande importância no plano de Deus, senão Ele não teria nos criado. Portanto, mãos à obra. Não deixemos fugir a oportunidade preciosa do trabalho e do bem-servir. Os minutos na Terra são instantes preciosos para o recomeço. Mesmo que não tenhamos feito o que deveríamos fazer até agora, não importa mais. Importa o que você vai fazer de agora em diante. Executemos aquilo que nos cabe sem demora e façamos tudo com muito prazer, muita alegria, com muito amor no coração.

Jesus pede a nossa conversão nos dias de hoje como demonstrou no Seu tempo, pela disposição irrestrita de ajudar ao próximo. Não podemos perder oportunidade alguma de tentar ajudar um irmão que passa por um sofrimento. Já imaginou que poderia estar acontecendo com

você e o que você gostaria de como os outros lhe tratassem? Por isso, a Sua recomendação sempre sábia para que façamos aos outros aquilo que gostaríamos que os outros nos fizessem, e sem demora.

Meus queridos irmãos, a conversão exige mudança. Veja o exemplo de Paulo de Tarso, quando se converteu ao Cristo, passou a dedicar toda a sua vida sem condição, para servi-Lo, servindo ao próximo. Foi uma conversão radical, é bem verdade, mas nos mostrou que era possível. E o Irmão Francisco de Assis, que outro belo exemplo de conversão radical ao Nosso Senhor! Quem nos dera que pudéssemos ser também um destes radicais do Cristo. Não envolvidos em fanatismo que não é esta a conversão que Ele nos pede, mas uma conversão verdadeira, uma conversão completa da alma, eis a conversão inadiável, sobretudo nos dias de hoje, tão cheio de necessidades e que é tão presente à ilusão das aparências.

Façamos hoje o dia da nossa conversão verdadeira ao Cristo, tornando os nossos atos um reflexo dos nossos pensamentos e do nosso coração.

Que assim seja!



Nos dias corridos da atualidade, se ouve mais uma televisão do que um ser humano.

## *Capítulo 44*

### *Comunhão*

Comungar é ato divino. Não é apenas comunicar alguma coisa a alguém, é transferir-se de si para o outro integralmente. E repartir um pouco de si, compartilhar parte de seu eu entregando-se ao outro em confiança total. Comungar é ato nobre e reverenciado por todos quando o outro o faz com a entrega de seu coração também.

O ato de comungar, tão em voga na Santa Missa, é obrigação daquele que tem o coração pesado e necessita de outro para carregar consigo o fardo. Ao comungar divide-se a carga, mas divide-se também a responsabilidade, porque o outro passa a compartilhar com as mesmas necessidades daqueles que descarregaram suas lamentações, sofrimentos e dúvidas. Portanto, comungar não é ato solitário. É ato de duas mãos. Não há a comunhão se o outro não se insere inteiramente com aquele que lhe entrega a alma. Para o ato de comungar, uma virtude é essencial: a arte de ouvir.

Nos dias de hoje quão é difícil ouvir. Escuta-se demais, quando se escuta, mas ouvir, isto é qualidade de poucos. Nesta pressa do dia-a-dia, nesta correria sem fim, as pessoas

não ouvem mais a ninguém. E raríssimo, cada vez mais difícil, ver alguém emprestar o ouvido e com ele o coração e alma, muito difícil. Nos dias corridos da atualidade se ouve mais uma televisão do que um ser humano. É incrível!

Queria compartilhar desta minha angústia do lado de cá e este livro que escrevo é uma espécie de comunhão. Comunico as minhas impressões, o que vejo e o que sinto. Como a suplicar que compreendam a minha angústia em querer gritar bem alto que não morri, que continuo existindo. Mas muitos, rejeitarão este meu apelo, sequer me darão ouvidos para escutar estas linhas e mais ainda ouvir o que de profundo escrevi. Não acreditarão na vida pós-morte, embora estejam pregando aos quatro cantos que ela existe. Pois bem, estou aqui, estou comungando da minha existência na eternidade que Deus me reservou. Cheio de novidades, é bem verdade, mas que compartilho do fundo da minha alma para aqueles que verdadeiramente querem ouvir.

O Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre sábio, como que profetizasse - e de fato o fazia -, falou que aqueles que tenham ouvidos para ouvir que ouçam. E eu peço emprestadas as suas mesmíssimas palavras para gritar nesta comunhão de que necessitamos ouvir urgentemente as vozes dos céus que clamam por dizer o que está por detrás do véu da morte. Como a dizer que a vida palpita e a faz mais intensamente porque não se sente mais presa aos costumes ou ao corpo físico, porque vivem em espírito e verdade.

Por que não reconhecer, de uma vez por todas, as vozes do céu? Jesus as trouxe por intermédio dos Seus discípulos que falavam na Casa do Caminho.

Por que negar que continuamos vivos, íntegros, com o pulsar da vida de maneira ainda mais bela?

Por que não afirmar que encontramos aqueles que nos deixaram antes?

Por que sufocar as vozes que gritam nas suas sacristias?

Por que não reconhecer a incrível inspiração que recebemos no momento sublime da Santa Missa, quando emprestamos a nossa voz para outros realizarem em nosso lugar, quando estamos totalmente entregues a comunhão com Deus?

Por que deixar para depois o que intramuros já sabemos há bastante tempo?

Precisamos nos reciclar, deixar para trás o que negamos e admitir a verdade cristalina que pula da nossa alma naturalmente. Foi o Senhor Jesus que domesticou demônios expulsando-os do convívio dos sãos, em espírito.

Não foi Nosso Senhor que delegou aos Seus fiéis seguidores a possibilidade de realizar os Seus feitos e muitos mais? Pois bem, é chegada a hora de, com equilíbrio, manifestarmos a vontade do Altíssimo.

Quantos Papas e Cardeais vejo, do lado de cá, querendo se comunicar, comungar a eternidade que tanto pregamos nos nossos altares e se vêem impedidos de fazê-lo nas nossas igrejas e conventos? Peço que atentem que outros irmãos, como este médium, são levados a serem os nossos intermediários unicamente pelo preconceito de não o fazermos em nossas hostes. Ainda bem, que o seu vínculo atávico nos liga no mesmo ideal e nos permite esta conferência intermundos.

Meus caríssimos irmãos, perdoem-me esta comunicação efusiva e cheia de energia, mas não posso mais calar-me diante do que presencio. Abramos as nossas consciências de maneira equilibrada, voltemos a exercitar as práticas dos primeiros seguidores do Nazareno e deixemos que o Espírito Santo de Deus, por intermédio dos seus humildes

seguidores, possam expressar os seus pensamentos e vontades, e consigam narrar, qual Dom Bosco em vida, as incríveis experiências do lado de cá tão conhecidas por alguns e tão escondidas para a maioria.

Sei que estas minhas palavras podem ser consideradas duras, mas peço ao meu bom Deus que se digne a todos que as lerem, a se comportarem qual aqueles que se entregam ao pensamento de quem está comungando, sem o desejo de censura, mas de compreensão verdadeira do que passa dentro do coração do outro. Foi assim que o Nosso Senhor fez para com todos que O procuravam em busca de um lenitivo para as suas almas e é isto que peço a vocês ao lerem esta comunhão que faço.

Que o Nosso Senhor nos digne da sua compaixão no nosso oratório interior e ilumine os nossos corações diante do perdão que devemos a todos quando erramos.

Que Deus seja louvado!

## *Capítulo 45*

### *Sensibilidade*

Uma rosa irradia para toda a gente que a vê, beleza insofismável, no entanto, perceber a sua beleza é qualidade de poucos. Não que ela deixe de ser bela, mas, muitas vezes, depende fundamentalmente dos olhos de quem a vê. E assim com tudo no mundo, a beleza, como de resto qualquer característica específica, depende, sobretudo, do bom observador. O que deduzimos com isso é que a natureza nos provê de tudo que é necessário e belo, no entanto, cabe a

cada um de nós desenvolver a faculdade de percepção das coisas.

Como, então, observar o que há por trás de cada objeto, de cada situação, de cada expressão da natureza? Penso, meus queridos irmãos, que é através do desenvolvimento da sensibilidade. Sem a sensibilidade aguçada passamos pelo mundo sem vê-lo. E incrível! Quanta gente passa pelo mundo e não consegue ver as maravilhas que ele nos oferece. Tudo está aí para o nosso deleite e prazer. Usar com parcimônia e equilíbrio vai nos possibilitar usufruir sempre, mas, antes, será preciso ver o que se passa à nossa frente, detectar a realidade diante de nossos olhos, às vezes, cegos apesar das evidências.

A sensibilidade é algo que se desenvolve não de fora para dentro, não é o que olhamos que vai nos suscitar a nossa sensibilidade, somos nós que, percebendo a grandiosidade interior, iremos enxergar a grandiosidade que guarda tudo aquilo que está fora de nós. E assim que acontece quando descobrimos o belo da criação dentro de nós, percebemos, naturalmente, o belo nos outros e em todas as coisas de Deus. E de maneira tão evidente e gritante veremos pular aos nossos olhos detalhes que nunca havíamos antes percebido.

Meus queridos irmãos, neste mundo corrido de hoje, onde ninguém vê direito a ninguém nem a nada - e tampouco a si mesmo - vai ser muito difícil desenvolver a sensibilidade. Como observar a beleza das coisas e do outro às pressas? É impossível! A observação sistemática de si mesmo, o autoquestionamento do nosso comportamento, da nossa origem e destino farão enxergar por dedução e síntese, as verdades que precisamos para viver melhor. Por isso, digo que é importantíssimo nos dias atuais a prática da meditação. Para muitos, meditar pode ser classificado como perda de tempo, mas, ao contrário, é um valiosíssimo

instrumento que deveríamos dedicar parte de nosso tempo diariamente, pois a meditação vai nos permitir a descobertas inimagináveis. Perceberemos, por nos permitirmos entrar no nosso mundo íntimo, as incríveis conexões que existem entre tudo e todos, e haveremos de verificar o quão grandioso é a criação divina da qual fazemos parte.

A percepção dilatada da realidade nos permitirá entrever coisas diversas nas nossas vidas, possibilitando alterar diretamente os nossos pensamentos e comportamentos diante de tudo. Alguém que medita, ao fazer descobertas, tende a fazer do produto de suas descobertas o fermento necessário para a condução das suas vidas. Geralmente, torna-se alguém mais leve, mais alegre e de bem com a vida. Verá tudo e dará a importância real a cada coisa, não se preocupando com o dia de amanhã que, por si só, se subsistirá, mas cuidará de viver o momento presente, o tempo presente de Deus. E que maravilha é viver o agora, estar totalmente entregue e integrado naquilo que está acontecendo neste momento, que não deixa a sua mente fugir diante do que lhe passa neste instante diante dos olhos. Por estar perfeitamente sintonizado com o aqui e o agora não sofrerá os tormentos daquilo que está por vir e aproveitará, compreenderá, os detalhes que cada coisa nos oferece, descobrindo e aprendendo com as sutilezas de Deus nas nossas vidas. Já se disse uma vez que a criação divina se descobre nos detalhes, e como isso é verdade! Uma verdade que ao percebermos nos dará uma satisfação enorme de viver e, conseqüentemente, de adorar e louvar ao Criador.

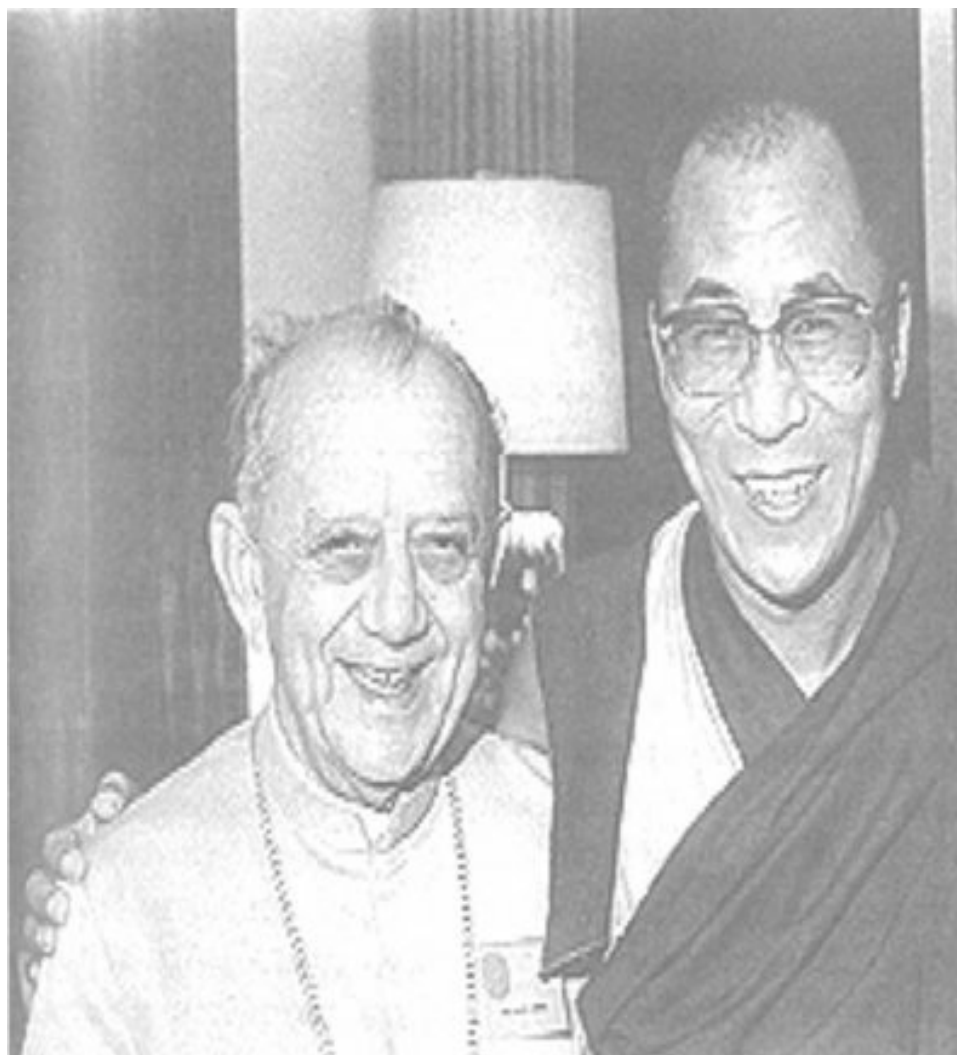
Meus queridos amigos, a eternidade que nos espera também é formada destes detalhes. A cada dia aprendo coisas maravilhosas do lado de cá, onde estes detalhes, esta calma interior, este estado meditativo permanente, é bálsamo de descobertas constantes que nos faz prosseguir com mais esperança e disposição à vida que se segue. Queria poder

traduzir as infinitas descobertas que meus olhos conseguem perceber todos os dias no lado de cá da vida. E matéria para muitos livros, mas não sei se seria bem compreendido, porque se falo superficialmente o que percebo, poderei chocar a muita gente. Imagine se descrevesse os lugares que já tive a oportunidade de ir, as situações que passei, as coisas que descobri. Certamentediriam que escrevia uma obra de ficção. Por isso, me contenho a repassar as minhas reflexões que serão por muitos contestadas; já outros sequer acreditarão serem verdadeiros os textos que escrevo por intermédio de um médium. Coisa de louco dirão outros, mas a realidade é esta e para aqueles que se dedicarem à meditação do que escrevo, de não se furtarem à reflexão sem ser preconceituosa, poderá beber algo substancial para as suas vidas, já que a vida é uma só e depois do momento físico que você está vivendo também irá usufruir daquilo que descrevo.

Fico a lembrar de Lázaro quando dialogava com um senhor, que jogava as migalhas, enquanto estava vivo; e depois da morte, ao se reencontrarem, afastados pelo abismo consciencial, pedia o senhor a Lázaro e ao Pai Abraão a nova oportunidade de regressar a Terra para narrar as impressões que tinha do "céu" para que outros amados seus não sofressem as mesmas desventuras que sofria. E Pai Abraão respondia, no alto de sua sabedoria, *"eles não tema Moisés e aos profetas que tudo já anteciparam?"*<sup>1</sup> Digo, igualmente, temos ao Evangelho de Jesus que nos antecipa sutilmente o que vamos encontrar, mas não prestamos a devida atenção. Por isso, meus irmãos, cuidai de orar e pedir a Deus que já possa agora despertar a sensibilidade para a sua realidade divina e espiritual que lhe é inerente e, com isso, apressar-se em fazer o que ainda não foi feito para, ao regressar à Terra de Abraão, estar ao lado de Lázaro e não do senhor imprevidente.

Que Deus nos abençoe!

<sup>1</sup> Lc 17,29



Se percebermos direito, de todas as direções, seja da nossa Santa Igreja, seja do Budismo ou mesmo do Espiritismo, de todos os lados, o clamor pelo espiritual é cada vez mais crescente, e que assim seja.

## *Capítulo 46*

### *Revolução espiritual*

Há quem diga que o passado seja bem melhor que o presente, que as coisas, a vida que tínhamos lá trás, nos tempos idos, eram mais interessantes do que aquelas que estão disponíveis para a geração atual. Quero crer, no alto da minha tradição, que cada época guarda lá os seus prazeres. Se no meu tempo de jovem na Terra tudo era mais calmo, se a vida possuía um ritmo mais devagar do que a pressa atual, por outro lado não tínhamos os apetrechos tecnológicos que tornam a vida mais fácil e, por isso mesmo, mais rápida. São aparentes contradições, mas são características próprias de cada momento, com suas vantagens e desvantagens. Penso, porém, que deveríamos manter alguns valores na vida como insubstituíveis, seja qual fosse a época que vivêssemos, porque representam, no fundo, um anseio da própria alma.

O que pensar do homem atual sem a família? A família é o esteio de qualquer pessoa. Um homem sem família é um homem só, sem destino, sem ter para onde voltar, sem ter o carinho necessário, sem ter com quem conversar as suas amenidades cotidianas, sem um porto seguro. A família não pode ser desprezada jamais. E o que vemos hoje? Vemos o esfacelamento da família. Pai e mãe não se entendem mais. Os filhos ganharam uma liberdade excessiva que não sabem sequer o que fazer com ela. O respeito, então, foi para as "cucuias". Cada vez mais ninguém respeita ninguém, tamanha a liberalidade em nome de uma falsa igualdade e democratização no lar. Respeito é outra coisa e está inserido naturalmente naquilo que se relaciona ao espaço do outro. A família não pode deixar de ser o eixo central dos

relacionamentos humanos em qualquer época da humanidade.

Outro valor fundamental, nunca a ser desprezado, é o amor fraterno entre as pessoas. A filosofia consumista que domina o mundo faz, cada vez mais, as pessoas pensarem unicamente nelas mesmas. O sentimento de fraternidade torna-se vazio. Sem limite diante do que deseja para si, o homem subtrai o que é do outro, provocando um desequilíbrio sem fim. Até hoje, por imperar o egoísmo nos relacionamentos, a desigualdade ainda é uma marca indelével que tem que ser abolida imediatamente. Falo da desigualdade abismal que se sustenta a séculos e séculos.

Outro bem precioso que não podemos abrir mão jamais é a luta incansável pela paz. Não pode ser possível acreditar-se que a violência é algo natural. A violência é um sinal claro de desequilíbrio, pois se houvesse bom senso, ninguém agrediria ninguém ou invadiria indevidamente o espaço do outro. A violência urbana, nas escalas atuais, é mal moderno, pois não existia nos meus tempos de garoto, mesmo nas grandes cidades.

Outra característica dos tempos atuais com a qual não viveremos bem é este apego em demasiado ao dinheiro. Tem gente, como falei antes, que é doente pelo dinheiro.

para essas pessoas o dinheiro é tudo e tudo se faz para tê-lo. O dinheiro tem a sua importância, mas a importância que devemos dar a ele é o valor que ele realmente tem. O dinheiro atropela tudo. Desorganiza a família, sobretudo na sua ausência; provoca a violência e suscita a desigualdade. Nunca estará "démodé" falar que a vida em simplicidade é bem valoroso, isso porque, quando vier a morte inevitável, o que nos restará será aquilo com o que vestirmos a nossa alma e não os bens exteriores. Por isso, viver em simplicidade, com aquilo que seja indispensável, deveria ser uma preocupação de todos. Não há exemplo mais

formidável de simplicidade do que Jesus. *"O filho do homem não tem sequer um lugar para encostar a sua cabeça"*<sup>1</sup> no final do dia. Ou *"olhai os lírios do campo. Eles não*

*fiam nem tecem, mas jamais Salomão, em toda a sua glória, vestiu-se como um deles"*.<sup>2</sup>Eis um valor imprescindível: a simplicidade.

Meus queridos irmãos, há muitos outros valores, sobretudo de caráter humano, que nunca ficarão fora de moda, seja qual for a época que vivamos. Mas há um, neste instante, que quero ressaltar: a espiritualidade de que é inerente a cada ser. O homem é um ser espiritual por excelência, aliás, na verdade, somos espíritos. Viver na condição de espíritos imortais que somos, deveria ser a prioridade das prioridades. Se nos enxergássemos na condição de espírito imortal, não faríamos tantas besteiras como fazemos. Viveríamos mais tranquilos com o dia de amanhã, porque saberíamos que sempre haveria um amanhã para nos confortar, a nos dar mais outra oportunidade. A condição espiritual iria nos dar tranquilidade também em relação ao nosso sustento. Se soubéssemos antecipadamente que poderia, num caso extremo, faltar a subsistência física, que não faltasse nunca o sustento do espírito, porque o que é do espírito é do espírito e o que é da carne é da carne.

Nossos valores certamente, com a nossa vivência espiritualizante, seriam outros e radicalmente diferentes dos atuais. O homem daria importância a outro homem e viveria na dependência exclusiva da felicidade do outro, ou seja, a fraternidade seria uma consequência natural das relações. Proponho, portanto, algo que não é novo para ninguém, mas por esquecermos dele, venho oportunamente lembrar: vamos redescobrir o espírito nos homens. O que propomos, e isto vem de todos os lados, é uma revolução espiritual.

Nos novos dias, se queremos ver um mundo novo, bem diferente do que aí está, precisamos, urgentemente, promover a revolução pelo espírito. A redescoberta

espiritual é a base do novo mundo que

<sup>1</sup> Mt 8,20.

<sup>2</sup> Mt 6,28

o Nosso Senhor Jesus Cristo nos prometeu com as bem-aventuranças. Por esta razão é que Ele lembrou que Seu reino (ainda) não era deste mundo. Se percebermos direito, de todas as direções, seja da nossa Santa Igreja, seja do Budismo ou mesmo do Espiritismo, de todos os lados, o clamor pelo espiritual é cada vez mais crescente, e que assim seja.

Guardemo-nos para este novo tempo que já é chegado. Façamos a nossa parte em acelerar o nosso lado espiritual, contribuindo, de uma vez por todas, com a implantação, o quanto antes, do reino de Deus entre os homens.

Que Deus nos abençoe!



Quando os homens descobrirem o sentido real da vida, estarão dando passos significativos para a conquista da paz.

## *Capítulo 47*

### *Estado de paz*

Quando me falam que as coisas não têm mais jeito, que o mal predomina sobre a Terra, fico a imaginar se isto é verdade, pois os noticiários, as manchetes dos jornais só estapam as notícias negativas. Quero crer de onde estou que tudo isso é temporário e que vivemos à beira de dias melhores. Não é verdade que tudo está um caos só porque vemos na televisão ou escutamos no rádio as atrocidades que um bandido promoveu a uma pessoa comum. Sei que isto é extremamente revoltante e que faz parte daquilo que poderíamos denominar de barbárie humana, mas não é, definitivamente, aquilo que predomina no planeta, pelo contrário, nunca vi tanto bem sobre a Terra como agora. Os espaços jornalísticos necessitam dividir melhor os fatos da vida real, pois pouca ênfase se dá ao lado bom das criaturas e o bem que se propaga para todos os lados.

O que penso é que a vida na Terra está em transformação e nessa fase em que vivemos a agonia do mal, os filhos de Deus que por sua ignorância ainda deslizam nas atrocidades dos seus atos, revelam uma face que, embora não predomine na Terra, demonstram um lado que queremos ver abolido definitivamente de nosso cotidiano. Para mudar este estado de coisas é necessário que cada um, por si só, desenvolva um estado de paz interior.

Estar em paz, buscar a serenidade de espírito é desafio de todos e conquista de muitos, mas ainda é pouco diante do quadro de desorganização familiar e social em que vivemos. Sem a paz de espírito a ser adquirida, o homem não vai para lugar algum, e a sociedade pouco avançará na aquisição da paz definitiva. E claro que sem uma melhor distribuição das riquezas, sem a busca de uma certa equanimidade social, não criaremos condições favoráveis para a paz social, mas se não mexermos com as estruturas internas do ser humano deveras poderemos imaginar uma sociedade pacífica.

Quando falo da conquista da paz interior, falo da necessidade do homem entender quem ele realmente é e passar a levar a vida em consonância com a sua descoberta. Se o homem imagina que é apenas o que vê no espelho, que pode tocar com as suas mãos, se tornará extremamente pequeno e limitado para se compreender e, conseqüentemente, dará enorme importância a tudo aquilo que lhe satisfizer os sentidos físicos. E contra esta apologia materialista que luto e sempre lutarei, sobretudo quando vejo tudo pela lente do espírito. É impossível pensar em paz interior; portanto, aquela que vem de dentro, dando importância às coisas que satisfazem o exterior.

A paz é bem nobre, se conquistada pela descoberta da nossa condição imortal e divina. Sem a percepção clara do que somos haveremos de inclinar as nossas mentes para coisas de pouco ou nenhum valor e aí nos tornaremos dependentes do nada que, cedo ou mais tarde, provocará um grande vazio e frustração. E por isso que mais e mais pessoas abastadas pela dinheirama, tornam-se cada vez mais infelizes, depressivas, a ponto de cometerem suicídios. Por que isso acontece? Porque o dinheiro pode encher o seu guarda-roupa, mas não conseguirá encher a sua alma de paz. Quantas pessoas presencio ter o mínimo na sua geladeira - quando o tem -, mas possuem o coração transbordando de paz para dar a quem quiser? A paz é bem nobre porque uma vez descoberta de verdade dificilmente alguém a perderá.

Quando os homens descobrirem o sentido real da vida estarão dando passos significativos para a conquista da paz, enquanto isto, continuarão rodando em círculos, porque imaginarão que a abundância, a satisfação plena das necessidades físicas, será o suficiente para decretar o estado de ordem na sociedade. Sem o mínimo não há paz, mas a abundância geralmente é desencadeadora do desequilíbrio e

da falta da paz, porque, no estágio atual que vivemos, subtrai-se de alguém que precisa.

A paz interior é sustentáculo da paz coletiva, eis a noção que devemos trabalhar para não nos deixarmos envolver pelo egoísmo que nutre a desunião e, por tabela, cria o ânimo para a violência.

Queira Deus que o ambiente de paz que imaginamos não tarde a se estabelecer entre nós e que todos possam descobrir, o quanto antes, o que verdadeiramente são.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 48*

### *Verdades inadiáveis*

Os que dizem que não se arrependem do que fizeram, têm mais que pensarem sobre as suas vidas. Não é fácil admitir um erro, muito difícil, porém, é sair dele depois que se sustenta, de toda forma, uma mentira ou engano. Todos nós estamos sujeitos a deslizes na vida, isto é muito natural. Errar faz parte do contexto humano da procura do acerto, mas quando imaginamos deter toda a razão ou mesmo quando nos sentimos no alto do nosso orgulho e este não nos permite voltar atrás, então as conseqüências são muito sérias.

Queira Deus, no alto de Sua bondade infinita, que todos nós, sem exceção, tenhamos sempre a oportunidade de retornar ao ponto de origem quando deixarmos voluntariamente o

caminho certo. Apesar de sabermos, muitas vezes, que algo não é certo, teimamos em seguir neste caminho e aí provocamos, invariavelmente, destroços significativos em nossas vidas.

Feio não é errar, feio é teimar no erro, mesmo quando todos a nossa volta enxergam as besteiras que cometemos. Que coisa feia! Vergonhosa! Fazer algo deprimente aos olhos de todos, quando poderíamos retornar e não fazer mais.

Estas palavras, meus irmãos em Cristo, vão ao encontro de todos aqueles que mesmo sabendo das verdades insistem equivocadamente no erro. Não é admissível que alguém com razoável inteligência teime deliberadamente em continuar num caminho que não vai dar a lugar algum, a não ser para a vergonha de ter que admitir que estava errado, simplesmente pela força dos fatos que agem inquestionavelmente, independentemente da nossa vontade.

Tais palavras vão ao encontro, também, das ordens religiosas que insistem em levar seus seguidores para caminhos indesejados, mesmo tendo a consciência de que seus conselhos levarão seus adeptos ao abismo. O que falamos, nesta ocasião, são as palavras que saem da boca de representantes religiosos que já possuem a noção do que seja a vida após a morte, mas insistem em propagar uma versão bastante diferente daquela que já crêm.

O comportamento de qualquer pastor de ovelhas que o Senhor nos creditou é ter com elas o compromisso de bem orientá-las, mesmo que, muitas vezes, o credo oficial negue aquilo que ele já saiba. O que ocorre é que as mudanças institucionais demoram a se estabelecer e só vêm depois de muito tempo. E aí, o que fazer? Contrariar a vontade oficial ou estar em paz com a sua consciência? Esta pergunta sempre existiu no seio da nossa Santa Igreja e é muito

natural este embate ao longo da sua história, tanto que muitos Papas, e mais recentemente o nosso João Paulo II, tiveram que pedir desculpas públicas por não haver seguido o bom senso no tempo aprazado por Deus. Se algo é verdade, se imporá inexoravelmente a todas as pessoas que terão que se dobrar diante de uma realidade arrebatadora.

O que pedimos, do lado de cá, irmãos em Cristo, não é outra coisa senão o uso do bom senso e da tolerância sem os quais haveremos de repetir os mesmos equívocos do passado. Não há como negar - e alguns campos da ciência já estão aí para demonstrar - que a realidade do espírito é inevitável. Não há como fugir ao pensamento universal de que sobrevivemos a tudo e a todos, porque o Pai, o Amor em excelência, não haveria de nos criar com a destinação da finitude.

Nossa Santa Igreja, mais uma vez pelas mãos do Papa viajante, afirmou que o nosso destino pós-morte é derivado diretamente do produto das nossas consciências e que não há, como muitos de nós pregamos, céu e inferno, ou mesmo purgatório, da maneira como descrevemos às nossas ovelhas. E preciso termos a hombridade de reconhecermos as nossas falhas e não mais perdermos o horizonte da história que se aproxima para compartilharmos dos mesmos conhecimentos que, no íntimo, já concordamos, mas não podemos, por obediência hierárquica e teológica, exprimir o nosso consentimento e aprovação a tais idéias.

Como não tenho mais o que temer, pois não poderei do lado de cá ser penitenciado pelo que digo, peço, apenas, que solicitem ao Pai Amantíssimo a sabedoria necessária para instalar gradativamente, no seio da nossa Igreja, as verdades espirituais que vivenciamos, até porque elas não pertencem individualmente a qualquer credo, uma vez que fazem parte das leis do nosso bom Deus.

Queira Jesus que as Tuas palavras, ditas há dois mil anos, continuem a ser redescobertas pelos homens e mulheres que, despojados de preconceitos e sectarismos mas entregues verdadeiramente a tarefa de Te servir, possam exprimir a Tua vontade para todos nós.

Que Deus nos abençoe!

## *Capítulo 49*

### *Santa missa*

A partir do nosso encontro particular com Jesus, mudanças significativas hão de acontecer nas nossas vidas. O encontro com Jesus requer entrega total, libertadora do nosso eu, para que Ele possa espontaneamente agir sobre nossos pensamentos e ações. Sem esta entrega verdadeira, Jesus não poderá Se manifestar em nosso existir. E assim que ocorre - ou deveria ocorrer com todos nós - por ocasião da realização da Santa Missa.

A Santa Missa é um local e um momento sagrados. Representa um encontro particular e ao mesmo tempo coletivo com Deus e com o Nosso Senhor Jesus Cristo. Cada passo, cada ritual, cada palavra devem representar algo de novo nas nossas vidas, porque significa o próprio Cristo agindo sobre nós neste momento ímpar da Eucaristia.

É demasiado importante para mim afirmar que era na Santa Missa que eu mais me realizava como padre. Era sempre uma situação inusitada e feliz para mim celebrar uma missa. Cada missa era diferente. Cada missa possuía o seu "quê" de

profundidade, de reflexão, de encontro com o Pai. Uma missa não é uma repetição de gestos e palavras de ordem, não é isso não, é momento de entrega plena a Deus numa lembrança oportuna das palavras e da vida de Nosso Senhor Jesus. Quanta alegria invadia meu coração, quando ali, representando ao Cristo, podia conduzir aquele espetáculo de fé e esperança que se renova em cada nova celebração.

Ah, se as pessoas soubessem o que se dá numa Santa Missa na perspectiva da espiritualidade! Neste momento santo, forças invisíveis convergem-se obedecendo aos nossos pensamentos e sentimentos a nos encorajar para a vida, para aliviar as nossas faltas, para nos socorrer diante dos nossos sofrimentos. E o próprio Cristo que desce, na figura de Seus amigos celestiais, para juntos promoverem a união de corações famintos de Deus. E um momento sublime e de muita emoção. Repetir os gestos do Cristo é ter o próprio Cristo em espírito e verdade entre nós. Cada palavra possui o seu significado especial, e a convocação do padre para a comunhão verdadeira com Deus faz espargir dos corações dos adeptos fervorosos uma intensa luz que brilha e irradia para todos, construindo um ambiente de muita paz.

Minha função na Santa Missa era, a meu ver, representar o próprio Cristo. E que alegria invadia o meu coração naquele instante. Poder ser o Cristo, em pouco mais de uma hora, era o momento diário de consagração da minha vida. Pensava eu, cá com os meus botões, o que faria o Cristo se estivesse no meu lugar? Faria, certamente, tudo se tornar mais belo e natural. Faria cada momento se tornar único. Faria com que cada um pudesse refletir sobre a sua própria vida e sair dali renovado para construir uma vida nova.

A Santa Missa, meus caríssimos irmãos, é oportunidade única de nos reencontrarmos com Deus, não que isso não seja feito todos os dias quando nos incorporamos como continuadores de Sua obra na Terra, mas na homilia tudo se

transforma porque se reúne um conjunto de forças divinas para conspirar para o bem. É momento especial, porque o ser humano se entrega de corpo e alma a Deus para que Ele possa conduzir a sua vida. A Santa Missa é o momento maior da nossa percepção concreta como filhos de Deus que somos, despidos de qualquer vaidade, de qualquer subterfúgio, de qualquer malquerença com o nosso irmão. Na ocasião da Santa Missa somos rigorosamente iguais. Não há ricos ou pobres, não há santos ou pecadores, não há justos ou injustos, há ali filhos de Deus, tão-somente, absolutamente iguais perante o Criador, sob a condução majestosa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há, porém, na Santa Missa, os desavisados. Digo desavisados porque se soubessem o que representa uma missa não iriam fazer lá o que não deviam. Vão para a missa para olhar a roupa do outro. Alguns aproveitam para falar da vida da vizinha e de quem quer que seja. Os moços e as moças, então, escolheram a missa para flertar um ao outro. Desviam todos com isso a oportunidade nobre de reencontro com Jesus e com si mesmos.

Deveria a Santa Missa ser um momento de ouro e bem aguardado por todos que professem a fé católica. Momento de esperança por dias melhores, momento de renovação e cura, momento de reencontro do povo de Deus.

Queira o Nosso Senhor Jesus Cristo que transformemos a Santa Missa num prenúncio de Seu retorno à Terra, na perspectiva de transformação de todo ser humano, baseado firmemente nas orientações recebidas pelo Evangelho divino.

Que seja a Santa Missa a ocasião em que a boa notícia trazida por Jesus seja recebida de braços e corações abertos e lá se reflita a própria imagem do Nazareno em nossas vidas.

## *Capítulo 50*

### *Terra da Promissão*

Representa uma dor para mim quando vejo que homens e mulheres disputam o mercado de trabalho, as coisas da Terra, os bens, tudo mais, e não possuem no coração a esperança de dias melhores e a crença no Salvador do Mundo, o Nosso Senhor Jesus Cristo. Correm todos, de lá pra cá, a procura da sobrevivência do dia-a-dia, mas esquecem aquilo que é fundamental: a esperança em Deus. Somente Deus, porque é a Vida em excelência, pode nos dar a esperança que precisamos. Toda ela.

Por que buscamos o impalpável nas nossas vidas? Por que almejamos conseguir aquilo que não enxergamos com os nossos olhos físicos? Porque, no fundo, sabemos da nossa herança espiritual e divina, e não admitimos nos afastar dela. Quando assim fazemos, estamos nos afastando de nós mesmos, da nossa essência maior. Peço a Deus, nosso Pai, todos os dias, que nunca deixe de colocar no coração dos homens a esperança.

Hoje estou aqui, do lado espiritual da vida, e vejo com muita nitidez o que deixamos de admitir por pura vaidade intelectual. E o que isto nos servirá? Para nada, irmãos, para nada. Portanto, não deixemos a oportunidade que agora o Pai nos concede de reverter as nossas vidas em

Sua direção, de colocarmos os nossos pés e as nossas mãos todas as nossas forças, em servi-Lo, grata e imediatamente Meus queridos irmãos em Cristo Jesus, o homem do lado de cá se não for calcado de muita fé no coração pouco fará por si e pelos outros. Somente a fé, aquela que o Nazareno nos informou que move montanhas, é que será o nosso sustentáculo perante a eternidade que nos espera. Portanto, não percamos tempo. Seja qual for a nossa religião, católica, protestante, espírita, umbandista, o que seja, permita já, agora, que o Pai Amantíssimo possa dirigir a sua vida daqui por diante. Não há, deste lado da vida, qualquer discriminação ou privilégio religioso. Não há eleitos pelo Pai, porque somos todos os Seus filhos, e por Ele ser todo amor, Ele ama irrestritamente a todos por igual.

Meus irmãos em Cristo, por que perdermos o nosso tempo em contendas sem fim para demonstrarmos que a verdade, que a preferência do Pai, está conosco ou com nossa religião? Isto não tem fundamento algum. O Pai olha para todos nós indistintamente. Olha, igualmente, a todos que cruzarem o caminho com o mesmo amor que Ele. E assim, copiando o Pai, que nos pareceremos a Sua imagem e semelhança.

Aquilo que encontramos nas escrituras sagradas não passa apenas de recados, utilíssimos, de que a verdade das verdades ainda está bastante distante do nosso conhecimento, embora, inevitavelmente, seremos um dia agraciados em possuí-la.

Tenhamos fé que o mundo melhorará. Não há como isto não acontecer. Todo o planejamento celestial, pelo que vejo, é que esta condição abraçará toda a Terra, mesmo que os nossos irmãos que transitam no mal não desejem e façam tudo para impedi-lo. Eles também, um dia, serão arrebatados para nosso lado, porque Jesus já nos adiantou que nenhuma das ovelhas do Pai seria perdida. A Terra da

Promissão, tão desejada no passado, chegará a ser a nossa moradia. Começamos agora a viver um novo tempo. Tempo de transição, é bem verdade, mas tempos gloriosos de redenção no Cristo Jesus. Não percamos a fé que este dia chegará apesar de notícias quererem avisar o contrário. Há, do nosso lado, uma conjunção de esforços para que a Terra seja o reinado do bem. E o bem sempre triunfa.

Meus queridos irmãos, minhas palavras chegam ao final. Em breve, uma última carta deste livro será escrita, porque na prática o que fiz, pelo médium, como sempre gostei de fazer em vida, foi escrever cartas. As minhas epístolas, agora, na vida eterna. Aos meus amigos, leiam atentamente. Há, em cada uma delas, um pouco do meu coração e não apenas aquilo que penso. As minhas queridas amigas que confabulei em vida, enviando notícias frescas do Concílio Vaticano II; aos meus queridos companheiros paroquianos da nossa Igreja das Fronteiras, de Olinda e Recife, de todo Pernambuco; aos meus humildes servidores do Cristo, na batina, que junto comigo compartilharam dos mesmos sonhos de redenção do nosso povo; aos meus amigos de todas as partes, os quais muitos revejo aqui; peço que entendam aquilo que sempre falei e agora tive a oportunidade, dada por Deus, Nosso Pai Amantíssimo, de poder escrever estas utópicas linhas para alguns, mas absolutamente verdadeiras. Quero pedir, pelo menos, que reflitam, mesmo que a fé lhes imponha, de alguma forma, negar o que escrevi.

Meus amigos, sou todo de vocês. Acalentarei minha presença naquilo que vocês chamarem de sonho. Estarei sempre convosco, porque onde há a união pelo coração é impossível desatar-se mesmo aqui na eternidade de Deus.

Estamos cumprindo uma etapa. Breve, muito breve, outras notícias minhas chegarão por este ou outro instrumento de Deus, porque minha presença, como de qualquer outro, se

fará efetivamente quando almejarmos de coração ter com Ele. Assim, dormirei o sonho da eternidade não no descanso, que de cá não existe (ainda bem), mas na ação e na possibilidade de todos os dias poder servir ao Pai.

Que assim seja, irmãos!



Acerca do regime militar que enfrentei em meus dias de Arcebispo, digo que foram os dias mais gloriosos da minha existência.

## *Capítulo 51*

### *Dias melhores*

Um pensamento corrige uma ação? Penso que não, mas é um bom começo para se livrar de algo errado que fizemos no passado. Ações cobrem outras ações e com elas levamos a vida no desiderato que objetivamos. A vida em si é palco de controvérsias, mas também oportunidade ímpar de grandes feitos. Digo, sem medo de errar, que todos os momentos da vida são absolutamente preciosos para o nosso aprendizado espiritual e o nosso crescimento interior.

Minha existência na Terra foi feita de altos e baixos. Acertei muitas vezes e errei outras tantas. Umas vezes os erros que cometi tinham dentro de mim uma forte convicção que estava certo e quando descobri a face da verdade envergonhava-me grandemente, mas ficava a lição para não errar mais. Às vezes, acredita-se piamente em algo, entrega-se a própria alma e com o tempo vamos enxergando que a nossa lente intelectual estava distorcendo a realidade. Tarde demais. Então o que fazer senão reconhecer o nosso engano e tocar pra frente?

Nos meus dias de sacerdócio na Terra passei por poucas e boas, como normalmente falamos. Foram situações inusitadas que graças à fé em Nosso Senhor Jesus Cristo e em Deus pude superar. Se até o Nosso Senhor foi incompreendido e injustiçado porque eu, um reles pecador, não deveria passar por situações de atribulações e provas da minha fé?

Acerca do regime militar que enfrentei em meus dias de Arcebispo, digo que foram os dias mais gloriosos da minha existência. Conviver com o arbítrio, conviver com a

desilusão, conviver com a mentira e a hipocrisia, e manter-se fiel aos credos da nossa Santa Igreja foi desafio dos maiores. Tantas mentiras a meu nome, tantos absurdos inventados, com certeza havia uma razão de ser.

Deus não criou o mundo para viver em trevas, se elas existem é porque prenunciam uma manhã radiosa, é assim que funciona a natureza. Então, não poderia ser diferente comigo e com milhares de pessoas que queriam, tão-somente, verem um Brasil melhor, mais justo, mais igual e mais livre. Os que nos denunciavam ou nos perseguiram, movidos por uma ânsia de servir bem aos seus senhores, muitos deles encontrei do lado de cá da vida. Muitos envergonhados pelo que fizeram pedem-nos desculpas e precisamos entendê-los como irmãos que transitoriamente incorreram de andar nas trevas pensando que serviam a luz. Nada como o tempo para mostrar limpidamente a razão de ser das coisas. O importante, depois de tudo que passamos, é não guardar mágoas e continuar a desejar o bem dos outros sem interferência na intensidade da nossa fé.

Quando olho para trás, naqueles dias de muita tortura psicológica, penso como é grande o Criador para nos manter em pé contra as injustiças das quais fomos vítimas, mas não foi em vão, serviu-nos para testificar as palavras nobres e sábias de Nosso Senhor clamando as bem-aventuranças àqueles que possuem sede e fome de justiça.

Não me desespero em saber que muitas das injustiças que combatemos continuam ainda presentes no dia-a-dia da nossa gente, porque vejo sempre com muito otimismo o depoimento de uma parte delas que começa a perceber, mesmo que tardia e lentamente, que melhores dias começam a acontecer em suas vidas.

Não me desespero em ver que a classe política ainda possui seus vícios, mas que há igualmente outros homens e

mulheres combativos que vêm na frente e buscam o melhor para o nosso povo.

Não me desespero em saber que muitos ainda roubam, seqüestram, abortam e matam cruelmente, porém não deixo de elucidar a tantos quantos promovem a cada dia novas e promissoras jornadas na prática do bem.

Muito se tem feito no mundo afora pelo bem da humanidade. O mundo está cada vez melhor e, do lado de cá da vida, posso perceber isto muito claramente e não somente eu, mas diversos irmãos e irmãs que aqui chegam. A par das misérias e desentendimentos, cresce enormemente a rede do bem e os promotores da paz.

Não me desespero, enfim, com o amanhã. Ele será, conforme prometido pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, dos justos, dos pacificadores, daqueles que estão comprometidos com a instalação do reino de Deus na Terra.

Somente o amor será capaz de redimir os homens dos seus pecados, porque é o amor que sustenta a vida, os astros, o universo, porque é o amor o próprio Deus que se revela a cada instante na existência das coisas. Que seja o amor, somente o amor, que conduza as nossas vidas.

## *Capítulo 52*

### *Agradecimentos*

Num dia como este, há algum tempo atrás, reentrei na Terra. Não era pretensão minha ter a investidura que tive,

mas os fatos me levaram a assumir responsabilidades gradativamente e hoje eis-me aqui a depositar memórias nesta folha de papel.

Minha posição sacerdotal permitiu-me adentrar por campos do saber e enveredar por caminhos que consolidaram ainda mais a minha fé e a minha disposição para servir ao Cristo. Não foi fácil a caminhada, mas juntando-se a uma diversidade de amigos que encontrei na jornada, tornou-se a minha trajetória existencial mais tranqüila e prazerosa, apesar de todos os atropelos naturais de qualquer experiência terrena. Valeu à pena. Noutros tempos diria que foi "supimpa" - sempre achei interessante esta expressão. Tudo que fiz, claro que faria de novo, e faria melhor, olhando agora depois de tudo feito. As lágrimas que derramei, as lutas nas quais me inseri, os entreveros que fui forçado a me meter, deram-me uma condição de amadurecimento que, até hoje, ganho sempre um pouco mais.

Minha condição de sacerdote, profissão de fé que imediatamente me identifiquei como minha vocação, foi essencial para afirmar que fui deverasmente feliz. Quantas e tantas oportunidades tive na vida porque abracei sinceramente a condição de padre. Não me veria em outra ocupação alguma a não ser a de vigário. Como foi bom encontrar tanta gente, fazer amigos que devoto até hoje mesmo do lado de cá da vida. Amigos que não me esquecem, amigos que eu não esqueço. Também, com aquela cara que tive, somente sendo padre para muitos me aturarem.

Brincadeiras à parte - e menos formal que nos escritos anteriores - despeço-me, de todos que acolheram as nossas reflexões, com um grande abraço e a certeza de que dias melhores virão. Saibam que a saudade é imensa. O campo de luta é outro, mas a causa é a mesma, nunca mudou nem vai mudar. Despeço-me com um agradecimento

Texto recebido em 7 de fevereiro de 2006, data de aniversário do autor espiritual.

por terem tido a paciência de ler as reflexões de um velho padre agora do lado de cá da vida.

Congratulo-me com todos aqueles que, mesmo discordando ou desacreditando a princípio da originalidade deste livro, concederam um crédito de confiança como a querer saber até onde iria esta aventura de um padre depois da morte.

Fico agradecido a todos que, desde o primeiro momento, confiaram nas palavras aqui escritas como as minhas, e a cada texto foram reforçando as suas convicções.

Agradeço, também, aos críticos, que pressuponho não serão poucos. Pouco importa. Importa que os textos foram lidos, e sei que um dia que escrevi vai lhes fazer algum sentido.

Agradeço, sobretudo, a Deus, o Pai Amantíssimo, que me concedeu a esta ventura de traduzir os meus pensamentos e sentimentos pelas mãos amigas de um médium.

Agradeço, emocionado, a Nosso Senhor Jesus Cristo que do lado de cá continua o Seu trabalho incansável pela regeneração de todos os homens e mulheres da Terra. Sabemos que há muito por fazer, e estas linhas, deste despretensioso livro, possam servir de alguma forma para colaborar neste intento. Foi esta a minha disposição, desde o início, poder servir a causa de Nosso Senhor.

Que a vida continue a nos conduzir para a nossa autodescoberta de espíritos imortais e comprometidos com a nossa renovação íntima a caminho da própria luz.

Que as palavras aqui escritas sejam um alento a todos, independentemente de suas crenças, de que continuamos a existir e com a vontade do Pai possamos juntos transformar

a face do nosso planeta, melhorando a vida dos nossos irmãos de caminho.

Que Deus nos abençoe!



*"O diálogo com os mortos não deve ser interrompido, pois, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo "*

Pregação de João Paulo II na basílica de São Pedro, em novembro de 1983.  
Revista Veja n.º 1899 ano 38 n.º 14 de 6/04/2005 pág 93.

<sup>13</sup>Padre Antônio de Maria Ibiapina foi sem dúvida o maior missionário do interior do Nordeste.

Ordenado somente aos 47 anos de idade, em 1853. Depois da ordenação exerceu o ministério de missionário durante 30 anos.

Ipe 4,8

**Plebiscito realizado no Brasil em 23 de outubro de 2005, acerca das armas de fogo e munição.**

Jo 10,34

Ipe 4,8

**"O Concílio Vaticano II (CVII), Concílio Ecumênico da Igreja católica, foi aberto sob o papado de João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado de Paulo VI em 8 de dezembro de 1965.**

# Índice

Novas Utopias	2
Prefácio	12
Apresentação - A luz que vem do outro	17
Novas Utopias, o mesmo Helder	20
Muitas razões para escrever	27
Entrevista com Dom Helder Camara realizada pelos editores	30
Mediunidade	32
Igreja	35
Amor	37
Capítulo 1 - Ação do Amor	38
Capítulo 2 - Diante ds adversidades	40
Capítulo 3 - Os construtores da Nova Era	42
Capítulo 4 - A Verdadeira natureza humana	45
Capítulo 5 - Confiança em Deus	48
Capítulo 6 - A harmonia nas diferenças	51
Capítulo 7 - O valor do dinheiro	54
Capítulo 8 - Deus é implacável?	56
Capítulo 9 - Desesperança	59
Capítulo 10 - O Valor do tempo	61
Capítulo 11 - Destino	64
Capítulo 12 - A Paciência	67
Capítulo 13 - O sonho da eternidade	69
Capítulo 14 - A busca da verdade	73
Capítulo 15 - A necessidade de perdão	75
Capítulo 16 - O grito dos excluídos	78
Capítulo 17 - A força do perdão	80

Capítulo 18 - Desarme-se, irmão!	83
Capítulo 19 - Diante da morte	87
Capítulo - Após a morte	90
Capítulo 21 - O prazer de servir	93
Capítulo 22 - Presença de Deus	97
Capítulo 23 - Dia negro	99
Capítulo 24 - Consciência social	103
Capítulo 25 - Onde está Deus?	107
Capítulo 26 - Grandeza do amor	110
Capítulo 27 A humanização do mercado	113
Capítulo - Receita da felicidade	116
Capítulo 29 - Bendita a oração	120
Capítulo 30 - Confiança no amanhã	123
Capítulo 31 - Outra realidade é possível	126
Capítulo 32 - Solidariedade planetária	130
Capítulo 33 - A conquista da paz	134
Capítulo 34 - Nossa Senhora	138
Capítulo 35 - Varbos divinos	141
Capítulo 36 - Menino Jesus	146
Capítulo 37 - O papel do Papa	151
Capítulo 38 - Amor fraternal	157
Capítulo 39 - Confissões de Padre José	161
Capítulo 40 - Pela paz ambiental	163
Capítulo 41 - Coragem	167
Capítulo 42 - O mundo das drogas	171
Capítulo 43 - Conversão	175
Capítulo 44 - Comunhão	179
Capítulo 45 - Sensibilidade	182
Capítulo 46 - Revolução espiritual	188

Capítulo 47 - Estado de paz	192
Capítulo 48 - Verdades inadiáveis	195
Capítulo 49 - Santa missa	198
Capítulo 50 - Terra da Promissão	201
Capítulo 51 - Dias melhores	204
Capítulo 52 - Agradecimentos	207